



MARIA O'NEIL

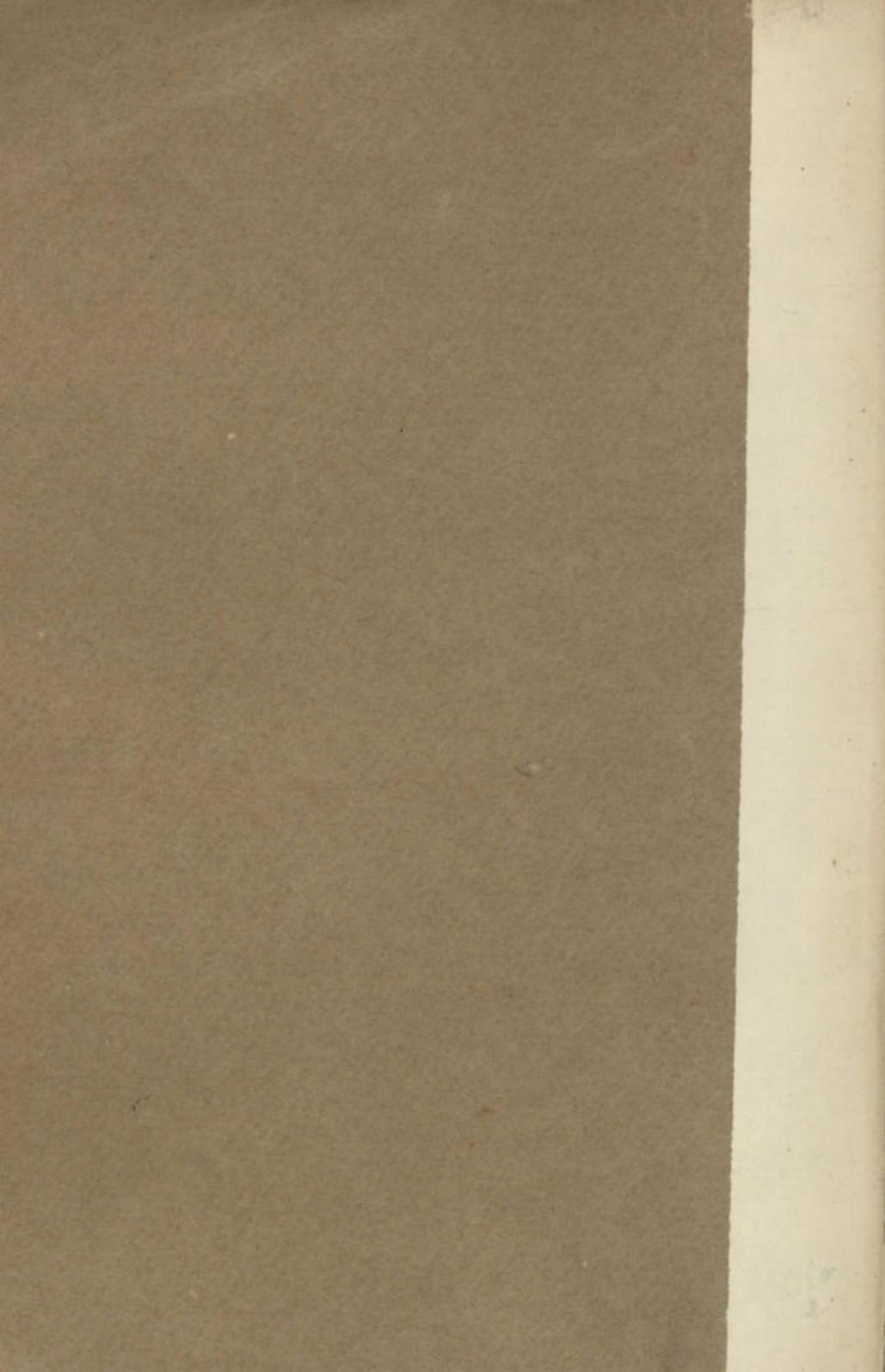
Almas Femininas



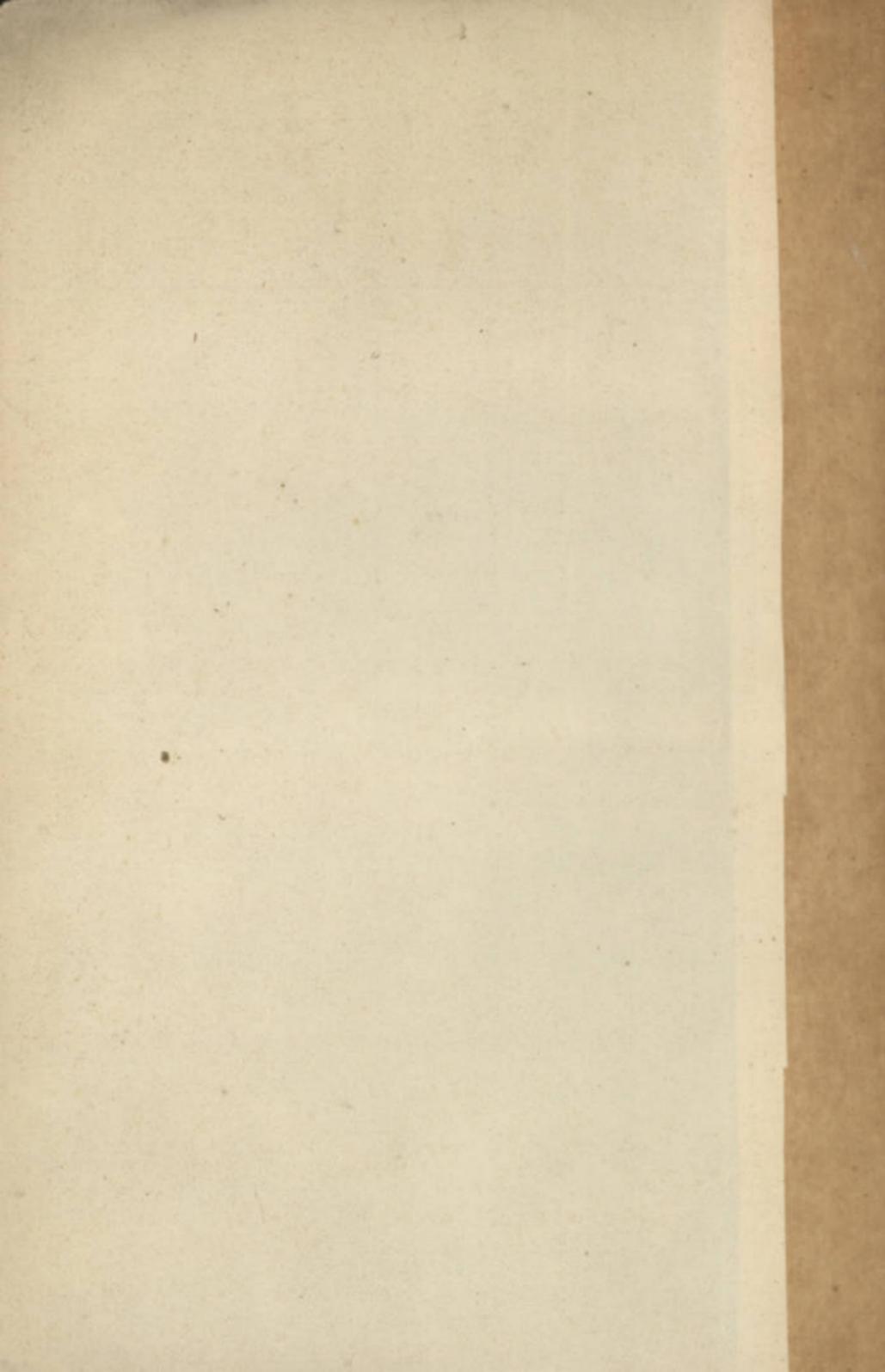
5

11, Largo dos Loyos, 14
PORTO-1917

Livraria MAGALHÃES & MONIZ—Editora



Almas-Femininas



14335

62301

IMP. LEG.



Almas Femininas

10000



TYPOGRAPHIA PROGRESSO
DE DOMINGOS AUGUSTO DA SILVA
Rua Dr. Souza Vilerbo, 91
Porto — 1917

14835
Luz
MARIA O'NEILL

Almas Femininas

IMP. LEG.



62301

PORTO
LIVRARIA MAGALHÃES & MONIZ — EDITORA
11, Largo dos Loyos, 14

—
1917

L.

14335

LORETO—HELENA—MARGARIDA
—JULIA—LUDOVINA—LUIZA—ESTHER

Em cada coração existe um mundo
diverso d'este mundo.

Coreto

ERA no tempo das vindimas, n'aquelle mez
em que, no dizer magnifico d'um mestre
das lettras patrias,

pendem cheios os uberes das vinhas
sollicitando os dentes e os olhares;

e em que

como o verbo das velhas adivinhas
espuma o vinho e o riso nos lagares.

O illustre advogado Mario d'Oliveira, cansado d'uma vida de trabalho violentissimo, resolveu ir passar essa encantadora quadra do anno a uma formosa propriedade que possuia proximo da Azibreira, pequena e bem posta aldeia

situada na falda d'um outeiro, e que o viajante, seguindo a estrada que d'Alemquer conduz a Torres Vedras, enxerga á sua direita.

— Repousar um mez inteiro, dissera-me Mario d'Oliveira convidando-me a segui-lo, um mez sem tribunaes, sem processos, sem policia! Chega a parecer inconcebivel.

Concordei e acceitei. Não por elle, de cujo affecto o seu azedado character me affastava dia a dia, mas por Tecla, sua mulher, sem a amizade fraterna da qual eu, desilludido do amôr, não poderia viver. Habituará-me ao seu character, um pouco orgulhoso e imperativo, mas extremamente affectuoso, dedicado e leal. Acabaramos por não ter segredos um para o outro e a nossa afeição fortalecia-se todos os dias, baseada n'um conhecimento mutuo.

Mario d'Oliveira via sem inquietação esta crescente intimidade e, cada vez mais affastado da convivencia espiritual da mulher, da qual, por certas razões, temia, não sem motivo, a agudeza e perspicacia, estimava que eu o dispensasse d'uma tarefa que lhe era incommoda, dizendo-me frequentemente:

— Livra-me de Tecla; a sua mania de me dissecar o coração aborrece-me.

Ao principio insurgi-me e respondi-lhe com enfado e aspereza; mas a pouco e pouco a

semelhança dos nossos caracteres e a perfeita identificação dos nossos gostos, tornara-nos irmãos. Deixar de a ver diariamente parecia-me impossível. Ella tomara uma tal parte na minha existencia, que alguns momentos houve em que me observei com inquietação, estudando, a frio, o sentimento que me unia a essa mulher jovem e bella. Em breve me tranquillisei: era o mais puro, o mais innocente possível.

Partimos, pois. Os primeiros oito dias passaram-se n'um socego absoluto. Mario d'Oliveira extasiava-se durante horas inteiras ante a belleza da paisagem, deitado á sombra dum moinho de vento sobranceiro ao valle. Eu e Tecla percorriamos a pé ou a cavallo os sitios mais pitorescos dos arredores. Um dia, em que voltavamos d'uma excursão distante, ao chegarmos á altura de Mata-Cães, mettemos os cavallos a passo, notando que vinham fatigados e, examinando os incomparaveis effeitos d'um deslumbrante pôr de sol, deixamos morrer a conversa.

Gemiam na estrada os carros vergados ao peso das balsas cheias de uva, e estralejavam as gargalhadas das raparigas com os olhos a brilharem dos repetidos beijos dados na bica do lagar. Um pastor tangia o gado descendo o ingreme *Barrigudo*, e atirava de quando em quando uma pedra a qualquer rez mais affas-

tada. Em baixo, nos *Fornos da cal*, um arrieiro carregava de sacos um macho ainda novo, cantando, com toda a força dos seus pulmões, na conhecida toada do *Balancé da neve pura*:

Pôr ao desejo barreiras
Era decerto perder-te.
Que importa que me não queiras?
Quando eu quizer, hei-de ter-te.

Se teimas em não ser minha
Dás prova de que estás louca:
Foje do sapo a doninha
E vai morrer-lhe na bocca.

Tecla prestava atenção á cantiga e uma viva contrariedade contrahia-lhe o sobr'olho n'um movimento altivo, quasi masculino, que me lembrou Margarida, a mulher por quem Mario d'Oliveira andava cada vez mais louco. Por natural e rapida evolução do pensamento, indignei-me contra o destino que concedera a Mario, um ser egoista, vaidoso e vão, o amôr de duas mulheres tão pouco vulgares; emquanto que eu, com alma e coração para as apreciar á sua justa altura, nunca conheceria o prazer de me sentir amado. Tão absorto estava na muda e intima contemplação das injustiças que a vida encerra, que me sobresaltei ouvindo a voz de Tecla.

— Não queria dizer-lhe nada, Mauricio. Desejava respeitar o descanso que você e meu marido se impuzeram, mas a Maria do Loreto dá-me cuidado.

A Maria do Loreto era a filha do feitor dos meus amigos e a rapariga mais formosa que havia em dez leguas ao redor: esbelta, nem alta nem baixa, de faces brancas e rosadas, cabellos castanhos em formosos anneis naturaes, com uma bocca a que um beijo seria larga medida, e uns olhos verdes e luminosos, que aquentavam o coração de quantos os fitavam, Maria do Loreto era a mais perfeita realisação do typo meridional que ainda, até hoje, me tem sido dado contemplar. Tinha por ella o aprêço que se liga a uma tela encantadora. Foi por isso com real interesse que indaguei:

— Que tem ella?

— O peor dos males: ama.

— Ah! se é só isso, não me parece que haja razão para sustos. Está na idade propria.

— Não, ha mais alguma cousa. Escute-me com attenção.

— E' o que sempre faço.

— Ella ama, ha muito, desde criança, o dono da quinta dos Cysnes. O Mauricio não o conhece. E' um morgado, rapaz muito apresentavel e instruido, que ficou orphão aos doze annos, e

conta hoje vinte e dois e uma fortuna regular: propõe-se fazer da Loreto sua mulher. O pae d'ella, porém, com uma estupidez inqualificavel, oppõe-se ao casamento e quer, a todo o custo, uni-la áquelle arrieiro que viu nos *Fornos da cal* cantando, evidentemente para ella ouvir, umas quadras tão significativas.

— Aqui? perguntei eu admirado.

— Sim. Ella deve estar lavando no *Cizandro* com as irmãs.

— O caso não me parece muito feio visto que é ella quem hade casar: declara, muito perentoriamente que só quer marido a seu gosto e . . .

— Como o Mauricio arranja tudo facilmente! volveu Tecla impaciente. — Escute primeiro e faça observações depois.

— Tem razão: sou todo ouvidos.

— Este homem, que se hospeda sempre que vem á cal, no *Casal da Avelaneira*, arranhou ao velho uma promessa de casamento sem consultar a noiva, dando como pretexto que ella era uma criança. O feitor que conhecia a inclinação da filha pelo morgado, e que diz preferir vê-la morta a vê-la trajar de senhora e usar chapeu, acceitou apressado o noivo, ordenando á rapariga:

«— Has de casar.

«—Sou muito nova, meu pai, e não tenho pressa.

«—Aposto que se fôsse para outro lado . . .

«A rapariga córou, inclinou a cabeça e ficou silenciosa.

«—Está visto! afirmou colérico o Manoel.
—E' pôr-me tento n'esse miolinho, senão, . . .
racho-a de meio a meio.

«E dando um violento murro sobre a mesa, que fez estremecer a mulher e os filhos, poz a espingarda ao hombro e foi-se á cata das perdzes.

«Maria do Loreto desmaiou nos braços das irmãs e, quando voltou a si, vendo a seu lado o promettido e aborrecido noivo, disse-lhe que gostava de outro, que o detestava e que nunca seria sua mulher.

«—E' o que havemos de vêr, respondeu-lhe elle em tom de desafio.

«No dia da festa do *Asylo de Runa*, Maria foi com a mãe e as irmãs ouvir a musica alli. O João Mendes lá estava e fallou-lhes. Maria do Loreto sentia-se feliz quando, levantando os olhos, viu a poucos passos o Evaristo, que, de mãos nos bolsos e assobiando por entre dentes, agitava a perna direita por um ríspido movimento, que a Loreto conhecia bem como precursor de tempestade.

«A pobre rapariga tremeu e despediu-se do Morgado, receiosa d'uma scena desagradavel alli. Então Evaristo aproximou-se, tomou-lhe a mão com auctoridade e collocou-a no seu braço, dizendo:

«— Vamo-nos embora. Já basta de folia.

«— Mas eu não quero ir sem minha mãe.

«— Ora deixe-se de tolices. Você é minha mulher, entenda-o bem: e fique sabendo que, se eu a vir outra vez a fallar com aquelle figurão, mato-o com a mesma frescura com que bebo um copo de agua.

«— Mas eu não gosto de vocemecê nem o quero para marido.

«— Ora adeus! juizinho, senão . . .

«E com um gesto ameaçador levou a mão ao bolso e mostrou-lhe uma navalha:

«— No dia em que eu me convencer de que assim é, mato-te! . . . Se não fôres minha, não serás de ninguem.

«E n'estas e n'outras gentilezas parecidas trouxe a rapariga para casa.

«Ella tomou-lhe mêdo e nunca mais quiz sahir só. Quando o Evaristo cá está, mette-se em casa da madrinha e não apparece.

«O homem raiva e jura vingar-se. Já vê, Mauricio, que o caso não é tão natural como se lhe antolhava.

— Tem razão. E' mesmo muito singular. Merece ser estudado com cuidado.

— O tal Evaristo tem pessima apparencia.

E, conversando no assumpto, chegamos á quinta. Mario d'Oliveira, que do seu posto de observação nos viu aproximar, desceu a receber-nos e entramos juntos em casa.

*

*

*

— Vocês hoje sahiram muito cêdo, observou o meu illustre amigo. Tu abusas do Mauricio, Tecla; nem ao menos lhe deixaste receber o correio.

Havia nas palavras de Mario um tal fundo de impertinencia que a mulher, interdicta, còrou sem saber que responder nem que pensar.

Eu, olhando para o logar onde costumavam pôr-me a correspondencia, comprehendí o aze-dume das palavras de Mario. A lettra rasgada de Margarida traçara o meu nome n'um elegante sobrescripto lilaz.

Involuntariamente fitei Tecla; uma expressão de subita frieza dera uma apparencia de rigidez austera á sua aristocratica physionomia.

Sacudiu, indifferente, com a chibata, o pó das botas de montar e, sem responder ao marido, levantou n'um gracioso movimento o saiote no braço esquerdo e sahiu da sala.

Fiquei perplexo sem saber se devia, ou não, lèr a carta deante de Mario. Por fim decidi-me e abri. Eis o que continha:

«Meu caro amigo,

Que carta a sua! Far-me-hia rir, se eu não estivesse já deshabituada d'isso.

O medico francez, que a rica imaginação da viscondessa de Montes suppõe apaixonado por mim, é um excellente amigo e nada mais. Descanse. Se alguma vez carecesse de amparo, buscaria o seu. A maneira por que o meu amigo se tem dedicado a Tecla, o affecto fraterno que lhe dispensa, dão-me bem a medida do que o seu coração vale, e de que thesouros de ternura elle é capaz. Está escripto que os homens que se interessarem por mim se hão de interessar por ella, apesar dos nossos caracteres serem tão perfeitamente antagonicos quanto as nossas phisionomias. Ao destino não ha fugir... Como Mario me deixou para desposar Tecla, acho justo que Mauricio a deixe por mim, tanto mais que

ella só perde um irmão emquanto que eu perdi o melhor da minha alma, a minha unica razão de sêr. Se a justeza d'este raciocinio disputar algum dia o meu coração em seu favor, chama-lo-hei. O que, deve concordar, não seria muito lisonjeiro nem para Mauricio nem para mim.

Até que esse milagre se realise, continuarei a ser sempre sua amiga dedicada e grata,

Margarida.»

«P. S. Não admira os progressos que faço na cura da estúpida doença que se chama amôr? Não lhe perguntei pelos seus hospedeiros e não houve n'isso intenção. E ha ainda quem duvide da infalibilidade da philosophia! Loucos!»

Depois de ler esta carta estendi-a ao meu amigo, que tinha cravado n'ella um ávido olhar:

— Ahi a tens.

Leu-a d'um folego e bradou com desespero:

— Era isto que querias que eu visse?

— ?

— Que ella te ama visto que chega ao disparate de ter sombra com Tecla.

— Não me parece que d'essa carta se possa inferir nada d'isso, mas...

Mario d'Oliveira tomou-me as mãos e constangendo-me a fita-lo, pediu:

— Dá-me a tua palavra que me respondes lealmente...

— Sem hesitar, meu caro, respondi eu pensando que se tratava de Tecla.

— Se eu te pedisse que desistisses de te occupar de Margarida, que me responderias tu?

— Que não te reconheço direito para me fazeres um igual pedido.

— Pois bem, Mauricio, dir-te-hei a verdade toda: sou um fraco. Se Margarida pertencer a outro... mato-me. Aquella perfidia de Tecla fez-me conhecer todo o logar que ella tinha na minha alma; e, se a noticia do tal casamento fôsse certa, ter-me-hia morto... Espera... ainda aqui tenho a prova...

E Mario d'Oliveira estendeu-me um sobrescripto tarjado de preto.

Abri: eram tres cartas que, na ideia de se matar, elle escrevera. Uma para a mulher pedindo-lhe perdão, outra para mim e a terceira para Margarida. Todas eram dilacerantes e mostravam que, sob aquella apparencia reservada e frivola, havia um coração amantissimo.

Commovi-me com a leitura, e as lagrimas

assomaram-me aos olhos. Rasguei as cartas, lancei os pedaços ao cesto dos papeis e aproximando-me do meu desvairado amigo que, acobrunhado pela humilhante confissão, occultava o rosto nas mãos, bati-lhe no hombro, dizendo:

— Descansa, louco. Desde hoje, Margarida é sagrada para mim. Mas agora uma pergunta a que o meu sacrificio me dá direito: porque a deixaste por Tecla?

— Não conheces o coração do homem, Mauricio... Orgulho, vaidade, ancia de poder... Tecla para mim é o habito, Margarida a paixão. Esta é minha e, como proprietario, insurgi-me quando a julguei roubada; aquella perdi-a por estouvamento e daria tudo... tudo...

Callou-se envergonhado.

— E's ingrato com tua mulher.

— Que queres que lhe faça? Sou assim. Não lhe perdô a *manobra* que poz em pratica para me separar de Margarida. Tecla, crê-me, Mauricio, é uma habil comediante e nada mais. Se lhe fôsse dado poder armar-me outra vez a ratoeira, por modo identico... o resultado seria muito diverso.

— Creio, disse eu convencido.

— Que tristeza que faz olhar o passado e vêr que houve um momento, — que digo eu? — mais d'um, em que tive a felicidade ao alcance da

mão, e que só dei por isso depois de ter perdido o ensejo de a reter.

— Nunca me succedeu isso; mas se tivesse succedido, não me consolaria.

— O homem é um estranho animal! Em Lisbôa, cheio de afazeres, cansado de tantas e tão constantes investigações, sentia uma necessidade absoluta de repouso. Aqui, no meio d'este socego em que a tristeza augmenta, porqué o pensamento está liberto de assumptos estranhos áquelle que me interessa o coração, o tempo não passa e lembro-me com saudade do reboliço que me não deixava pensar...

— E' natural.

*

* *

E' noite de lagarada na quinta dos Cedros. As janellas da sala, abertas sobre o pateo interior, permittem-nos ouvir os descantes e as conversas dos camponezes, as admoestações do feitor, e até alguma phrase, mais ou menos duvidosa, arrancada aos labios sujos d'algum por qualquer brincadeira, brutal e intempes-tiva.

Os ouvidos aristocraticos de Tecla recusa-

vam-se annualmente a tão grande invasão plebea; mas este anno, com grande pasmo do marido, pedira que se não fechassem as janellas e escutava com attenção visirha de estudo, quanto se dizia no lagar.

— Vá de vez, gritava a voz rouca d'um tangedor de viola, dansem-me ahi um sapateado sem sapatos, rapazes!

E cantavam:

O TANGEDOR

Pisem uva, pisem uva,
Vão pondo as pernas de luva.
Tanto saltem n'esse mosto
Que lhes tinja mãos e rosto.

Os LAGAREIROS

Ai! a vindima dos cachos
A quantos torna borrachos!
Mas mais que o vinho as cantigas
E os beijos das raparigas.

O TANGEDOR

Pisem uva, pisem uva,
Vão pondo as pernas de luva,
Mas corra o vinho, as cantigas,
E os beijos das raparigas.

OS LAGAREIROS

A noite da lagarada
 Sempre ha de ficar lembrada,
 E quem mais n'ella gozar
 Mais tem depois que contar.

O TANGEDOR

Pisem uva, pisem uva, etc.

— O' Evaristo! Que diabo estás tu para ahí a fazer?

— Estou-me a concertar o *revolve*.

— Ora, tomáras tu que te concertem a ti!

— Já não é *facel*, resmungou elle n'um tom meio zombeteiro, meio ameaçador.

— Tiraste-lhe tu as cargas? perguntou o feitor no tom auctoritario de quem está habituado a mandar.

— Pois não *havêra* de tirar? Está tão manso como o seu gato. Olhe; pode-se, sem receio de ficar mal, fazer com elle pontaria a inimigos. Heim! *sôr* João, tenha-se firme.

Tecla empallidecera e levantara-se subitamente; mas, antes que tivesse tempo de proferir uma palavra, soara uma detonação logo seguida d'um grito e d'uma medonha confusão de vozes. Quando eu e Mario d'Oliveira corrê-

mos para a porta, esbarramos com Maria do Loreto.

— Foi elle! foi elle! dizia a pobre criança no auge da afflicção. Elle bem dizia que o havia de matar.

— Elle quem? indagou Mario.

— O Evaristo. Eu tinha um pressentimento de quanto elle era capaz e bem lhe pedi que não viesse cá. Não quiz ouvir-me e ahí está morto! morto! perdido para todo o sempre.

Mario d'Oliveira olhou-a com piedade e sahiu sem nada lhe dizer. Eu segui-o. Maria do Loreto, vendo Tecla abrir-lhe os braços commovida, lançou-se n'elles, chorando como quando era pequena e vinha alli buscar refugio contra a severidade paterna. Tecla, não encontrando nada que lhe dizer, chorou com ella. E estas duas mulheres, tão separadas pela sua condição social, ficaram desde então ligadas pela mais forte amizade.

Não ha como a dôr comprehendida e partilhada para basear affeições indestructiveis.

Quando entramos no lagar, o espectáculo que se nos deparou era lamentavel: João Mendes estendido sobre uma maca improvisada não dava signal de vida. Evaristo mostrava-se desolado e o feitor, commovido, talvez mesmo pela funda antipathia que o ferido lhe inspirava, reclamava

em tom de commando que lhe ficára como recordação do seu tempo de sargento:

— Quatro homens de bôa vontade para transportarem o ferido a Torres.

— Prompto, meu amo.

Evaristo e tres moços espadaúdos e fortes tinham avançado.

— Tu não, disse Mario d'Oliveira em tom desabrido, affastando o arrieiro.

— Ora essa! E porquê, patrão?

— Porque... — e Mario fitava-o nas pupillas, — não sei até que ponto se pode responder pela tua innocencia.

— Então julga?

— Que é melhor dares entrada na cadeia até que a tua inculpabilidade esteja provada.

Evaristo deu um salto á rectaguarda e, arrancando rapidamente da cinta uma navalha de ponta e mola, investiu com o meu amigo. Mas, antes que tivesse tempo de lhe fazer saltar a lamina, foi rodeado e preso pelos lagareiros.

Os camponezes levantaram com cuidado a maca e puzeram-se vagarosamente em marcha.

— Vá, tornou o advogado, esse velhaco que acompanhe até Torres a sua victima. Manoel, monta no macho e acompanha o morgado.

E arrancando uma folha á carteira, escreveu n'ella á pressa umas palavras a lapis:

— Toma: entrega isto ao snr. administrador.

O triste cortejo em breve se pôz em marcha e Mario, vendo-o desaparecer na curva do caminho, disse-me desconsoladamente:

— Tenho sincera pena do João e creio bem que o Evaristo praticou o crime conscienciente.

— E' mais do que provavel, concordei eu.

*

* * *

Com grande pasmo não só do povo da Azibreira como das aldeias visinhas, o Evaristo foi posto na rua por innocente, apesar da Maria do Loreto ter declarado no tribunal quaes as ameaças que d'elle havia recebido. Aproveitando habilmente para isso a ausencia de Mario d'Oliveira que, com secreta e importante missão, fôra commigo a Londres, mexeram-se altas influencias locaes e politicas a rogos do Manoel feitor.

João Mendes, ainda combalido, tendo-se por assim dizer levantado do tumulo, após quasi tres mezes de doloroso soffrimento, não acreditava na culpabilidade do Evaristo. Julgava os outros por si, e, como nunca seria capaz d'um

acto de covardia, foi o primeiro a attestar a innocencia do arrieiro.

Maria do Loreto, desde que depuzera como testemunha no processo do Evaristo, tomára-lhe um tal mêdo que, assim que elle apparecia em casa do pae, recolhia doente á cama e a febre tomava taes proporções, que mais d'uma vez foi preciso chamar o medico a altas horas.

Evaristo fazia-se amavel. Trazia-lhe das Caldas cavacas, bolos, e até bonitas peças de louça, da fabrica do Bordallo; mas a rapariga accitava todos esses offerecimentos com um modo frio e redobrava de tristeza e de lagrimas. Manoel, carrancudo, mandara-lhe ser *bôa filha*. O que elle entendia por esta phrase era sacrificar-se a casar com o arrieiro. A mãe da pobre Loreto amofinava-se e tentava convencer o marido a deixar a filha, senão seguir a sua inclinação, pelo menos a não casar contrafeita; mas o marido respondia-lhe que fizesse meia e não se intromettesse em negocios que não eram da sua competencia; e, n'um tom que não admittia replica, n'um dia em que a mulher insistia mais, decidiu:

— Pois faz-se o casamento nas vespervas do Natal. Nunca, até hoje, faltei á minha palavra: d'ella a uma escriptura não vai a bem dizer isto...

E mostrava a ponta d'uma unha.

Maria do Loreto, avisada pela mãe, escreveu a Tecla uma carta afflictiva, e esta, conhecendo a fortissima eloquencia do silencio, mostrou-a ao marido sem nada lhe dizer.

O Natal, em Lisboa, em nada se assemelha ao das provincias, onde se guardam com veneração e seguem com respeito as velhas tradições portuguezas. E' heterogeneo o nosso natal, tão pouco nosso, como aliás todos os habitos e costumes da capital. E quem bem quizer a esta encantadora e malfadada terra, prefere passar a maior festa do anno em qualquer canto da provincia, onde os festejos sejam bem nacionaes.

Assim, Mario d'Oliveira e sua mulher, como pessoas de gosto, haviam resolvido passar a mais alegre festa do anno n'uma das mais alegres e bem postas aldeias do paiz, a Areosa, situada a pouca distancia de Vianna do Castello e que é afamada pela belleza e valentia das suas mulheres, as mais gentis e mais fortes da nação, cujo traço pitoresco e polychromo é d'um supremo gosto artistico. Eu tinha alli uma velha tia que ha longos annos me desinquietava para que fôsse, em companhia dos meus amigos, consoar com ella. Mas Tecla, sempre resistente em se affastar da mãe e da sogra em datas solemnes, nunca quizera acceitar os offerecimentos da minha tia Marianna; e eu, sem ella,

não tinha animo de ir. Em que havia de fallar com os meus parentes camponios? Que havia de fazer d'esta minha inutil pessoa que me pudesse interessar? O meu amôr pertencia inteiramente a Margarida; mas um amôr não correspondido assemelha-se á saudade e culto que se tem pelos mortos qüeridos. Ai! elles existirão para nós, no nosso coração, enquanto vivermos. Nós, infelizmente, não sabemos se existimos ainda para os que nos precederam no tumulo.

E' tão triste este estado moral! Talvez mais desolador ainda de que o fim dos derradeiros dias do outomno.

A minha amizade por Tecla era reconfortante, mas amizade a custo pode bastar a um ser affectivo como eu, e... não me bastava. No entanto, segundo um dos mais eloquentes oradores da nossa terra, *vive-se de fome* e eu vivia assim. Essa pouca amizade era o meu *tudo* pela fôrça das circumstancias. A carta da Maria do Loreto veio transtornar todos os nossos planos; e confesso que não foi sem um movimento de mau humor que tive de abandonar a ida ao Minho, cuja ideia me regosijava havia mais d'um mez.

—Será para o anno, prometto-lh'o, disse-me Tecla contente com a minha fraca resistencia.

N'essa tarde tomamos o comboio que parte

do Rocio á noite, por ser aquelle que era mais rapido, e deixamos, como sempre, a cidade sem saudade.

Na carruagem que nos levava a caminho da estação de Runa, onde devíamos apeiar-nos, encontramos, já installado, um velho militar trajando á paisana. Mario e a mulher fallaram-lhe com familiaridade e esta ultima apresentou-me ao snr. coronel Mendes. Trocamos cumprimentos e a conversa generalisou-se. Sempre curioso, o meu amigo perguntou:

—Então o que o traz aos nossos sitios, coronel?

—O meu sobrinho. O rapaz nem apparece, nem escreve: vive para aqui isolado e, segundo me informou confidencialmente o prior de Mata-Cães, anda embeijado pela filha do seu feitor. O caso parece que já ia dando de si.

—Eu sei, eu sei: é isso mesmo que cá me traz.

—Sim? perguntou intrigado o velho militar.

—Ou antes, quasi; porque é por ella, pela filha do meu feitor que eu venho...

—Entraremos em lucta, meu caro? perguntou sorrindo o velho.

—Lucta porquê? volveu-lhe Mario.

—E' que eu venho decidido a oppôr-me a que o João case com a pequena.

— Tem, n'esse caso, o melhor alliado no pai d'ella, respondeu-lhe Tecla em tom desprendido.

Examinei-a, e no seu olhar leal pude vêr pintada a mais viva contrariedade.

— Mas, indagou o coronel visivelmente amachocado no seu orgulho, quem quer aquelle figurão que lhe case com a filha?

— Um homem da sua classe, e se n'isso tem talvez razão, erra completamente no marido que lhe impõe.

E Mario d'Oliveira contou summariamente ao nosso companheiro de viagem o que sabia do assumpto.

— Pois amigo, desdigo-me. Se a rapariga é o que o senhor me diz, o João que case e que saia da terra com ella. O mundo é grande e com dinheiro vive-se bem em toda a parte.

Depois descreveu-nos a belleza e commodidades da sua casa, as magnificas fructas que tinha nos pomares e acabou por enumerar até as peças de linho que arrecadava nas arcas. Mario adormeceu. Eu, sentado em frente de Tecla, admirava de mim para mim como aquella criatura, intellectual e fina, fingia interessar-se por todos aquelles assumptos comesinhos, tão pouco dos seus habitos e do seu character.

Chegamos a Runa. Eramos esperados na estação pelo elegante *phaeton* de Mario, e o

coronel por João Mendes no seu modesto *to-neau*. Separámo-nos cordealmente e Mario, ao entrar para o carro, viu o Evaristo que parecia ter vindo alli para se certificar da sua chegada e, não se sabendo observado, levantou para elle o braço n'um significativo gesto de ameaça.

*

*

*

A vespera de Natal rompeu formosa. O sol, n'um fundo azul purissimo, fazia brilhar as arvores e a relva ainda humidas do orvalho. Em alguns pontos do terreno a geada punha manchas brancas das quaes se levantava um tenue vapor. Era um quadro do inverno em que palpitava a vida, lembrando um riso de mocidade n'um formoso rosto de velho.

Tecla, calçando as suas luvas de montar, descia a escadaria de pedra com a chibata entalada sob o braço esquerdo e o seu aspecto meditando contrastava com os risos da manhã. Os cavallos impacientes piafavam no pateo, e eu, não menos impaciente do que elles, esperava junto da montada de Tecla para lhe offerecer

o joelho como degrau. Ella estendeu-me a mão em silencio, saltou ligeiramente sobre o selim, acertou as redeas e, vendo que eu estava prompto a segui-la, cumprimentou com a chibata o feitor, que descia n'esse momento ao quinteiro, e metteu a meio galope. Vendo a pertinacia d'aquelle silencio, decidi-me a interrompê-lo:

— Então que é isso, Tecla, o campo entristeceu-a?

— Não é o campo que é mau, Mauricio, são os homens que são péssimos.

— Que lhe fizeram?

— A Maria do Loreto casa-se hoje ás duas horas: o pai, com quem tive uma entrevista, não attendeu a cousa alguma. Deu a sua palavra e não ha sahir d'alli. A unica maneira é conseguir que o Evaristo desista.

— Mas como?

— Dando-lhe dinheiro.

— E elle quererá?

— E' o que vou tentar.

— Por aqui?

— Sim. Elle trabalha n'um pinhal perto da quinta das *Lapas*... foi ahi dar meio dia.

— Não era melhor que eu fôsse fallar-lhe sósinho?

— Não. Vendo-me talvez se acanhe. Eu não

costumo fallar com elles: retribuo-lhes apenas as saudações.

Em breve alcançamos o pinhal. Evaristo, de machado em punho junto d'um pinheiro prostrado, reduzia-o a toros, cantando a sua quadra predilecta:

Pôr ao desejo barreiras
Era decerto perder-te.
Que importa que me não queiras?
Quando eu quizer hei de ter-te.

— *Stop!* disse Tecla ao cavallo.

E parámos junto de Evaristo quando a ultima nota da sua canção se perdia no espaço.

Elle desbarretou-se sem pressa e, vendo que Tecla o olhava com insistencia, perguntou:

— A senhora manda alguma cousa?

— Vinha fallar-lhe, Evaristo, desejava pedir-lhe um favor.

Elle abriu grandes olhos e esperou.

— Disse-me o meu feitor, continuou Tecla, que você casa hoje com a filha d'elle. Ora eu levo isso em pena porque tinha resolvido tomar a Loreto para o meu serviço e leva-la commigo para a cidade. Demais, a rapariga não gosta de você, e um casamento feito em taes condições não creio que possa dar felicidade a nenhum dos dois.

— Mas, minha senhora...

— Oiga com atenção e falle depois. Você é esperto, activo e trabalhador: são estas as razões que o Manoel me deu de o desejar para genro. Se você fôsse até ao Brasil, trabalhasse por lá e voltasse, não digo rico, mas n'outra situação, quem lhe diz que a Maria do Loreto não faria de vontade o que assim só fará pela força?

— Eu...

— Escute ainda. A minha proposta é a seguinte: dou-lhe 1:000\$000 de rs. e você vai tentar fortuna onde melhor lhe parecer. Ao fim de tres annos volta, e entretanto a Maria do Loreto fica commigo.

— Não, minha senhora... agradeço... mas quero mais á Loreto do que a quanto dinheiro ha no mundo.

Tecla não desanimou, e, depois de longa discussão, tudo que pôde conseguir, e não foi facil, foi que casásse e lhe confiásse a mulher logo ao sahir da igreja, enquanto elle ia tentar fortuna.

A minha amiga voltou desanimada.

A Maria do Loreto esperava-a no alto da escada com os olhos inchados de chorar. Ao saber o que se havia passado as lagrimas redobraram.

—Então? Não te apoquentes, minha filha. Em tres annos dá o mundo muita volta, dizia-lhe Tecla apparentando uma philosophia que não tinha.

*

*

*

O Evaristo cumpriu a palavra e recebeu a somma indicada; mas á noite, ao sahir da missa do gallo, mão certa lhe vibrou tão rapida e prompta facada, que a carótida esquerda lhe ficou cortada. Foi grande o reboliço, a que se seguiu a prisão do morgado, unica pessôa que o povo podia indigitar como auctor do crime. Maria do Loreto, contente ao saber-se viuva, defendia acaloradamente João Mendes, o que mais culpado o tornava ainda aos olhos dos outros: e no meio das imprecações do velho coronel, dos desmaios da mulher e das fanfarronadas do filho, Mario d'Oliveira, olhando o preso no fundo dos olhos, disse ao regedor:

—Eu não affianço o morgado porque este genero de crimes não admite fiança; se não, ficava por elle.

Pasmei, porque, no meu conceito, o culpado não podia ser outro. Quando vi o meu

*

amigo Mario estender-lhe a mão, dizendo-lhe: «Eu sei que está innocente e pô-lo-hei na rua, descanse.» Fiquei plenamente convencido de que Mario d'Oliveira sabia alguma cousa. A velha governanta de Tecla estava desolada com este contratempo e só repetia:

—Então a ceia? A ceia que está tão boa. Não se aproveita a ceia? Eu que puz tanto cuidado nos sonhos!... Dei uma volta nas filhotes! Ai!... Ao menos o vinho quente não m'o deixem perder.

Ninguem a ouvia. Mario d'Oliveira ferido de subita ideia, disse ao Manoel feitor:

—Chama os teus filhos. São rapazes decididos e quero organizar uma batida ao criminoso que, segundo penso, não deve andar longe.

Eram cinco os filhos do feitor e todos correram promptamente á chamada do meu amigo. Agostinho, porém, foi o ultimo a chegar.

—Parece que não tens tanta pressa como os outros?

O rapaz perturbou-se:

—E' que já me ia deitar.

—Na noite de hoje?!!

—A cabeça parece que não me anda muito certa...

—Está bem. Mas agora vaes acerta-la: trata-se de descobrir o assassino de teu cunhado.

— Ora!... elle não foi outro senão o snr. João.

— Viste?

— Lá isso...

E o rapaz coçou na cabeça.

— Está bem. Então não affirmes o que não podes nem deves.

E, acabando de lhes dar as suas instrucções, mandou-os capitaneados pelo pae, dizendo a este ultimo:

— Lembra-te dos teus tempos de militar: vai.

Então o sangue afluio ao rosto do velho e, voltando-se para os filhos que de espingardas apoiadas no chão, esperavam, bradou-lhes em voz de estentor:

— Ordinario, marche!

Partiram. E, apesar da tragedia d'aquella noite, não podemos deixar de sorrir.

A governanta voltou:

— A canja, meus senhores, está tão appetitosa! o vinho quente...

— Vão indo que eu já volto, pediu Mario.

— Esperamos-te, disse Tecla ao marido.

A governanta suspirou, murmurando:

— Perde toda a graça!

Mario d'Oliveira recolheu-se ao quarto.

Passou meia hora, uma, duas, e quando eu e Tecla, já aborrecidos, pensava-mos em nos ir deitar sem ceia, ouvimos soluços de mulher no

escriptorio. Pouco depois a porta abriu-se e Mario d'Oliveira sahiu amparando a mulher do Manoel feitor. Eu e Tecla trocámos um olhar de pasmo.

Mario, vendo-o, respondeu:

— Coitada, esta infeliz chora o crime do filho.

— Do filho?

— Sim; o Agostinho: foi elle que matou o Evaristo.

— Como o soubeste?

— Desconfiei d'elle logo pela destreza do golpe; depois, era o unico que nunca viu com bons olhos o cunhado que lhe propunham.

— Porém isso nada prova, disse Tecla, compadecida do estado da velha mãe.

— Enganas-te. A prova é o dinheiro que tu déste ao Evaristo o qual passou do bernal d'este para o colchão do Agostinho.

— Mas, para que dizes isso a esta pobre criatura? perguntou Tecla indignada.

— Eu não lh'o disse: ella é que me viu ir a sua casa e seguindo os meus passos comprehendeu tudo. Mas eu já lhe disse que não tem razão para se afligir assim: o rapaz deve ter aproveitad^o a occasião de fugir que lhe proporcionei. E a esta hora deve estar longe, creio. Mesmo se confessou ao pai o seu crime, elle deve-o ter obrigado a abandonar a terra.

— Ai! O senhor Oliveira foi muito bom nas suas intenções, mas não conhece o meu homem; com elle quem deve, paga.

— Não lhe digo que não, Maria, mas deixe lá: sempre é pai.

Um tropel de homens aproximando-se apressadamente, fez-nos passar a todos um calefrio na espinha dorsal. Que teria havido? Que iria acontecer? Os nossos olhos cravaram-se na porta com anciedade. Esta abriu-se violentamente e o Manoel feitor, trazendo o filho com as mãos amarradas atrás das costas e seguido pelos outros, entrou na sala de cabeça erguida e olhar scintillante:

— Meu amo, aqui tem o assassino.

A pobre mãe cahiu desmaiada sem soltar uma queixa. Tecla chorava; e eu e Mario estávamos profundamente commovidos.

— Está decerto enganado, Manoel, disse eu sem saber o que proferia,

— Não estou. O senhor Oliveira bem sabe que não estou.

— Porque não fugiste, patife? perguntou Mario irritado ao criminoso.

— Porque eu não deixei, respondeu Manoel vendo que o filho abaixava a cabeça em silencio:

— Vai para a cadeia e pedirei aos juizes toda a severidade da lei para este homem que veio ao

mundo só para enxovalhar os seus. Vá, rapazes, agora que já o trouxe a envergonhar-se aqui, a caminho: quero ir eu mesmo leva-lo á prisão.

E, como nenhum de nós achasse nada que responder, elle girou sobre os calcanhares e dirigiu-se para a porta. Ao passar junto da mulher desmaiada, lançou-lhe um olhar molhado de lagrimas, e disse ao preso:

— Olha, infame, mataste talvez tua mãe.

O rapaz desviou o olhar e uma lagrima rolou-lhe ao longo da face.

Quando os seus passos se perderam ao longe Tecla chamou as criadas e disse-lhes que removessem a pobre Maria para sua casa. Depois foi em procura de Loreto para evitar que a noticia lhe fôsse dada brutalmente.

Neste instante o rosto mortificado da velha governanta assomou de novo á porta da sala:

— Se V. Ex.^{as} quizessem ceiar...

— O' Victoria, pelo amor de Deus, deixe-nos em paz com a ceia, pediu Tecla impacientada.

— Tem razão, minha senhora, respondeu ella abrindo as portadas das janellas, para que a luz ainda tibia da manhã penetrasse no aposento:

— Se quizessem almoçar?

Mario d'Oliveira, enfurecido, sahiu da sala

sem lhe responder, e ella, dirigindo-se a mim, continuou com ar lastimoso :

— O vinho quente estava uma delicia!

Não pude mais e fugi tambem pela porta fóra.

*

*

*

Tecla foi encontrar a Maria do Loreto chorando e rezando junto do cadaver do marido.

— Então, Loreto? perguntou a bôa senhora sem saber a que attribuir a explosão d'aquella dôr:— Porque choras assim?

— O' minha querida senhora, seria o João?

— Não, não foi. Mas nem por isso te causará pouco desgosto saber quem o matou.

— Quem foi, minha senhora, quem foi?

— Foi o... o Agostinho.

— Ai o meu querido irmão! Era elle o unico que me animava a resistir ás ordens do pai!

E a pobre Loreto suffocava em soluços. Depois, olhava compadecida o cadaver do marido. Agora, que o não temia, sentia por elle uma infinita piedade. Affastava-lhe da testa os cabellos empastados em sangue, murmurando enternecida :

— Coitado! Sinto n'este momento, que talvez, o tivesse amado se elle vivesse. Fui-lhe fatal... Pobre homem! E' justo castigo que eu não torne a encontrar na terra uma affeição assim.

Tecla respeitou-lhe os remorsos, apesar de infundados, porque o seu coração de mulher comprehendia as torturas pelas quaes a pobre Loreto estava passando,

Entrando no seu quarto, Tecla deixou-se cahir extenuada sobre uma preguiçeira estofada; as palpebras cerraram-se-lhe e cahiu n'uma perfeita immobildade. Não dormiu. Reviu as noites de Natal da sua infancia, tão cheias de riso, folguêdos e flôres; o ultimo natal da sua vida de solteira, talvez o mais feliz de todos os passados, porque tinha junto de si o noivo que lhe promettia uma eternidade de ventura. E hoje?... Teve um suspiro doloroso: lembrou-lhe o natal preterito, ainda peor para ella do que este, porque tinha sido n'elle que percebera a inclinação de seu marido por Margarida. Recordou-se de sua avó que lhe dava sacos de setim bordados cheios de *bon-bons*, e lhe dizia sempre que os melhores nataes seriam os da sua infancia.

Noche buena! Bôa nunca mais seria. E n'estes e n'outros tristes pensamentos os olhos iam-se-lhe fechando, as ideias começavam a embrulhar-se-lhe, e o somno, melhor é mais fiel

amigo dos desventurados, vinha-lhe chegando. Tinha mesmo tomado posse d'ella quando a porta se abriu de mansinho e Victoria, mettendo a cabeça para dentro do quarto, disse em tom dolente:

— V. Ex.^{as} não ceiam. Não quer que lhes mande servir o almoço, minha senhora?

— Pois sim, mas arranje-me primeiro um banho.

Victoria retirou-se triumphante e Tecla entregou-se a ligeiros cuidados de vestuario.

*

*

*

Tinhamos acabado de nos sentar á mesa quando o Manoel feitor, entrando, acompanhado por João Mendes, disse, com lagrimas nos olhos:

— Aquí o snr. João diz que as culpas d'uns não recahem nos outros, e não desdenha, depois do que se passou, entrar na minha familia. De fórma que para o anno, na vespera de natal. . .

— Lá isso não, snr. Manoel, n'outro dia qualquer. A vespera de natal está para nós triste e indelevelmente marcada. Não lhe parece? perguntou o Morgado.

— Tem razão, *sôr* João. . . Que triste noite! . . . Que triste dia!

— E o teu rapaz? perguntou Mario d'Oliveira.

O velho estremeceu, mas em tom resolutivo respondeu-lhe:

— Morreu, senhor. Só me restam quatro que Deus conserve na sua santa guarda. Com sua licença.

E sahiu apressado da sala para occultar as lagrimas.

O Morgado que tinha com Tecla e Mario a maior intimidade, almoçou connosco.

No dia seguinte, depois das respectivas formalidades, realisou-se o enterro do Evaristo. No principio da semana regressamos a Lisboa. Maria do Loreto veio connosco. João Mendes tinha pedido a Tecla para se encarregar de a educar e fazer d'ella realmente uma senhora, o que não era difficil. Mas, quando passados alguns meses, Tecla lhe fallou na promessa que o Manoel feitor havia feito ao Morgado, Loreto sorriu tristemente e respondeu-lhe:

— Eu não casarei. Soffri muito junto do cadaver do Evaristo e comprehendi a grande profundidade do seu affecto por mim, affecto que tão caro lhe custou. A unica cousa que posso fazer-lhe é ficar fiel á sua memoria. Se

no ceu, onde elle está, sabe o que cá se passa, creio que estimará esta minha resolução.

Tecla, Mario, o Morgado e até eu, tentamos demovê-la: foi tudo em vão. O morto tinha mais fôrça do que os vivos.

Maria do Loreto ficou commôscio e tornou-se para Tecla, que a educou, uma companheira apreciavel. A sua voz fez furor, nos salões da capital, cantando os trechos mais encantadores dos melhores compositores italianos; mas quem passasse de manhã pela porta do seu quarto, ouvia-a trautear baixinho:

Pôr ao desejo barreiras
Era decerto perder-te.
Que importa que me não queiras?
Quando eu quizer hei de têr-te.

Se teimas em não ser minha
Dás prova de que estás louca:
Foge do sapo a doninha
E vai morrer-lhe na bocca.

Eis como um amôr, ou remorso mal comprehendido, estragou a vida da mais bonita rapariga da Azibreira. E vão lá chamar á noite de Natal *noche buena* quando, para tantos, a imagem negra da morte a torna tristemente fatal!

Helena



Não havia em Lisboa amator de antiguidades que não conhecesse a bruxa da Ilha das Cobras, lhe não devesse a aquisição de qualquer obra de arte ou objecto raro, e tambem alguma decepçãosita ou lôgro, que ella sabia habilmente misturar aos seus serviços de modo a fazer-se perdoar.

Inculcadeira de criadas, descobridora de maravilhas antigas, alcofinha de amôres, adela e empregaria de theatros de feira, Helena tinha entrada em todas as casas, e amigos e conhecidos em todas as classes sociaes.

Era uma mulher de genio, e tão grande na sua ignorancia e talentos, que fez mais d'uma vez inveja a notaveis politicos contemporaneos.

Na diplomacia ninguem lhe levava a palma.

Bismark mesmo, se a tivesse conhecido, adoptaria, como infalliveis, muitos dos seus processos. A Ristori e a Duse pasmariam do seu talento tragico.

Se tivesse instrucção e se dedicasse ao commercio, teria podido competir com o proprio conde de Nerby, o mais habil e opulento banqueiro da capital. Sómente nunca poderia ter sido uma mulher honesta.

Era de malha muito larga a sua consciencia e tinha, para seu uso, uma baixa e facil philosophia que a fizera escolher, em certa casa da rua do Norte, n'uma ceia em que o *Champagne* do Douro correrá em abundancia, a divisa de que fizera a synthese da sua vida: *todos os meios são bons quando nos levam ao fim desejado.*

Muito religiosa e devota, dava aos santos, nos seus negocios pouco lisos, a percentagem que os auctores costumam dar aos livreiros, afóra brindes especiaes, como flôres, azeite e cêra, quando ultimava qualquer patifaria de maior vulto.

Isto no moral.

Quanto ao physico não era menos singular. Apesar de baixa, era proporcionada e gentil. Tinha o rosto accentuadamente moreno, onde brilhavam olhos d'um azul claro e vivissimo. Cabellos negros, sedosos e ondeados, sempre

irreprehensivelmente penteados em bandós, davam-lhe ainda mais realce ao olhar; o seu fato, sempre limpo e por extremo aceiado, seguia constante atravez da moda, de que ella conhecia e apreciava muito bem a variedade: uma saia de merino preto, casaco da mesma fazenda e um chale posto em bico. No verão, um lenço de sêda rôxa, no inverno de lã preta, era a unica concessão que ella fazia ao rigor das estações.

A casa em que habitava compunha-se de sete divisões. A primeira, a que ella dava o pomposo nome de sala, tinha na parede principal um oratorio antigo, de portas abertas, muito cuidado, onde ardia constantemente uma lamparina em honra do Senhor dos Passos, tendo aos lados duas bandejas, uma com *terra de sete campas*, que ella renovava cada vez que ia ao cemiterio, a outra comervas milagrosas colhidas no Alto de S. João, ao soar da meia noite. Molhos de rosmaninho e de alecrim pendiam das paredes de mistura com retratos de pessoas notaveis, recortados dos jornaes e encaixilhados em molduras feitas com gravuras das caixas de phosphoros de vintem. Seis cadeiras de mogno polido, postas symetricamente em volta do aposento, completavam a mobilia.

O segundo quarto, mais vasto, era o estabelecimento de adela. Vestidos de todos os feitios e qualidades, rendas de França e de Inglaterra, pontos de Veneza e de Bruxellas, velludos magnificos, colchas antigas, paramentos, sapatos, chapeus, etc.

A seguir vinha o *museu*, designação que ella dava a dois compartimentos ainda mais amplos, atulhados de mobilia antiga, louças da India, Sévres e Japão, faianças raras, esmaltes, marmores, bronzes, jaspes, telas de preço, leques magnificos, gravuras esplendidas, joias formosissimas, etc.

O quinto compartimento, para o qual se entrava não só pelo *museu*, como pelo corredor, era aquelle que lhe valia o titulo de bruxa. Allí, n'uma mesa coberta com um panno negro, sobre o qual se ostentava, além d'uma caveira, um baralho de cartas enxovalhadas, havia um corvo e varios ouriços-cacheiros. Uma grande gaiola, no vão da janella, continha tres gallinhas pretas, destinadas, como os ouriços, á venda aos freguezes. N'uma estante envidraçada via-se farta copia de frascos e boiões contendo diversas drogas e remedios. N'uma mesa, collocada junto da parede, alinhavam-se cuidadosamente pequenos pacotes de hervas medicinaes. N'este quarto tudo, até o chão, era pintado de preto. Nas

paredes destacavam-se, como unicos ornamentos, caveiras sobre tibias cruzadas. A cosinha, pequena, mas alegre e aceiada, completava, com o quarto de dormir, a morada da bruxa, da qual só o gabinete negro tinha um aspecto pesado e triste.

Colleccionador de cousas antigas, apaixonei-me por ellas até á mania: a ponto de perder dias e dias á busca de raridades. Um dia, o conde de Nerby disse-me:

— «Pensei hoje em você.

— «Sim? porquê?

— «Encontrei em casa dos Varziéllas, a Helena *bric-à-brac*: levava um cofre de Sévres, que ella diz ter pertencido á marquezia de Xira. Era um primor.

— «Muito caro? perguntei eu tentado.

— «Bastante. Ella sabe bem o que vende.

Indaguei a sua morada e lá fui. Apenas para vêr, porque os meus recursos não davam para prêços elevados. Foi assim que penetrei a primeira vez n'esta estranha casa e conheci a singular criatura que a habitava. Frequentei-a depois assiduamente, porque a profissão de policia amador levou-me a escolher Helena como um auxiliar precioso nas investigações.

*

* *

Era meio dia. Um calor ardente e asphixiante, tornava intoleravel o caminho da Ilha das Cobras, mas um forte empenho fazia-m'o supportar. Elisa Ferner confiára na maior afflicção ao meu amigo Mario d'Oliveira que Elsa Vignola havia sabido que Bernardo de Lima tinha documentos valiosos, de character politico, guardados n'uma secretaria collocada no seu escriptorio, e empregava todos os meios para os obter. Bernardo, em viagem de recreio pelo estrangeiro, não podia ser prevenido a tempo, e ella de forma alguma podia evitar, informando a policia, os maus intentos da perfida mulher.

Esta ultima, conhecedora da ligação de Elisa com o illustre diplomata, era mulher para se vingar. A habil italiana, sempre que se tratava de fazer mal, empregava nas suas commissões e negocios uma rival da Helena *bric-à-brac*, menos afamada do que ella, mas com igual engenho e talvez mais maldade, conhecida pelo poetico nome de Rosa dos Alamos.

Elisa, entrando em casa de Elsa sem se

annunciar, ouviu esta proferir o nome de Bernardo de Lima, e, ciumenta, como toda a mulher portugueza, escutou. Inteirada dos planos da sua péssima amiga, teve animo de a vêr, de trocar com ella algumas frivolidades, com o sangue frio que nunca abandona a mulher intelligente e que conhece o mundo, e, terminando, sem pressa apparente, a visita, correu a prevenir Mario d'Oliveira.

Este socegou-a e disse-me rindo:

— «Meu caro, para mulher o melhor antagonista é outra mulher, principalmente se o coração ou o interesse as torna rivaes. Chama-me a Helena.

— Vou lá, tanto mais que ella tem, segundo me disse o conde de Nerby, uma miniatura de Maria Antonieta para vender, que era da preciosa collecção de El-Rei D. Fernando.

Limpando o suor e maldizendo a minha curiosidade de antiquario, bati á porta da Helena.

Uma preta pequena, vestida d'um modo extravagante, veio abrir.

— A senhora está? perguntei eu.

— *Tá* na consulta, respondeu ella gravemente.

— Não a interrompas. Espero-a no *museu*. Quando ella terminar, avisa.

— *Si sior.*

Entrei sem fazer ruido e, em vez de me lançar no exame das curiosidades expostas, dirigi-me a um pequeno orificio praticado na porta que separava o *museu* do *gabinete negro*, por onde, mais d'uma vez, eu vira Helena espreitar a qualidade dos seus consulentes.

Deparou-se-me um espectáculo curioso:

Sentada junto da mesa e coberta até aos pés por um amplo véu negro, preso em volta da cabeça por uma fita de velludo da mesma côr, que rematava na frente por uma caveira pequenina, trabalhada em marfim, sobre duas tibias cruzadas, Helena, recostada com ar imperial nos braços da sua imponente cadeira, escutava attenta a narrativa que, em voz tremula de commoção, lhe fazia uma mulher nova e formosa, vestida com graça e elegancia, apesar da sua visivel pobreza.

Quando a gentil cliente se callou a bruxa respondeu-lhe em tom solemne:

— «Para isso, minha menina, temos a magica do sapo preto, mas não lhe escondo que é grave, gravissima.

— «Sim? perguntou a rapariga atemorizada.

— «E' necessario que lhe tenha tanto amôr que, para o possuir, não hesite em offerecer a sua alma ao diabo.

— «Crédo! Jesus! Maria! exclamou a rapariga persignando-se. Hei-de perder a minha alma?

— «Eu disse-lhe que era *grave*.

A rapariga reflectiu um momento e por fim, no tom de quem se suicida, respondeu:

— «Seja... O que é preciso fazer?

— «Atar em volta da barriga d'um sapo preto, com duas fitas, uma preta, outra encarnada, qualquer objecto que pertença ao seu namorado. *Entonces*, lança o animal n'uma panella de barro, vidrada, *já se deixa vêr*, e recita estas palavras com a bocca sobre a tampa... Como é o nome de baptismo do seu pretendido?

— «João.

— «*Pois, João, se amares outra que não eu, ou lhe deres um só dos teus pensamentos, juro pelo diabo, a quem offerto a minha sorte, que te encerro no mundo das affeições como acabo de encerrar aqui este sapo; e de lá não sahirás senão para te unir a mim que te amo de todo o meu coração.*

«Tapar bem a panella, refrescando o sapo todos os dias com agua, e, no dia em que o casamento se ajustar, soltar o bicho ao pé d'algum charco, com muita cautella, *já se deixa vêr*, porque, se o maltratar, o casamento, de bom que poderia ser, tornar-se-ha intoleravel aos dois conjuges.

— «Mas como hei-de eu obter o bicho?»

— «Eu lh'o vendo.

— «E' muito caro?»

— «Não, senhora.

Levantou-se, metteu um sapo n'uma pucara e entregou-a á rapariga.

— «Quanto devo?»

— «A preta lh'o dirá.

— «Mas...

— «Se não tiver, paga depois: é o mesmo.

Aquella consulente sahiu e entrou outra mais idosa e com o parecer completamente abatido. Helena, sem alterar a sua magnifica attitude, meneou a cabeça com ar condescendente e, offerecendo-lhe uma cadeira, perguntou:

— «De que se queixa?»

— «Meu marido, respondeu a recém-chegada n'um soluço, abandonou-me.

— «Se é só isso, o remedio é facil. Possuo uma optima receita para domesticar os maridos bravos: *Toma-se uma lasca de chifre de veado preto e colloca-se do lado esquerdo por dentro do forro do chapéu do marido. Se o sujeito ainda continuar bravo, põe-se outro pedacinho de chifre do direito e elle abrandará, fazendo-se até docil e piégas.* Para mais segurança póde juntar a esta receita a grande magica do ouriço-cacheiro para affastar o enguiço do lar domestico. Faz

correr o animal fustigando-o, em volta do quarto de dormir, do qual, *já se deixa vêr*, fechará todas as portas. Allumiará com um ramo de cypreste a sua corrida, dizendo:

Ouriço, ouriço,
 Affasta o enguiço
 Do nosso lar.
 Não deixes o demo,
 Que odeio e temo,
 Aqui entrar.
 Tres vezes te peço
 Tres vezes te rogo
 E á quarta te afôgo.

« Isto na terça-feira mais proxima do quarto crescente, que é para ter virtude.

Impingiu á mulher o ouriço e a ponta de veado e mandou-a em paz.

Então assomou á porta um rapaz forte e gentil, mas com ar timido e acanhado.

— «O que o traz? perguntou Helena com modo superior.

— Ando a modo triste e apprehensivo, tão depressa penso em criar estado como receio de o fazer por, com sua licença, a mulher me parecer mula que não dá pelo governo. D'ahi, n'este *caso-me, não me caso*, perco o appetite, a vontade ao trabalho e começo de sentir mingua de saude.

— «Devia ter vindo mais cedo e já estaria bom. O senhor é christão?

— «Credo! Pois não *havera* de ser?

— «Sabia-o, *já se deixa vêr*, mas gostei de lh'o ouvir. Pois vá para casa e recite, ao levantar e ao deitar na cama, esta oração com muita fé. Diga-a commigo, para melhor effeito, e ficará preparado para todas as eventualidades da vida. Ponha-se de joelhos e repita:

S. Cornelio, alegre e manso, ouvi-me, escutai-me, livrai-me do peccado carnal; mas, se eu peccar, que não seja com mulher feia; mas, feia ou bonita, que eu não case com ella; mas, se casar, que não me atraizõe; mas, se atraizoar, que eu o não saiba; mas, se o souber, que não me importe. Viva alegre, satisfeito, e tenha paciencia.

«Ora, rezando isto com muita fé, *já se deixa vêr*, será feliz no matrimonio.

— «Quanto lhe devo, senhora bruxa?

— «Não posso fallar em dinheiro: isso tiraria a virtude aos meus ensinamentos. Lá fóra lhe dirão a esmola que deve dar.

O camponio sahiu e a preta entreabriu a porta.

— Ha mais gente, Benguela?

— «*Nã siora. O sior Mauricio Bindá* é que espera ha muito no *museu*.

— «Ha muito?

— «Ha mais de meia hora.

— «Porque o não disseste?

E, contrariada, Helena arrancou o veu, atirou-o para cima d'uma cadeira, e veio ao meu encontro.

— Então, perguntei-lhe eu, que tal rendeu a consulta?

— Uma miseria, os freguezes eram pobres e...

— Se o não fôssem?

— Teria de lhes lêr as linhas da mão, ou de lhes deitar as cartas. Os *da alta* são tão broncos como os outros: a uns basta-lhes a palha, a outros é preciso juntar-lhes centeio, é o que é.

— Então a Helena não crê nos seus bruxedos?

— Eu? E' como o outro que diz... não creio nem deixo de crêr. Comtudo não posso negar, por experiencia, a efficacia d'alguns. Mas, vamos a saber, o que o traz a esta sua casa?

— Um negociosito.

— Diga lá.

— O Oliveira é que deseja expôr-lh'o.

— Então *voscencia* não sabe de que se tracta?

— Não.

— A que horas posso ir?

— Das quatro em diante. Não falte.

— Vá descansado.

— Olhe lá, você não é que tem uma miniatura de Maria Antonieta?

— Tenho, tenho: aquillo é uma pechincha! Allí onde a vê era da senhora marquiza de Xira.

— O' Helena, para que está você a mentir?

— Eu a mentir?! Pela luz dos meus olhos... Cega seja eu se a miniatura lhe não pertencia; e olhe, mais aquelle *consolo*, a *pelintrona*, a *etagera* e o *diva*; tudo isso era do palacio que a senhora tem em Castello de Vide. Então que pensa? Veja esta sombrinha... Sabe de quem era?

— Eu não.

— Da rainha D. Amélia.

— O' Helena!

— E' o que lhe digo. Deu-a a uma das suas aias. Calla-te bocca, não falles em nomes. Ella agora precisa, e eis ahí está. E' um objecto de gosto e de preço... Menos de tres libras ninguém a leva d'aqui.

— Não acha quem lh'as dê.

— Então não acho? Julgá que não sei o valor das cousas? Negoceio em fato ha bons vinte annos: *dês* que fui empresario d'um theatro pela primeira vez. Eu queria que as actrizes e figurantes andassem bem postas e era caro; dei-me então a este mister com bem bom pro-

veito da empresa e meu. Puz em scena a *sinhora Angó*, que era um gosto vê-la. E o luxo com que montei *Os Sinos do Cornovil* deixou a perder de vista a Trindade, onde andava tudo mordido de inveja.

Posta n'este caminho, Helena enlevava-se nas reminiscencias da sua alta e perdida posição de empmezaria de theatros de feira e, como eu escutava com paciencia, consegui ficar com a miniatura de Maria Antonieta por um prêço que me regosijou. Mas ao outro dia soube a razão d'este magnifico negocio. A miniatura que eu julgava sahida do pincel de Wateau não passava d'uma péssima imitação.

Sempre proba em negocios, aquella bôa Helena!

*

*

*

Mario d'Oliveira tamborilava febrilmente com os dedos na borda da secretaria, olhando de quando em quando com impaciencia os ponteiros do relógio. Finalmente a voz de Helena perguntou fóra da porta:

— *Voscencia dá lecença?*

— Entre. Ha um quarto de hora que a espero.

— Não pude vir mais cedo; a senhora viscondessa dos Corucheus tinha...

— Eu sei, eu sei, atalhou Mario: vamos ao que importa. A Rosa dos Alamos está entregue d'um negocio que lhe dará grande reputação se o levar a cabo, e é da maxima importancia para os interesses da policia que ella não consiga os seus fins. Lembrei-me de você, Helena. Creio que ninguem está mais no caso. Isto é, ajuntou elle notando e comprehendendo a expressão da physionomia da Bric-à-brac, está a propria Rosa da qual eu obteria tudo facilmente; mas que quer? Habituei-me a emprega-la a você e... não sei se tenho razão para a preferencia...

— Ora essa! *Fá se deixa vêr* que sim, disse ella abandonando a ideia de especular com Mario logo que elle lhe mostrou a possibilidade de chamar a Rosa. Diga o que deseja; e por S. Pedro e S. Paulo lhe prometto que me lançarei no fogo, se preciso fôr.

— Não é, respondeu sorrindo Mario. Tracta-se d'um negocio muito simples: em casa de Bernardo de Lima ha uns papeis de que a Rosa prometteu apoderar-se. Eu quero esses papeis.

— Tê-l'os-há. Qual é o preço do meu trabalho?

— Depende da brevidade com que os obtiver.
O negocio é urgente.

— *Já se deixa vêr.* Adeus, senhor Oliveira, fique-se com Deus.

— Quando a tornarei a vêr, Helena?

— Quando eu lhe trazer o que deseja.

— Então bôa tarde.

— Igual lh'a dê Deus Nosso Senhor.

*

*

*

Assim que a porta se fechou sobre Helena, Mario lançou-se no quarto contiguo e voltou instantes depois perfeitamente disfarçado de distribuidor de romances.

— Onde vaes? perguntei-lhe eu.

— Na piugada da bruxa; se a deixo só, manobrará por sua conta. E' bastante esperta e sem escrupulos para não me entregar os papeis sem vêr até que ponto elles lhe podem servir.

— Tens razão. Voltas?

— Não, vêr-nos-hemos em casa.

— Até logo.

— Até logo.

Mario, chegando á porta, voltou a cabeça para ambos os lados, como cão que fareja a pista, hesitou uns segundos e tomou para o lado esquerdo; depois, arrepiando caminho, atravessou para o passeio fronteiro.

Eu assistia a esta manobra sem bem a perceber, quando o rosto expressivo da bruxa appareceu sorrindo á porta da tabacaria que ficava em frente do escriptorio e, olhando com ar velhaco o lado por onde julgava que o distribuidor tinha desaparecido, tomou em sentido inverso. Mario entrou como um relampago na loja que ella acabava de deixar e seguiu logo após ella transformado em moço de fretes. Retirei-me da janella rindo e vim sentar-me á secretaria para terminar a classificação dos nossos ultimos trabalhos. Helena e Mario eram evidentemente duas forças iguaes.

*

*

*

A Bric-á-brac dirigiu-se á rua dos Alamos e entrou em casa da Rosa que, de mãos nas ilhargas, ajustava com uma pobre vizinha a

compra d'uma saia, tentando quanto possivel arrastar-lhe o preço.

— E' tão pouco! dizia-lhe a rapariga em voz sumida e plangente.

— Então, filha, é para quem quer. O negocio anda arrastado.

E limpando o nariz á ponta do lenço que tinha na cabeça, a Rosa lançou um olhar para o lado da porta e viu no limiar Helena.

— Por aqui, comadre? Que bom tempo a traz?

— Preciso trocar consigo uma palavrinha.

— Estou ao seu dispor.

— Despache lá primeiro a rapariga que não quero cá *tistimunas*.

— Bem, menina, convem-lhe ou não? disse a Rosa, voltando-se á fregueza.

— Não me remedeia, tornou timidamente a pobre com as lagrimas nos olhos.

— Vá bater a outra porta, vá; e verá se lhe dão mais.

— Dê lá o que a rapariga precisa, *ti Rosa*, e esfole outro que o queira para a *bandiga*. Demais temos caso mais urgente a tractar.

— Seja. Mas bem pôde agradecer á minha comadre porque eu por mim nunca lhe daria cousa que se parecesse.

E contou-lhe seis tostões.

Emquanto as duas adelas miravam absortas a saia e calculavam mentalmente o lucro que com ella se poderia tirar, Mario entrou sorratamente pela porta, á qual as duas voltavam costas, e occultou-se muito felizmente atraz d'umas trouxas e fatos que uma commoda, tendo em cima uma mesa de jogo, separava por improvisado corredor do ponto em que as duas comadres e a sua fregueza se achavam. A rapariga sahiu agradecendo e as duas mulheres julgaram ficar sós.

— Ora vamos a saber, disse a Rosa sentando-se n'uma cadeira baixinha e cruzando as mãos sobre o ventre n'um gesto habitual.

Helena depoz no chão a trouxa que trazia sob o chale e, sentando-se em frente, fitou-a em silencio. A Rosa estava contrafeita; por fim indagou sorrindo:

— A comadre parece que me está a estudar o rosto.

— Não se engana. Olhe que a sua *physionomia* tem signaes *fatidicos*. Eu lhe digo, comadre, isto para abreviar, porque, *já se deixa vêr*, não posso perder tempo. Hontem, mal bateram as doze badaladas no sino da Ajuda, a minha coruja piou e o gallo, ao soltar o canto, bateu as azas com febre. Vai eu, notando estes indicios, interoguei o espirito das trevas depois de o ter feito

ajoelhar tres vezes diante do Santissimo Sacramento. Elle então fallou e disse:

«A tua comadre Rosa vai metter-se em grandes assados, se tu a não ajudas pelo meu poder».

— «Como assim, cão tinhoso? perguntei eu.

«Deve-se sempre trata-lo sobranceiro e com más palavras. Elle tornou-me:

— Elsa quer os papeis do Bernardo de Lima e pela somma de *tal* a tua comadre Rosa comprometteu-se a apresenta-l'os. A policia está prevenida.

«Fiquei-me sem pinga de sangue.

— Credo, mulher, tornou a Rosa afflicta, estou toda arripiada.

— Não que não é para menos. Servi-me então da milagrosa peneira de Santo Agostinho e, mal terminara os versos de S. Gião, elle confirmou-me toda a verdade. Para me prevenir segurei o démo diante do altar do santo e, assim que passou o tempo dado de lhe guardar segredo, vim até cá para lhe dizer: Veja o que faz, comadre; eu não me quero intrometter em negocios alheios, mas olhe que não vai por bom caminho.

— Mas, comadre, olhe que eu...

— Não negue, mulher, não negue. Santo Agostinho e S. Gião não mentem.

— Pois não digo menos d'isso, mas eu conto

á comadre; o negocio passou-se da *seguinte maneira...*

— Eu sei. E não quero que perca a transacção que é boa. A gente, com geito, até com o demonio se entende.

A Rosa persignou-se e beijou o dedo com que fizera a ultima cruz, perguntando:

— Mas, comadre, eu conseguirei os papeis?

— Se o dêmo ajudar, não admitte duvida; no caso contrario o *Aljube* está aberto para você, como o inferno, desde aquelle caso do desmancho da Marianna Loira.

A Rosa deu um salto na cadeira:

— Quem lh'o disse, comadre?

— O Immundo, *já se deixa vêr*, que sabe tudo quanto toca ao mal.

— Ai, comadre, perdi a minha alma... não me resta consolação...

E a Rosa desandou a chorar copiosamente.

Helena, vendo que tinha ido longe de mais e estava perdendo tempo, teve um movimento de viva contrariedade e disse n'um tom sentencioso:

— Tristezas e lagrimas não apagam as faltas, comadre; as más acções resgatam-se com as boas. Eu lhe digo o que tem a fazer. A comadre rouba os papeis do Bernardo de Lima e eu fico por fiadora com o espirito das trevas de que lh'os

mostrará. Vem a minha casa com elles logo que os tenha, sem lhes tocar nem os desatar e offerece-os ao démo. Depois de a vaidade d'elle estar satisfeita pode entrega-l'os a quem quizer e receber o dinheiro. Metade entregar-m'o-ha para mitigar a sêde de Belzebuth que é constante, mas abranda com as offertas.

— Mas, comadre, se dou metade, o que é que me fica de tanto trabalho? Uma miseria.

— Vale mais pouco e certo do que muito e incerto.

— Não digo menos d'isso, comadre, mas *da seguinte maneira* que negocio faço eu?

— O que quizer. Está prevenida. Adeus.

— O' comadre e se eu lhe desse um terço?

— Então você julga que aquelle figurão está habituado a que regateiem com elle?... Outro officio.

E Helena dispoz-se a transpor o limiar da porta.

— Oiça cá, comadre...

— Não posso perder tempo, mulher, e eu côm isto não tenho interesse *nium, já se deixa vêr.*

— Pois bem... acceito.

— Isso é já outro fallar.

E, depondo a trouxa, Helena voltou a sentar-se.

— Quando dá o golpe?

— Passei por lá esta manhã e preendi a porta ao degrau por um papel gommado; hei-de ir logo vêr se elle está intacto; se estiver, esta noite com o *Chulo* e o *Naifa*, por volta das tres da madrugada, põe-se o negocio a limpo.

— E para o *nocturno* tomaram precauções?

— Pois! Bate-lhe o *Chulo* as palmas na travessa do *Jasmim*.

— Está bem. Para mais segurança virei e trarei um chifre de veado, um dente de defuncto e uma aza de morcego.

— Devemos esperá-l'a?

— Não. . . E a quantia promettida . . . é?

— O maligno não lh'a disse?

E os olhos piscos da Rosa scintillavam de malicia e desconfiança.

— Não lh'o perguntei; mas se o não quizer dizer, não diga: elle m'o dirá.

— Pois bem, estimo isso; é uma prova da qual não poderei duvidar.

— Tá claro.

Helena sahiu, e Rosa, resmungando, entre crente e suspeitosa, entrou para o interior da casa. Mario pôde então retirar-se como entrára.

*

*

*

Vestido elegantemente com a correcção d'um verdadeiro *gentleman*, Mario apresentava-se meia hora depois em casa de Elsa, e entrava sem se annunciar com a familiaridade d'um intimo.

Elsa cerrou o livro que estava lendo e estendeu-lhe a mão que elle beijou galantemente. Depois, lançando em roda um olhar investigador, perguntou:

— Estava só?

— Estava; porque pergunta?

— E' que vejo que teve aqui alguem com quem fez negocio.

— Quem lh'o disse? indagou Elsa curiosa.

— Aquelle esmalte de *Limoges*, que é novo aqui, e aquella pelle amarella sobre a qual esteve ajoelhada a *Bric-à-brac* e deposta a sua trouxa.

— Parece feiticeiro, meu amigo.

— Não; sou apenas observador.

— Mas temivel.

— Ora! Se quizer, posso até dizer-lhe o que ella cá veio fazer, tornou Mario com um sorriso cheio de bonhomia.

Elsa teve um sobresalto, mas dominando-o, perguntou:

— O que foi?

— Saber a cifra da somma promettida á Rosa, não sei lá por que negocio, valendo-se de certo segredo seu que ella possui.

O rosto de Elsa purpureou-se e, com mal encoberta anciedade, disse:

— Conte-me isso, Mario; eu morro por saber como é que põe em pratica o seu systema de deducção.

— N'este caso não ha. Eu entrei na loja da Rosa para observar uma rapariga que lhe foi vender um objecto roubado, objecto que prende com um negocio bastante intrincado que eu trago entre mãos. Ellas estavam fallando e não me viram. Helena perguntava: — «Qual é a somma?» — O demo que lh'a diga, tornou-lhe a outra com mau modo. — Eu lh'a perguntarei: vou lá direita». Não dei attenção nenhuma a isto; mas notando aqui os vestigios de Helena foi-me facil presumir a quem ella considera o demo.

— Obrigada. Só por isso? ajuntou com desconfiança.

— Claro.

— E do segredo, quem lh'o disse?

— Mas, meu Deus! ninguem; isso é elementar.

— Conte sempre.

— Nunca se falla diante de V. Ex.^a na Helena *Bric-à-brac*, que a minha amiga não fique vivamente contrariada e não procure mudar de conversa. Isto, acompanhado d'um rumor indiscreto que ha tres annos correu a seu respeito. . .

— Explique-se.

— Não, não, fallemos de outra cousa: esta não tem interesse.

— Mas, pelo contrario, interessa-me immenso.

— N'esse caso far-lhe-hei uma pergunta por simples *dilletantismo*, disse sorrindo Mario, tomando ternamente entre as suas a mão da gentil rapariga.

— Qual?

— Das duas quem foi mais habil: a minha querida Elsa ou Helena?

— Não percebo. . .

— E' facil: ella quiz saber a somma que tinha promettido á outra: disse-lh'a?

— Disse, respondeu Elsa envergonhada.

— Como é criança! tornou Mario beijando-a na testa.

Elsa, perturbada, tentou affastar-se.

Mario, sentando-se a seu lado no mesmo sophá, puxou-a para si e repetiu a caricia, dizendo:

— Vou dar-lhe um conselho, Elsa: o silencio é de ouro. Nunca dê a ninguem uma informação quando lh'a exijam.

— Como não dar, se ella me ameaçou.

— E admittiu-o?

— Que remedio, se estou nas suas mãos.

— A minha Elsa?! A mulher que eu amo, nas mãos de Helena?! Que criancice! Tu não estás nas mãos de ninguem. Disseste-lhe que a somma era...?

— 200\$000 reis.

— E ella?

— Affirmou-me que, se eu dissesse á Rosa o que me perguntára, tornaria publico o meu segredo.

— Não o dizes porque te não convem, mas não porque a temas. A quantia que lhe confessaste era realmente essa?

— Era.

— Pois nunca mais ficarás á mercê de semelhante criatura. Vou contar-te e dar-te provas d'um segredo que ella tambem não deseja vêr em publico e, quando te quizer intimidar, responder-lhe-has com espada de tão fina tempera que fará com que ella se abstenha de esgrimir contigo.

Elsa, n'um impeto de reconhecimento, lançou-se-lhe nos braços:

— Quanto te agradeço! Que bom que és!
Livras-me d'uma constante e medonha obsessão.

— E o que se me dá?

Um longo beijo cortou-lhe a palavra.

*

*

*

Mario, logo que o jantar terminou, beijou a mulher, estendeu-me a mão com o gesto d'um homem feliz e, accendendo um excellente havano, sahiu cantarolando um trecho d'uma zarzuela.

Tecla, passando commigo á sala, perguntou-me:

— Que pensa, meu amigo, da nova e impetuosa paixão de Mario?

— Não tem importancia, minha querida Tecla, já lh'o disse: é uma manobra que lhe não dará o resultado que elle espera. Esteja tranquilla.

— E' bom de dizer, mas não posso. Já pensei em me retirar um tempo para casa de meus pais.

— Então porque o não faz?

— Falta-me o animo.

— Sim, comprehendo-a... O coração não calcula.

E, sem poder deixar de sorrir, ajuntei:

— No entanto Molière lá diz:

Não é mau de vez em quando
A's amizades cansadas
Com cinco ou seis bordoadas
I-l'as de novo accordando.

Tecla riu, e com o rosto animado pela ideia em que via brilhar uma tenue esperança, perguntou:

— Parece-lhe então que se eu me affastar?...

— Servirá muito bem os seus interesses. Eu receito conforme as situações. Ainda hontem dei a uma mulher o conselho contrario.

— Então?

— A pobre criatura não tinha as suas vantagens.

— As minhas vantagens?!... quaes são?

— A igreja e a lei.

— Que vale isso?

— Tudo.

— Aos olhos de Mario?

— Aos d'elle mais do que aos de outro qualquer.

— Mas as suas theorias...

—São, como a maioria das theorias, destinadas... aos outros.

—Comtudo...

—Garanto-lh'ò. Mario tem no coração a simplicidade ideal do camponez e na cabeça eccos emmaranhados de leituras e opiniões alheias. Quando fallar guiar-se-ha pela cabeça, será livre pensador e mil cousas mais; quando obrar, um crente e um dedicado pelos seus. Socegue, foi esta falsa apparencia que perdeu Margarida, mas com Elsa não se dá o mesmo e... quer que lhe demonstre quanto o seu receio é pueril?

—Diga.

—Ella não quebrou as suas antigas relações.

—Que horror! O que me custa ter de receber em casa essa mulher!

—E preciso philosophia, Tecla. A vida é cheia de contrarièdades.

—Se é! disse, entrando, Elisa. O que vale é que n'este mundo *tout passe, tout casse et tout lasse*. Aposto que não sabes a grande novidade, Tecla?

—O que é? perguntou com indifferença mal encoberta a mulher de Mario.

—Casou Margarida.

—O quê?

—E' o que lhes digo.

— Como o soubeste, Elisa?

— Por ella.

— Oh! meu Deus! Que bom!

E, arrependida do seu jubilo, Tecla estendeu-me a mão, não menos irreflectidamente, murmurando:

— Perdão, Mauricio, perdão...

— Ah! tambem este? disse Elisa olhando-me curiosamente.

«Pois foi um verdadeiro romance. Margarida adoeceu na Suissa, e o medico que a tractou apaixonou-se por ella. Sabia tudo porque, no delirio da febre, ella chamava constantemente por Mario e contava o seu amor. Quando se restabeleceu, o doutor pediu-a em casamento e, como ella recusasse, tentou suicidar-se. Não o conseguiu, mas ficou em gravissimo estado. Como não tivesse alli familia, Margarida foi por sua vez tracta-lo e, arrancando-o á morte depois de lucta pertinaz, casou com elle.

— Mas ella veio só...

— E nada me disse! commentei eu.

— Uma attenção delicada muito para agradecer. O que a trouxe a Portugal foi o empenho de dispôr as suas cousas de fórma que não tivesse de cá voltar.

— E ama o marido? perguntei eu ironicamente.

— Muito, respondeu Elisa, porque se sente realmente amada.

Entraram varias pessoas. Eu ia sahir disfarçadamente da sala, quando um imperceptivel signal de Elisa me chamou junto d'ella.

— Ia a casa de Margarida?

Não tive fôrça de negar.

— E' inutil. Antes de vir para aqui acompanhei-a á estação do Rocio.

— Como as mulheres são!

— E os homens? Console-se, meu bom Mauricio, valemo-nos bem. No mundo só é eterno o amor correspondido: o outro esfria e morre falto de alimento.

Mario entrou na sala risonho.

Elisa, cruel como todo o seu sexo, chamou-o para junto de si.

Cheguei-me a Tecla e murmurei-lhe ao ouvido:

— Não parta. Para Mario só Margarida se podia receiar. Elle precisa agora da sua affeição.

E, sem animo de me demorar alli, sahi. Eram dez horas quando Mario entrou no meu quarto. Vinha transtornado. Abri-lhe os braços sem nada dizer e choramos juntos. Parecia que nos tinha morrido alguém. Por fim Mario, consultando o relógio, disse-me:

— São horas, vamos.

Embuçamo-nos em amplas capas hespanholas e, mettendo ao bolso meias mascaradas de velludo preto, dirigimo-nos á rua onde morava Bernardo de Lima. A' esquina da primeira travessa Mario parou e fez-me signal de o imitar; esperamos na sombra a pouca distancia d'um candieiro. Deu meia noite e na rua proxima bateram as palmas ao guarda nocturno.

Mario observou-me:

— E' o *Chulo*.

O guarda apressou-se a obedecer ao chamamento e affastou-se fazendo chocalhar as chaves. Tres vultos assomaram do lado opposto e dirigiram-se correndo á casa de Bernardo de Lima. Abriram a porta com uma gazúa e entraram. Decorreu um quarto de hora, vinte minutos, uma hora, e Mario, impaciente, batia agitado com o pé na calçada.

O guarda nocturno tornou a passar.

— São ineptos, murmurei eu.

Mario sorriu, apiedado de mim, e perguntou-me:

— Quem? Elles?

N'isto bateram as palmas outra vez e o velho guarda correu apressado, como boi ao qual se estende uma capa vermelha.

— Vês? disse-me Mario.

Mal o nocturno desapareceu abriu-se a porta

e os tres vultos sahiram apressados. O mais alto, (devia ser o *Naifa*) seguiu rua abaixo, as duas mulheres passaram perto de nós com incrível rapidez.

— Sigamo-l'as.

— Que perspectiva! Ir no encalço d'estas sylphides até á Ilha das Cobras! Isto só a mim!

— Pateta! tornou-me Mario. Nós vamos ataca-l'as e tirar-lhes os papeis. Se as deixasemos entrar em casa, não responderia por que os documentos mais valiosos nos viessem ás mãos.

— Mas, com gente d'esta, não será empreza arrojada?

— A prudencia, Mauricio, é boa conselheira, mas inimiga da necessidade. Este caso é tudo quanto ha de simples: resume-se a dois safanões.

— E os faquistas não as seguirão? perguntei eu, para quem a ideia de me bater com tal gente não tinha nenhum attractivo.

— Não. Para elles a difficuldade está vencida. Nem mesmo admittem a ideia de proteger duas mulheres, tão fortes como elles e mais habeis.

— Quem levará as cartas?

— A Rosa, respondeu Mario sem hesitar. Faremos assim: logo que abrandem o passo e se julguem plenamente a salvo, poremos as mascaras e correremos após ellas. Tu lanças a Helena

ao chão e continuas correndo; eu arranco as cartas á Rosa, faço-lhe outro tanto e sigo-te.

— Mas...

— Ellas não podem pedir soccorro: perder-se-hiam.

Durante o espaço de quinze minutos segui-mo-l'as na sombra e em silencio; por fim Mario, parecendo-lhe azado o lugar, fez-me signal e executamos pontualmente o seu programma, regressando a casa mortos de fadiga e de aborrecimento.

— Que me dizes ao casamento de Margarida? não pude impedir-me de perguntar a Mario antes de nos separarmos.

— E' mentira.

— O que o prova?

— Tudo... E senão veremos. Adeus.

*

*

*

Eram dez horas da manhã do dia seguinte ao do roubo dos papeis, quando Mario se dirigiu a casa de Elisa no intento de a descansar ácerca dos documentos de Bernardo de Lima. Chegando á porta consultou o relógio.

— E' muito cedo, murmurou.

Mas reparando que a porta do parque que circundava a esplendida habitação, estava apenas encostada, empurrou-a e entrou dizendo comsigo:

— Darei, para fazer horas, um passeio sob este magnifico arvoredos.

Tinha dado meia duzia de passos n'uma das aleas mais sombreadas d'aquella encantadora estancia, quando vozes de mulheres lhe sobresaltaram o coração. Mal teve tempo de se occultar atraz d'um macisso de verdura. Elisa, apoiada amigavelmente no braço de Margarida, veio sentar-se com ella n'um banco proximo e contava-lhe rindo a scena da vespera.

Guida ouvia-a, sorrindo contrafeita.

— Não fiz bem? perguntou terminando Elisa.

— Mario não te acreditou. Os outros é possível, mas ainda assim duvido. Que pensamento foi o teu ao inventares tudo isso?

— Mostrar-te que elle ainda te ama.

— Para quê?

— Para que a ideia da sua nova ligação com Elsa te não faça soffrer.

Margarida affirmou:

— Enganas-te, não soffro. Soffreria se estivesse no lugar de Tecla; assim, é-me completamente indifferente.

Depois de curto silencio em que pareceu interrogar a consciencia, assegurou:

— Já o não amo.

— Sériamente?

— Adoro-o, o que não tem nada de carnal nem pode ser attingido pelas mesquinhas humanas.

— Eu bem o sabia...

— Não dês ás minhas palavras interpretações falsas. O que o Mario faz não me interessa: só a sua vida e saude me importam. Quero que seja feliz muito longe de mim.

— Mas tu?

— A minha vida está fixada. Convicta do egoismo e inconstancia dos homens, decido-me a aproveitar a lição que foi boa: não amarei mais ninguém.

— E pode-se responder pelo coração?

— Pode quando se tem, como eu, a amarga experiencia da vida. Falla-me agora de ti: soubêste alguma noticia tranquillizadora?

— Nenhuma, e estou na mais viva inquietação. Se eu soubesse a ligação que existia entre Elsa e Mario, não o teria procurado.

— Fazias mal. Desde o momento em que se encarregou do teu negocio é porque elle lhe merece interesse, e cumprirá o que prometeu.

— Deus te ouça.

Tinham-se levantado havia pouco, e as vozes, afrouxando lentamente, acabaram por se perder a distancia.

Mario arrepiou caminho e foi bater ao portão.

O criado que veio abrir, introduziu-o immediatamente na sala onde instantes depois se lhe reuniu Elisa.

— Peço-lhe desculpa de a procurar a uma hora tão matinal, minha senhora, mas o desejo de a tranquillisar...

E Mario pôz nas mãos da gentil rapariga um embrulho cuidadosamente lacrado

— Mas, disse Elisa admirada, as cartas e documentos estavam soltos.

— E' natural, porém os gatunos é que as não podiam levar assim; fizeram um embrulho que eu me encarreguei de lacrar e sellar cuidadosamente. V. Ex.^a, querendo ficar com elle, declara n'esta meia folha de papel como teve conhecimento do roubo que se preparava, me encarregou de o prevenir e por ultimo que o recebeu das minhas mãos, como deposito, devidamente sellado e lacrado.

— Tantas formalidades! murmurou Elisa ligeiramente offendida.

— Ha morrer e viver, minha senhora; depois V. Ex.^a mesma não duvidou da minha probidade?

— Eu?

— Sim, V. Ex.^a Quando entrou na sala vinha cheia de desconfiança. Não negue.

— Não negarei.

— Agradeço-lhe a sinceridade e quero ainda justificar-me...

— E' inutil. V. Ex.^a impõe-me um acto que eu não posso nem devo recusar: eis tudo. E, pegando na folha de papel, sahiu da sala entre altiva e offendida.

Mario sorriu e poz-se machinalmente a folhear um album.

Encontrou n'elle uma pagina em que o acaso reunira, lado a lado, Margarida e Elsa. Comparou um instante as suas bellezas, tão reaes quanto diversas, e beijou com ternura o retrato de Margarida; depois retirou-o do lugar em que estava e collocou-o junto d'uma mulher respeitavel.

Elisa, entrando, encontrou-o com uma photographia na mão:

— Parece-me que não é prudente deixa-lo só com retratos.

— Engana-se: é extremamente acertado. Venha vêr.

E Mario mostrou-lhe que tinha collocado o retrato de Margarida no lugar d'aquelle que tinha na mão; depois, abrindo a pagina em que estava o de Elsa, ajuntou:

— Este agora vai para aqui. Eu tenho a mania de harmonisar tudo. Aquelles dois retratos eram d'uma discordancia imperdoavel.

— Obrigada, em nome de Margarida, disse Elisa, estendendo-lhe a mão.

— Não tem nada que agradecer.

— Quanto lhe devo pelos seus serviços, meu amigo? perguntou Elisa entregando-lhe a declaração pedida.

— Uma pequena explicação: é a unica moeda que entre amigos se aceita.

— Se eu puder dar-lh'a...

— Pode. Nem de outra forma eu me atreveria a pedir-lh'a. Para que me mentiu hontem affirmando-me que a snr.^a D. Margarida havia casado?

— Não sei se deva dizer-lh'o.

— Certamente. A verdade, por má que seja, faz menos mal do que as mil supposições a que uma duvida dá logar.

— Tem talvez razão. Pois bem, julguei a sua paixão por Elsa um artificio para levar Margarida a interessar-se de novo por você. Conheci que ella soffria ao receber a noticia do seu novo... capricho e quiz mostrar-lhe que... não era mais do que um capricho. Fiz mal?

— Não. Fez-me mal, mas perdoo-lh'o porque a intenção foi boa.

Perguntou-lhe pelo marido, pelos filhos, fez-lhe algumas observações acerca do tempo, elogiou-lhe o desenvolvimento das arvores do parque, e sahiu, satisfeito comsigo e com os outros.

*

* *

Helena e Rosa, tendo cahido por terra, ficaram um instante estonteadas; por fim a *Bric-à-brac* ergueu-se e olhou em roda. Não vendo ninguem, aproximou-se da comadre, perguntando-lhe sollicita:

— Está ferida?

— Não. Estou magoada do tombo e tenho as mãos esfoladas. O patife, se lhe não largo as cartas, partia-me os pulsos.

— Quem seriam elles? murmurou Helena aprehensiva.

— Essa, comadrinha, não me parece sua! Quem havia de ser senão o *Naifa* e o *Chulo*?

— Hum? resmungou Helena duvidosa.

A outra insistiu:

— Então elles não propunham que as levassemos á policia, dizendo que renderiam mais?

E Rosa, pondo-se em pé com muito custo, repetia quasi inconsciente:

— Pois é como lhe digo: passou-se da *seguinte maneira*. . .

Helena soltou uma franca gargalhada e re-matou:

— Que pregaram comsigo no chão.

E, sem notar em si o vicio que na outra lhe despertava o riso, concluiu:

— *Já se deixa ver.*

— Olhe que bom auxilio me prestou o seu amigo Satanaz.

— Pudéra! A comadre pôz-se com ideias cupidas. Não lhe queria dar senão um terço.

Helena foi acompanhar Rosa a casa, no que perdeu muito tempo, porque a pobre criatura torcera um pé ao cahir e só com grande difficuldade conseguia mexer-se. Pelo caminho a Rosa, ao passo que desafogava as suas iras contra o *Chulo* e o *Naifa*, ia mentalmente attribuindo a Helena a culpa do succedido. Esta, escutando-a, pensava que só Mario d'Oliveira se atreveria a tirar-lhe os papeis e deliciava-se com a ideia de tirar d'elle uma desforra cabal.

N'essa noite, nasceu entre as duas comadres, já rivaes pelos interesses da mesma occupação, uma desconfiança mutua que nada poderia vencer.

*

*

*

Mario, contente com a sua expedição nocturna, almoçou com desusado appetite e dirigiu-se ao escriptorio onde calculava receber a visita da bruxa. Eu acompanhei-o mais por habito do que por vontade. A's tres horas a *Bric-à-brac* fez-se annunciar.

—Então? perguntou o meu amigo n'um tom de anciedade que a desorientou um momento.

Por fim, recobrando-se, fitou-o com o seu potente olhar de aguia e respondeu-lhe com naturalidade:

—O senhor não é leal. Se queria os papeis á sahida da casa do Bernardo de Lima, para que recorreu a violencias quando uma simples palavra teria bastado?

Mario sorriu e, tirando da gaveta a somma convencionada, estendeu-lh'a; depois abriu a carteira e tirando uma nota de cinco mil reis deu-lh'a, dizendo laconicamente:

—O preço do trambulhão.

Ella metteu tudo aos bolsos e, sem agradecer, dirigiu-se para a porta; ahi parou e, me-

dindo Mario dos pés á cabeça, com um olhar insolentissimo, disse n'um tom de voz que deixava pressentir a tormenta que lhe ia n'alma:

— Até *breve*, senhor Oliveira.

Mario sorriu e respondeu-lhe:

— Até sempre.

— Não sei se fizeste bem em ser franco com ella: é má rez.

— E que importa? volveu-me elle encolhendo os hombros.

E, accendendo um charuto, começou a tomar rapidamente conhecimento da sua correspondencia. Depois traçando com mão firme quatro linhas n'uma folha de papel, sobrescriptou-as e, chamando o criado, ordenou:

— Leve a casa da snr.^a D. Elsa.

— Tem resposta?

— Nenhuma.

O criado sahiu e Mario, enfiando o sobretudo, disse-me:

— Careço de ar puro e resolvi ir passêar até Cintra. Vens?

— Pois sim.

*

*

*

No seu toucador Elsa, sentada em frente do espelho, lia *O Seculo* do dia lançando de quando em quando um olhar ao soberbo crystal para seguir a forma do complicado penteado que uma sabia cabelleireira se comprazia em construir sobre a sua elegante e aristocratica cabeça. Com espanto da mulher soltou um pequeno grito de jubilo e o sangue fugiu-lhe das faces. Acabava de vêr esta noticia:

«Na madrugada de hoje, cerca das tres horas da manhã, foi arrombada a porta da casa do conhecido deputado-republicano Bernardo de Lima. Deu pelo roubo um inquilino do prédio visinho. Parece que o mobil do crime fõram papeis visto estar arrombada a gaveta da secretaria e estarem á mão muitos objectos de valor de facil transporte que não fõram levados».

Terminando o penteado, a cabelleireira sahiu, e Elsa, com as palpebras semi-cerradas, sorria á infamiasinha que tencionava executar, quando ligeira altercação se levantou no quarto visinho.

— Você é importuna, tia Helena; já lhe disse que a senhora não recebe ninguem.

— Isso não é para mim, mulher; tenho necessidade urgente de lhe fallar.

— Não entra, já lh'o disse.

— Isso é o que vamos vêr: ó minha senhora, sou eu. . . a Helena *Bric-à-brac*. Venho com *urgença* do mando da Rosa dos Alamos.

Elsa, que sorria ouvindo a contenda, ergueu-se d'um salto, abriu impetuosamente a porta e disse á criada em tom reprehensivo:

— Para a *Bric-à-brac* estou sempre. Já o devia saber.

E, mudando de tom, ajuntou:

— Entre, Helena.

Quando a porta se fechou de novo, perguntou vivamente;

— Os papeis?

— Lá vamos! Que pressa! Diga-me a senhora primeiro: quaes são as suas relações com o snr. Dr. Mario d'Oliveira?

— As melhores.

— *Já se deixa vêr*. E' então por isso que elle nos roubou os papeis com *violença*, quasi partiu um pé á pobre da Rosa, e me tractou a mim como se fôsse uma *principianta* sem *importança*: eis ahi está.

— Como, Helena? Como?

Então, com muita abundancia de pormenores, muitos dos quaes eram creados na sua bri-

lhante imaginação, a bruxa descreveu minuciosamente a parte que Mario d'Oliveira tomara em todo o negocio das cartas de Bernardo de Lima.

Elsa tremia de raiva e batia o pé com impaciencia.

Uma pancada secca soou na porta do quarto.

—Entre, respondeu Elsa com os dentes cerrados.

—E' uma carta para V. Ex.^a, disse Joanna entrando.

—Dê.

Elsa rasgou o sobrescripto e leu o que segue :

Minha querida,

Obrigado pelos felizes momentos que te devo. Minha mulher sabe tudo. E' forçoso separarmo-nos. Crê que nunca poderá esquecer-te o teu

Mario.

Mal a criada se retirou a colera de Elsa explodiu com vehemencia. Leu a carta a Helena; depois amarrotou-a e pisou-a aos pés, exclamando com furor:

— Vingue-me, Helena, vingue-me e dar-lhe-
hei o que quizer.

No olhar da bruxa passou um relampago de
alegria.

— Não peço outra cousa. E olhe que hei-de
arranjar-lhe um enrêdo que dava uma magica.
Não foi de balde que fui emprezaria do theatro
do Rato nem que fiz representar *Os Sinos do
Cornovil!* Com quanto posso contar?

— O que quizer: já lh'o disse.

E aquellas duas mulheres, tão intelligentes e
más, de indoles tão semelhantes e posições tão
diversas, uniram-se n'um desejo de vingança
que podia leva-l'as longe no caminho do crime.

Lá diz o adagio:

Lé com lé...

Margarida

GORDA, loira e baixa, com um ligeiro geito no olho esquerdo, Celina de Veiros, apesar de não ser bonita, era requestada com pertinacia. Esquecia-me dizer também, o que não intrigará pouco os leitores, que não era nem rica, nem elegante, nem mesmo espi-rituosa.

— Porque seria então?

Era muito intelligente e instruida, mas immensamente reservada. Nunca tinha amado. Entretida com o estudo e com os mil cuidados e pequenos nadas do governo da sua casa (era orphã e vivia só com uma velha tia, irmã de seu pai), a vida corria-lhe placida e harmoniosa sem que os olhares apaixonados dos que a suppunham facil prêsa lhe causassem a minima

emoção. Creio que era esse o unico motivo por que a perseguiam. Um dia em que eu e Mario estavam, como de costume, á porta da Mónaco, passou Celina com Tecla e Loreto. Pararam a fallar-nos. Notei, não sem pasmo, a troca d'um olhar entre ella e Mario, mas guardei-me de fazer a menor observação. Fiquei porém contrariado. A pensar mal de Celina não me atrevi: ella era o juizo personificado. Comtudo a intelligencia dos seus olhares não admittia duvida. Eu renunciara a Margarida por causa d'elle e afinal...

— Que diabo tens tu que não dás palavra?

— Nada.

— Pois, se queres que seja franco, dir-te-hei

que... estou d'um certo modo arrependido de ter renunciado a Margarida.

Mario empallideceu e, muito perturbado, mesmo muito, indagou:

— Porquê?

— Parece-me que estás dando a Celina um grande valor.

O meu amigo soltou uma gargalhada franca e sonora:

— E' só isso?

— Pois que mais?

Estranhei-o. Posto por elle na constante

observação das mais insignificantes cousas, das mais ligeiras intonações das phrases, disse commigo:

— Aqui ha cousa.

Infelizmente não me enganei como muito mais tarde se verá. Accendi um charuto e propuz a Mario irmos até ao Campo Grande.

N'isto aproximou-se Alvaro Guedes e teimou commigo para que fôsse jantar com elle. Aceitei, satisfeito por me affastar de Mario cuja falta de franqueza me melindrava.

Alvaro Guedes morava n'uma velha casa em frente da rocha do Conde de Obidos, hoje renovada, mas que ha pouco ainda conservava o seu aspecto secular. Alugara o primeiro andar porque tinha, embora fôsse muito mais caro, um excellente jardim e duas entradas. Elle, fazendo-me notar estas vantagens, disse-me sublinhando as palavras com um sorriso gaiato:

— E' optimo porque tenho passado até aqui por homem respeitavel.

— E não és? perguntei-lhe admirado.

— Podes suppô-lo? Solteiro, com vinte e tres annos, um palminho de cara que não é nenhuma asneira e alguns cobres que chegam — com economia — para apparentar uma fortuna, que não

tenho, como posso eu ser respeitavel nem respeitado?

— Mas, em todas as idades...

— Não, não; poupa-me a demonstração. A palavra respeitavel faz-me calefrios. Querido, *querido* é que eu quero ser.

— E ha alguem que o seja? perguntei eu com um sorriso incredulo.

— Eu.

— Não creio: julgas sê-lo. Essa felicidade não me causa inveja. Eu sustento a theoria de Ibsen: Mais vale destruir a felicidade do que baseá-la n'uma mentira.

— Suppões então que não pode haver ninguem que me ame? E's amavel. Pois vou desenganar-te. A prova é que me caso brevemente com uma mulher linda, rica, e que me ama. Já vês...

— Quando eu vir..., ajuntei a modo de gracejo.

— E' sério: não brinco.

E, tirando uma photographia da carteira, estendeu-m'a.

Havia pouca luz já no aposento. Aproximei-me da janella e a custo reprimi a commoção. O retrato que tinha nas mãos era o de Margarida!

Quiz ainda duvidar e perguntei:

— Como se chama esta senhora?

— Margarida da Cunha. Não a conheces?

E olhava-me com insistencia.

— Conheço.

— E que informações me podes dar d'ella?

— Nenhumas.

Alvaro perturbou-se:

— Porquê?

— Pedi-a em casamento e ella rejeitou-me: sou portanto um despeitado.

— Ah!... E Mario?

O tom em que a pergunta foi feita incommodou-me; por isso respondi asperamente:

— Mario dir-te-ha que o homem que está noivo, não tem, por essa mesma razão, direito de pedir informações a ninguem da mulher a quem se liga: devia fazê-lo antes. E se antes o tivesses feito, dir-te-hia que respeitou sempre immensamente Margarida.

— Nada mais?

— Talvez... que teria casado com ella se não fosse já casado.

— Nada mais?

— Talvez... que ella seria a pessoa mais competente a dar-te informações porque nunca soube mentir.

— Nada mais?

— E' tudo.

— Obrigado, disse-me Alvaro commovido. Margarida contou-me tudo. Eu quiz apenas, desculpa, vêr se ella formava de vocês errado conceito.

Não pude furtar-me a um sorriso ironico.

— Ris-te?

— Não. Mas se, sem que te molestes, permittes um conselho, ouve-o: Não digas a Margarida que fizeste essa experiencia.

— Porquê?

— Ella supporá que erra na opinião que tem a teu respeito.

— Julgas?

— Tenho a certeza.

Alvaro Guedes meditou um instante e estendeu-me lealmente a mão:

— Aceito o conselho... Pensando, não o acho destituído de fundamento.

O criado annunciou o jantar.

N'uma sala luxuosa, a mesa ostentava-se rica de crystaes, bordados e flôres, trahindo-se em tudo o cuidado d'uma mulher. Notei-o e soffri. Acaso Margarida se occuparia já da casa de Alvaro Guedes?

Mas ainda eu mal tivera tempo de formular a mim proprio esta pergunta, quando pela porta fronteira entrou uma senhora de

idade, muito aprumada e elegante, a quem Guedes, depois de beijar respeitosamente, me apresentou dizendo:

—O meu amigo Mauricio... Minha tia Helena, que veio expressamente de Madrid para assistir ao meu casamento.

—Alvaro tem-me fallado muito de V. Ex.^a e nas suas investigações policiaes. Desejava immenso conhecê-lo.

—Oh! minha senhora!

Posta a conversa n'este pé já não podia esfriar; e quando depois de jantar eu e Guedes nos dispunhamos a sahir, a tia pediu:

—Seria exigir muito demora-los mais meia hora? São apenas oito e meia...

—V. Ex.^a manda, respondi eu.

—Como sempre, ajuntou galantemente Alvaro, encobrando por um gracioso sorriso a sua contrariedade.

—Conte-me então a ultima aventura do seu amigo, disse-me a velha senhora.

—E' um pouco longa, mas tractarei de encurta-la para não exceder o tempo que V. Ex.^a amavelmente me concede.

—Exceda, exceda: fallei em meia hora por não me atrever a pedir mais.

Alvaro Guedes olhou-me assustado.

Eu comecei:

Ha dois mezes, pouco mais ou menos, appareceu em *O Seculo*, *O Diario de Noticias* e em *O Mundo*, este annuncio :

Homem desaparecido

«Da sua casa na rua dos Cavalleiros, 204, desapareceu Faustino da Cruz, de 24 annos, solteiro. Levava fato escuro, botas claras e côco preto. E' loiro, olhos azues e tem um signal na face esquerda. Seus pais, afflictos, é em vão que têm recorrido ás auctoridades e feito pesquisas por sua propria conta. São ricos e gratificam bem a quem lhes disser o seu paradeiro ».

Mostrei este annuncio ao meu amigo Oliveira. Elle sorriu e respondeu-me:

— Já não côrro a foguetes. Se quizerem alguma cousa de nós, cá virão.

— E porque não iremos nós lá?

— Se te tenta, vai.

Fui á rua dos Cavalleiros e encontrei dois velhos que me pareceram muito sympathicos. A casa apparentava fortuna e elles mostravam-se com bastante uso do mundo. Bem que não fizessem alarde da sua dôr, era visivel que estavam inconsolaveis. Deram-me todas as in-

dicações possíveis que se resumiam ás do annuncio. Ajuntaram, porém, uma informação importantissima que havia sido ommittida por esquecimento: Faustino levava comsigo Caio, o seu cão valido e inseparavel. Pedi os seus signaes e, depois de os ter obtido, despedi-me dos velhos, que uma tenue esperança tornava excessivamente amaveis, e regresssei ao escriptorio.

— Então? disse-me Mario, mal assomei á porta.

— Venho desanimado. Não vejo ponta por onde lhe pegue.

E contei o pouco que sabia.

— Vejo eu.

E, tomando o chapéu, sahiu.

Quando voltou rejubilava.

— Meu caro, disse-me elle, tu não passas d'um imbecil.

— Porquê?

— Vinhas desanimado com um negocio que eu liquidei em meia hora. . . , nem tanto.

—?

— Segundo o costume, esquecêste o mais essencial: não perguntaste em que o rapaz se empregava. Corri a informar-me e soube em breve que era pyrotechnico. Na época que atravessamos foi-me logo fácil suppôr o resto: estava

implicado no caso das bombas e puzera-se *ao fresco*.

— Como soubeste?

— Por uma série de deducções. Perguntei quem era o seu melhor amigo. Disseram-m'o. Dirigi-me então a elle, e, fingindo-me ao facto *de tudo*, o que é sempre facil a quem tem alguma audacia, disse-lhe que a afflicção dos pais ia comprometter o nosso amigo. Levei-o portanto a ir socegar os pobres velhos, e, depois de lhe fazer saber que tinha abusado da sua bôa fé, na melhor intenção d'este mundo, dei-lhe a minha palavra de que o não compromettia.

E, olhando-me gaiatamente, o meu amigo ajuntou:

— Já vês que o cão, tão importante aos teus olhos, não tinha n'este caso a minima significação. Nunca passarás d'um curioso.

Terminando a narrativa da ultima investigação de Mario, vi as horas e disse:

— Não abusei da sua paciencia, minha senhora; concedeu-me meia hora, e, como vê, não cheguei a gastar nem vinte minutos.

— Abreviou muito!

— O necessario para me não tornar enfadonho.

— Mas... sabe que é muito modesto?

— Eu?

— Pelo menos muito sincero.

— Defeito provinciano que ainda não perdi.
Talvez com o tempo...

Notando a impaciencia de Alvaro, beijei a mão de sua tia e, depois de lhe pedir as suas ordens, que me não deu, sahimos ambos.

Habitado a uma inteira liberdade, ao meu amigo pesara-lhe seculos aquella coacção de instantes. Eu, com um bocadinho de malevolencia, que a immensa amargura que me ia n'alma tornava perfeitamente desculpavel, comentei:

A perda da liberdade,
Por um instante que seja,
E' mal que só se deseja
Chegando á imbecilidade.

E todo aquelle que se casa
Entra dos parvos no rol,
Pois fica preso a uma casa
Como á casca o caracol.

Guedes sorriu, e uma tristeza momentanea passou-lhe no olhar. Regosijei-me.

Nem só as mulheres gostam de ferir.

Elsa, ociosa como todas as más, brincava com as franjas doiradas que guarneciam as pontas do cinto do seu roupão, quando a Bric-á-brac se fez anunciar.

Sem se erguer nem mostrar a minima pressa, tão do seu feitio, esperou com o ar de aborrecimento que nos ultimos mezes lhe era habitual, que a figura da bruxa assomasse á porta. Então perguntou-lhe com modo enfasiado :

— Que ha?

— Está tudo optimamente preparado, *já se deixa vêr*. Havia de fazer pouco da gente e ficar-se a rir!...

Elsa encolheu desdenhosamente os hombros.

— Então a senhora não está satisfeita?

— Não.

— Que mais queria?

— Julguei que a Helena tivesse melhor imaginação.

— Queria que o matasse?

— Não, porque isso era pouco.

— Então vêr a mulher, que sempre desejou,

casar com outro, não lhe parece vingança suficiente?

— Não. E' preciso que elle perca tudo a um tempo, menos a fortuna, porque o trabalho obrigatorio ser-lhe-ia um lenitivo.

— Que devo fazer?

— O que quizer.

— Mas...

— Nada tento com isso. Se eu estivesse disposta a incomodar-me, não dava cinco contos de reis a quem me vingasse.

— *Já se deixa ver.* Comtudo...

— Olhe, Helena, quantos criminosos tem castigado o Mario?

— Pode-se lá saber a quanto isso monta!!

— Esses devem ter-lhe odio, heim?

— Se têm...

— Pois bem. Quem dá cinco dá seis. Porque é que á hora a que uma insidia o chamar a presenciar o casamento de Margarida, não lhe entrarão em casa os malfeitores?— porque é que lhe não violentarão ou matarão a mulher, roubarão os valores e fugirão tendo feito todo o mal possivel?

— Violentar!... matar!... Mas que mal lhe fez a pobre criatura?

— Oh! se tem dó, não fallemos mais n'isso. Afinal não sou para lamentar. Fico com

seis contos de reis que empregarei n'uma linda viagem. A distracção acaba tudo.

Helena levantou-se de novo.

— Tambem, disse ella, porque me hão de importar mais estes do que os outros? A senhora paga logo?

— Immediatamente.

— Está bem.

Levantou-se e dirigiu-se á porta em silencio.

Elsa olhava-a com curiosidade.

Quando ella ia a sahir, chamou-a; abriu uma gaveta e mostrou-lhe um masso de notas e uma bolsa cheia de oiro, dizendo apenas:

— Para que não duvide.

Os olhos de Helena brilharam de cubiça, e um pensamento criminoso fê-la envolver Elsa n'um olhar homicida, que a alvoroçou, notando-o.

— Até já, murmurou a Bric-á-brac.

— Tome, disse a perversa rapariga, estendendo-lhe duas libras. A sua contemplação far-lhe-ha bem.

— Muito agradecida, murmurou a Bric-á-brac.

E sahiu recuando para não perder o espectáculo do oiro que a fascinava.

*

*

*

Margarida, com ar triste e maguado, vestia diante do seu magnifico espelho, o traje de noiva.

Elisa, junto della, brincava com um collar de perolas que se dispunha a collocar-lhe ao pescoço, e procurava, em vão, fazê-la sorrir.

N'um instante em que as criadas se affastaram, perguntou-lhe em tom de censura:

— Mas para que te casas?

— Para me suicidar.

— Não entendo.

— Não temos agora tempo para explicações. A idade dos romances passou: a dos sacrificios tambem. E' necessario que me lembre do que devo a mim propria.

— Então?

— Os filhos: são talvez o unico lenitivo que pode encontrar na dôr um coração como o meu.

— E... se os não tiveres?

— Terei demonstrado que *tudo passa*. A's vezes, para se tirar um olho aos outros, dão-se de vontade os dois que temos.

— Tens-lhe tanto rancor?

— Odeio-o.

— Ah!...

As criadas, voltando, interromperam a conversação, que deixou Elisa bastante apprehensiva.

A toilette continuou. Margarida, cada vez mais pallida, deixava-se vestir como um manequim. Ao pôr o veu e a flôr de laranjeira, um sorriso amargo, de ironico desdem, vincou-lhe dolorosamente os labios. Quando terminou o vestuario, disse para a velha ama que chorava de alegre commoção:

— Preciso descansar um pouco. Venha quem vier (e consultou o relógio) não me chame antes de uma hora. Diga a todos que estou acabando de me vestir.

As criadas e a cabelleireira sahiram e Margarida sentou-se triste e desanimada n'uma cadeira junto da secretaria. Abriu-a com esforço e, voltando-se commovida para Elisa, disse-lhe com voz alterada:

— Accende-me essa lampada, minha amiga.

Elisa obedeceu. Com mãos trementes, Margarida tirou um pacote de cartas de dentro d'um pequeno cofre e viu-o arder lentamente assim como flôres murchas e por fim uma photographia. Quando a ia expôr ás chammás, as

lagrimas embaciaram-lhe o olhar e não pôde furtar-se a fita-la. N'um movimento irreflectido levou-a aos labios e beijou-a com paixão.

—O' Margarida, Margarida!... Para que te casas?

As lagrimas da noiva seccaram como por encanto e, tomando as mãos da sua amiga, murmurou baixinho, e n'um tom de voz que Elisa lhe não conhecia:

— Se não posso fazer-lhe soffrer o coração, quero ao menos torturar-lhe a vaidade.

— Mas porquê? porquê?

— Vi com a *sua lettra* como elle fallava de mim.

— Aonde?

— N'uma carta escripta a Elsa.

— Lêste-a?

Margarida ruborisou-se:

— Sim. Este homem tem-me levado a todas as baixezas e não era digno d'um olhar meu.

— Mas como obtiveste a carta?

— Um acaso. A Helena Bric-à-brac, alcofinha dos seus amôres, perdeu-a aqui quando veio mostrar-me uma coberta antiga que tinha para vender.

— Porém...

Uma pancada na porta fez estremecer a noiva, e a voz da ama dizendo que estava

passada a hora, soou lugubrememente ao ouvido das duas mulheres.

Por um esforço superior de vontade, Margarida readquiriu a sua expressão habitual. Olhou-se ao espelho, ficando satisfeita consigo, apoiou-se ao braço de Elisa e desceram ambas.

Quem a visse entrar na sala não poderia crer que fôsse aquella a mesma mulher que, momentos antes, no pavimento superior, estremeceu dolorosamente ao reduzir a cinzas as veneradas reliquias d'um passado querido. Risonha e amavel, ia de grupo em grupo recebendo as felicitações de amigos e parentes, que só de vespera e com grande assombro, tinham sabido a noticia.

A Bric-à-brac manobrou tão bem que Margarida convidara Elsa para que esta visse e pudesse exaggerar a sua satisfação. Pôde-se imaginar se Margarida com tal testemunha não poria em practica todos os recursos da sua brilhante imaginação. Eu, quando recebi o convite fiquei attonito e interdito. Devia prevenir Mario? E se elle perdesse a cabeça e fizesse qualquer loucura? Limitei-me a prevenir-lhe a mulher para que ella ao lêr os jornaes, como de costume, suprimisse a noticia que elles decerto não deixariam de dar, e resolvemos de commum accordo só fallarmos no assumpto no dia

seguinte, depois dos noivos partirem. Enfiei pois a minha sobrecasaca e dirigi-me a casa de Margarida. Conhecia-a demais para me illudir com o seu aspecto. Apesar de tudo, não pude esquivar-me a uma ligeira impertinencia e murmurei-lhe ao ouvido:

— Ha pouco ainda, recebi uma carta com esta phrase: *Se alguma vez carecesse de amparo, buscaria o seu.*

Ella riu despreoccupadamente e exclamou n'um tom natural:

— E acreditou-me, Mauricio? Que mal fez! Quem diz mulher diz ventoínha. Eu não me eximo á lei geral.

Depois, estendendo-me a mão, acrescentou:

— Seja sempre meu amigo: é preciso accetarmos as cousas e as pessoas como ellas são.

E ligeiramente impressionada, como se as suas palavras brigassem com os seus pensamentos, affastou-se em procura do noivo, deixando-me com Elisa, testemunha da nossa conversação.

Instantes depois as carruagens rolaram em direcção da parochia, e Margarida, apertando nervosamente na sua a mão de Elisa, que era a madrinha, murmurava:

— Quem me diria que havia de ser eu que levantasse obstaculos entre mim e Mario!

*

* *

Oliveira, alegre como de costume, entrou no escriptorio á hora habitual. Olhando para cima da secretária, viu um jornal cintado com um grande signal a lapis vermelho. Pegou-lhe naturalmente, mas ao lançar-lhe o olhar demudou-se-lhe o rosto intensamente. No *Carnet Mondain* lia-se: «Realisa-se hoje, ás tres da tarde, na parochial igreja de S. Mamede, o casamento da senhora D. Margarida Avellar com o snr. Alvaro Guedes, proprietario e deputado progressista. A noiva é uma intelligente senhora muito conhecida e apreciada no nosso meio elegante e o noivo um excellente moço com largo e esperançoso futuro. Os nossos parabens».

Mario tirou o relógio e consultou-o: eram duas horas. Pegou no chapéu e sahiu quasi correndo.

Quando as carruagens voltavam do Salitre para a travessa de S. Mamede, uma carroça obstruía a passagem obrigando os trens a darem uma pequena volta. Em direcção opposta estava parado um *coupé* com as cortinas corridas. Quando a carruagem da noiva, a ultima, passava em frente do *coupé* mysterioso, o

cocheiro que a conduzia afrouxou o andamento, parando quasi. Então um transeunte abriu a portinhola, tomou ousadamente a noiva nos braços e subiu com ella para o *coupe* que estava estacionado em sentido inverso.

Mal a portinhola se fechou, o trem partiu a galope. O cocheiro da carruagem nupcial, evidentemente comprado, fingiu não dar por isso. Elisa, que reconhecera Mario no raptor, punha as mãos na cabeça, murmurando afflicta:

— Que escandalo! Que hei de fazer? que hei de dizer?! Persegui-l'os? Não. Margarida adorava Mario: não m'o perdoaria. Denuncia-los? Para quê?

Chegavam á igreja, sentia-se o barulho das portinholas fechando-se, e Elisa pensava horrorisada:

— Não tarda a minha vez.

E, como expediente unico, resolveu desmaiar.

*

*

*

Alvaro Guedes, no auge do desespero, accusou-me de cumplicidade com Mario, e tão brutalmente se houve commigo que me vi forçado

a enviar-lhe duas testemunhas. Elsa, não menos furiosa, chamou-me rindo protector de amores illicitos, e Tecla, que eu esperava encontrar no regresso a casa sempre amiga e bôa, havia partido deixando-me este laconico bilhete:

« Pago uma infamia com outra. Morro abençoando-o e amando-o. Agora, que nunca mais o tornarei a vêr, posso ser franca sem faltar a . . . a ninguem. Adeus ».

Que queria dizer isto? A casa estava revolvida. Loreto, em delirio, a custo era contida na cama pelos esforços das criadas e gritava afflicta:

— Acudam, acudam á minha senhora! Ai! este malvado que me mata.

E não havia tirar-lhe cousa com nexo. Foi então que procurei Mario. E, tendo que bater-me na madrugada seguinte, voltava-se para Tecla o meu pensamento como para o ser unico que se me affeioara verdadeiramente e a quem eu, n'este triste instante da minha vida, confessava, bem que ella o não pudesse ouvir, que era amor o que ha muito tempo me ligava a ella sem que eu me atrevesse, nem por pensamentos, a dar-lhe o nome que . . . Mas não; não podia ser. Então que sentimento era o que eu nutria por Margarida?

Passei a noite passeando d'um lado ao outro da sala; por fim, quasi de madrugada, entrou

Mario. Vinha triste e acabrunhado e lançou-se chorando sobre uma cadeira.

— Então?

— Está tudo perdido.

— Como? perguntei com curiosidade não isenta de interesse.

— Não tinha senão uma hora. Fiz o que todo o homem faz quando ama sinceramente. Galguei todos os obstaculos e de dia, á hora a que ia casar-se, raptei-a aos olhos de todos. . . e para quê?

— Não te ama?

— Ama.

— Então?

— Teima que viu uma carta minha com allusões ultrajantes á sua pessoa e não ha dissuadi-la.

— Casa com o Guedes?

— Casa.

— Não tentaste demovê-la?

— Tentei mas foi tudo inutil.

— Meu caro amigo, prepara-te para peor. Tecla fugiu, Loreto está com delirio e não explica nada, a casa está roubada, e eu, que é o que menos te importa, não pude ir no encalço da tua mulher porque me bato d'aqui a duas horas.

— Com quem?

— Com Alvaro Guedes.

— Mas isso não pode ser: é commigo, commigo que elle deve bater-se.

— Perdão, a vez é minha, tanto mais que tu tens deveres a cumprir, Tecla...

— Não darei um passo por ella. As verdadeiras dôres anniquilam completamente. Se ella partiu, deixa-la ir: é porque se não sentia aqui bem.

— Mas...

Um criado, entrando, entregou a Mario um cartão perfumado. Em grandes caracteres dourados, imitando a letra da imprensa, liam-se estas simples palavras:

« Quem se vinga, *folga*.

« Nós folgamos.

— Eu não te dizia? exclamei abrangendo tudo n'um relance. São Helena e Rosa que se vingam.

— Não, volveu Mario. E' Elsa: só ella teria fôrça, cabeça e maldade para tanto. Pagar-m'o-ha.

*

*

*

Helena, sahindo de casa de Elsa Vignola, ia resmungando:

— E' peor, muito peor do que eu esta

mulher. *Fá se deixa vêr. Matar. Violar!* Entende não fazer nada menos. Pois engana-se. Ou eu me não chamo Helena, ou ella me ha de dar seis contos de reis sem eu ter de me associar a tamanha pouca vergonha. Não que elle ha ceu e inferno. E uma pessôa, bem que faça maroteiras, tem sempre conta que não sejam d'aquellas que a levem além do purgatorio. Ora *eis ahí está.*

E caminhava apressada rua abaixo em direcção á Avenida. Quando chegou em frente do palacio Foz, sentou-se n'um banco e esperou, continuando o seu monologo:

— Não pódem tardar. Eu não lhes offereço tanto: bastam quinhentos mil reis e já é bem bonito... e mais hão-de me dar cincoenta por cento nos valores que conseguirem *pilhar.*

N'isto aproximaram-se dois rufiões de mau aspecto e, acercando-se do banco, saudaram Helena amistosamente.

— Vocês nunca chegam a horas a parte *ninuma.*

— Uma vez não são vezes, minha bruxa.

— Então que ordena?

— Tu, *Chulo*, imitas a letra do *gajo* e escreves uma carta compromettedora para elle; o preciso para que a mulher perca a cabeça se a vir. Procedes de maneira a faze-la gritar por soc-

corro e a tornar natural a minha entrada em scena.

—E as criadas?

—Essas terão tomado ao *lunch* qualquer cousa que lhes faça somno. E tu, continuou voltando-se para o outro, encarregas-te de roubar tudo o que lá houver de melhor.

—Mas os criados?

—Isso, já disse, é commigo.

—Bem. E quanto dá esse trabalhinho?

—Quanto querem vocês por fazerem a obra?... Com aceio?... *já se deixa ver.*

Elles entreolharam-se.

—Cem mil reis para cada um.

—Isso é muito. Vocês têm muito bons roubos a fazer e hão de me dar d'elles cincoenta por cento.

—E' justo.

—E nas mulheres não me tocam: são boas pessoas que merecem todos os respeitos e eu devo-lhes favores.

—E' por isso que as *depenas?* perguntou o *Chulo* a modo de gracejo.

—Isso, meu rico, é á parte. Não ha remedio senão cada um fazer o seu negocio, *já se deixa ver.* E agora toca a *safar*: não tenho tempo para perder em discursos inuteis.

*

* * *

Tecla, sentada junto da sua linda secretaria d'ebano, escrevia uma longa carta a sua mãe quando sentiu mexer na porta para a qual estava de costas voltadas. Julgando ser Loreto, disse continuando a escrever:

— Entre.

Mal tinha pronunciado estas palavras, um passo pesado e brusco fê-la erguer sobresaltada. Recuou assustada vendo junto de si uma figura esqualida, de aspecto repugnante, que, com o dedo nos labios, lhe recommendava silencio.

— Pschut! Nem *pio*.

E adiantava para ella as mãos immundas. Tecla deu uns passos para a secretaria, como indo de novo a sentar-se. Depois, puxando rapidamente uma das gavetas pequenas do elegante movel, empunhou uma pistola e, visando com ella o maltrapilho, murmurou a custo e com voz cava:

— Não se mexa, ou mato-o.

O *Chulo* sorria superior, mas ficava no mesmo lugar. Voltando de novo a recuar, Tecla attingiu a porta e fez vibrar com fôrça a campainha electrica collocada no seu humbral.

Appareceu correndo a Bric-á-brac.

— V. Ex.^a chama?

— Os criados? perguntou Tecla anciada.

— Não os vejo.

— As criadas?

— Também não. Estava farta de esperar e não apparecia ninguem...

— Helena, está aqui um ladrão.

— Um ladrão?!

Tecla apontava horrorisada para dentro do quarto:

— Que fazer?

Helena avançou a cabeça, como quem quer espreitar, e depois, disse em tom de quem anima:

— Oh! minha senhora, então acha que este pobre diabo tem cara de ladrão?

E, voltando-se para o *Chulo*, intimou:

— Anda, Zé, *diz* a que vieste aqui? Não se assuste, senhora, conheço este *gajo* de criança... Não é capaz de fazer mal a uma mosca.

— Isso quiz eu dizer, mas ella não me deixou fallar.

— Como entrou você até aqui?

— Com a chave que o senhor me deu. Além d'isso elle tinha mandado affastar os criados.

— Traz então algum recado de meu marido?

— Recado, recado não trago; mas enfim eu vou explicar-me...

Depois de breves hesitações continuou:

— O senhor deu-me umas ordens que eu não tive animo de cumprir. Sua Ex.^a costuma empregar-me nos seus negocios e tem confiança em mim, mas... é o mesmo, a gente por ser pobre não deixa de ter coração.

— *Já se deixa vêr*, interrompeu a Bric-à-brac.

— Olhe, continuou o *Chulo*, o melhor é a senhora lêr.

E passou a Tecla uma folha de papel timbrado, egual áquelle em que Mario escrevia habitualmente. A tremula senhora pegou-lhe machinalmente, leu-a, releu-a, verificou meticolosamente não só a lettra como a assignatura, e tornou-a a entregar ao *Chulo*.

Reinaram momentos de silencio.

Por fim Tecla perguntou:

— Que pensamento foi o seu ao dar-me essa carta para lêr?

— Que V. Ex.^a, fugindo, me dê uma razão para não cumprir as ordens que recebi.

— Espera que eu o remunere?

— Não, minha senhora, contento-me de que me não comprometta.

— E' pouco. Tome.

E Tecla, estendendo-lhe um rôlo d'oiro, disse:

— Obrigada: prestou-me um bom serviço; nunca o esquecerei. Adeus.

E encaminhou-se para a porta.

O *Chulo* tomou-lhe o passo:

— A senhora não me denunciará?

— Pode estar tranquilló.

— Que garantia me dá além d'isso?

Tecla hesitou:

— Juro por alma do meu pae.

— Está bem. Aceito.

E deixou-lhe livre a passagem.

— Não lhe posso ser *util* em nada, minha senhora? perguntou a Bric-à-brac em tom melifluo.

— Póde, Helena, póde, mas... eu queria fallar á Loreto, disse Tecla olhando timidamente para o *Chulo*.

Elle interrompeu-a.

— E' impossivel, minha senhora, ella deve julgar que eu já não a encontrei aqui e... já sabe que eu cheguei.

Tecla olhou-o assustada, mas não se atreveu a fazer nenhuma observação. Curvou a cabeça e passou para o quarto de cama fazendo um gesto a Helena para que a seguisse. Volvidos instantes, tornou a apparecer, embrulhada n'uma ampla capa de viagem, e, lançando a tudo que a rodeiava um ultimo e triste olhar,

disse ao *Chulo* que a examinava do vão da janella:

— Obrigada ainda uma vez.

A Bric-á-brac seguiu-a.

Logo que ficou só, o cúmplice de Helena entrou por sua vez no quarto de Tecla e, lançando mão de quanto lhe agradou, entrouxou tudo nos cobertores da cama. Emquanto isto se passava nos aposentos de Tecla, o *Naifa*, posto á vontade pela Bric-á-brac, dava largas aos seus maus instinctos e, sem tocar em Loreto, tanto a fez receiar que a pobre criatura estava quasi louca de terror.

Vendo-a assim, amordaçou-a e, tendo roubado quanto pôde, foi encontrar-se com o *Chulo* e sahiram naturalmente juntos.

— Mas, perguntarão os leitores, que fizeram elles dos criados?

Uma ordem por escripto de Mario chamou-os rapidamente ao escriptorio, e, como não raro appareciam ordens d'esta natureza, nenhum d'elles estranhou.

As criadas, atrahidas por Helena ao exame de algumas peças de roupa que ella trazia, convidaram-n'a, como de costume, a partilhar o *lunch*. Tendo trabalhado muito tempo, como prestidigitadora, na feira d'Alcantara, não lhe foi difficil proporcionar-lhes um ligeiro narcotico.

*

*

*

Rompia formosa a manhã. Perto do *Senhor Roubado* estacionavam duas carruagens. Um pouco mais longe eu e Alvaro Guedes disputamos a trocar duas balas a vinte passos de distancia. Sentia-me sereno, embora contrariado; mas notando o aspecto do meu contendor, vi que lhe não succedia outro tanto. Estava convulso, pallido e com as feições completamente alteradas. Hesitei em bater-me. Receiando porém que attribuissem a minha duvida a qualquer motivo menos digno de mim, tomei uma das pistolas que me offereciam, visei cuidadosamente o meu adversario, e, á voz de fogo, ouviram-se duas detonações, mas nem eu nem Alvaro Guedes haviamos sido tocados. Tomamos novas pistolas e d'esta vez Alvaro recebeu um pequeno ferimento no hombro esquerdo. O juiz do campo deu por findo o combate e, apesar de já não estar isso em moda, reconciliamo-nos. Guedes quiz mesmo, contra todas as praxes, regressar a Lisboa na minha carruagem. E, com tal insistencia se houve, que voltamos sós por os nossos amigos terem entendido que elle desejava fallar-me:

— Offendi-te, Mauricio, e isso dá-te direito a considerares-me um estranho para o futuro; contudo, como te conheço, julgo que não será assim. Estou immensamente afflicto. Não consegui saber nada de Margarida e a minha situação, além de extremamente dolorosa, é muito, muito ridicula.

— E' imprevista. Ridicula não sei porquê.

— Se sabes alguma cousa, dize-m'o, e dou-te a minha palavra, juro-te pela minha honra, que não usarei de nada que por ti saiba.

— Creio-te, mas não posso satisfazer a tua curiosidade. Ignoro completamente o que desejas saber.

— Não tornaste a vêr Mario? perguntou-me Alvaro entre ironico e duvidoso.

— Tornei.

— Não te contou nada?

— Nada que possa elucidar-te.

— Não te fallou de Margarida?

— Disse-me, desanimado, que ella casava contigo.

— Não foi elle quem a roubou?

— Isso não sei. Mas, se foi elle o raptor, não foi bem succedido.

— E' preciso que eu me bata com elle.

— Porquê?

— Porque só elle poderia ter raptado Margarida.

— Quem sabe?

— Affianças-m'o?

— Não tenho nada com a vida alheia e seria comico ir mais longe do que já fui batendo-me comtigo. Pensa o que quizeres e resolve o que te agradar.

— Que farias no meu caso?

— Nada do que tens feito, o que não admira. Eu sou um homem da época, apesar d'este anachronismo d'hoje. Refiro-me ao duello.

— Então?

— Em primeiro lugar daria graças ao ceu de ainda não estar casado; depois esperaria noticias da noiva em casa.

— Se a amasses?!

— Por isso mesmo. Margarida não é uma mulher qualquer. Sabe e pode defender-se...

— Mas tu esqueces...

— Não esqueço cousa alguma. As tuas suspeitas recahiram n'um homem honrado, portanto...

— Não ha homens honrados quando a paixão os desvaira.

— Partindo d'esse principio é inutil dizer-te mais nada.

O caminho fez-se em silencio e ao chegar separamo-nos friamente.

*

*

*

Dirigi-me a casa de Margarida e, logo que me fiz annunciar, ella correu ao meu encontro.

— Que é? O que ha de novo?

Contei-lhe summariamente o meu duello com Alvaro Guedes e o seu resultado. Ella empallideceu um pouco e depois perguntou-me com certa hesitação:

— E Mario?

— Coitado! Derruiu-se-lhe tudo em redor. A mulher fugiu-lhe para casa da mãe e... não creio que volte: está farta de soffrer. A casa foi roubada e elle está n'um estado indiscriptivel de desanimo.

— Pela fuga *da outra?* perguntou-me ella com accentuada ironia.

— Não. Pelo *seu* casamento, Guida.

Margarida, como arrastada por um impulso forte, deitou mão do chapéu collocado sobre uma mesa proxima e, pondo-o machinalmente na cabeça, pegou na carteira e nas luvas e deu uns passos em direcção da porta. Ao transpô-la hesitou e, voltando para junto de mim, deixou-se cahir chorando sobre o sophá.

*

— Onde ia, Margarida? perguntei-lhe eu.

— Ter com Mario.

— Arrependeu-se?

— Bem vê... Sei que elle voltará sempre para Tecla.

— Mas... se ella o não quizer?

— Está convencido, Mauricio, de que alguma mulher possa resistir a um homem a quem eu cedi?

— Porque não? No momento em que o não ame...

— Viver ou ter vivido com Mario e não o amar!?

— Que significava então o seu casamento?

— Um suicidio... ou pelo menos um obstaculo mais.

— Mas se elle a não perseguia nem mesmo se fazia lembrar?

— Não o podia eu esquecer. Depois... o ciume fez o resto. Uma carta, imitada com certeza, ... o Mauricio já decerto sabe.

— Sei, sei.

Houve uns instantes de silencio em que Margarida pareceu reflectir maduramente. Depois tirou o chapéu e limpando de novo as lagrimas, disse-me com fundo accento de tristeza:

— Está tudo acabado para mim.

— Mas, por Deus, não percebo como.

—E' claro como agua. Tecla foi decerto enganada como eu fui. Partiu levada pelo ciume...

—Juro-lhe que não. Foi pelo cansaço.

—Fôsse pelo que fôsse, o mesmo sentimento que a levou tornará a traze-la.

—Engana-se. Mario...

—Mario mente-me sempre. Não tenho n'elle a minima confiança. E' para mim o avesso do que é para todos: *falso e perverso*.

—Perverso?!

—Perverso, sim. Com que direito veio elle agora metter-se na minha vida? Tão depressa lhe esqueceram e desquiz *as satisfações que se encontram no cumprimento do dever?* Depois de me deixar, de me ter estragado completamente a vida, ainda me cobre de ridiculo e lama, chamando sobre mim a attenção d'uma cidade inteira! E' infame. Agora deve bater-se com Alvaro Guedes: é inevitavel. E posso eu... adorando-o, casar com um homem que crusou com elle uma espada? Querera mesmo esse homem dar-me o seu nome depois de toda esta scena? Podia querê-lo... talvez tivesse generosidade para isso, mas não o acceitava eu.

—Se confessa amar Mario, porque não volta para elle?

— Porque o seu caracter e sentimentos me não merecem confiança.

— E que póde elle fazer para lh'a merecer?

— Nada. O passado mostra-me demais o que seria o futuro: no entanto eu daria a vida para o poder acreditar. Adeus. Este assumpto faz-me mal.

E tornou a pôr o chapéu.

— Onde vae?

— Contar tudo lealmente a Alvaro Guedes e desligar-me da minha promessa.

— Mas que dirá o mundo?

Encolheu os hombros e murmurou com um sorriso:

— Pouco mais do que já diz.

— Mas contando tudo a Alvaro, o duello entre elle e Mario é fatal.

— Pensei muito e, quer eu cumpra o que devo, quer falte, realisar-se-ia da mesma fórma. Seria para mim pagar muito caro a infelicidade. Não lhe parece?

— Quem sabe?

Margarida tentou-se, mas conseguindo dominar-se, estendeu-me a mão, dizendo:

— Não. Procederei como me cumpre, seja qual fôr o resultado. Escuso de lhe dizer que não fico aqui. Partirei ainda hoje ou amanhã.

Vou sem rancores, não sem maguas. Peça-lhe que me telegraffe para o nosso consulado, em Madrid, o resultado de tudo isto.

— Quando nos tornamos a vêr?

— Talvez breve, e... talvez nunca.

— Depende?...

— Do seu amigo unicamente.

— De que elle a siga?

As faces cobriram-se-lhe de rubor e o sobr'olho contrahiu-se-lhe com altivez.

— Seria perfeitamente inutil. O tempo das irreflexões passou.

— Então?

— No dia em que me convencer de que no seu coração não ha vestigios de outro affecto, voltarei.

— Então até breve, muito breve.

Com um sorriso que em vão tentava disfarçar lagrimas, ella volveu-me:

— O mais natural é que nos não tornemos a vêr.

E, estendendo-me a mão, voltou a cabeça para o lado, no intento de me occultar a sua grande commoção.

*

* *

Entrando no gabinete de Alvaro este ergueu-se sobresaltado, mas a expressão gelada do rosto da sua noiva fê-lo estacar.

Ella aproximou-se da mesa e disse-lhe com voz tranquillã:

—Juro-lhe por alma de meu pae que fui raptada imprevistamente. Vendo um duello imminente entre si e o raptor, o meu cuidado, o meu interesse, o meu coração, foi tudo para elle. E se elle fôsse ferido, o meu odio e desejo de vingança seriam insaciaveis. N'estas condições não posso nem devo casar comsigo. Peço-lhe que me desligue das promessas que lhe fiz com toda a sinceridade, mas sem fundamento, como vê.

De pé, com os braços cruzados, Alvaro Guedes, mordida os beiços com raiva a ponto de fazer sangue.

—Com que então, perguntou ironico e sustentando a custo a colera, se eu o matar, o seu odio será insaciavel e o seu desejo de vingança tambem?

A attitude de Alvaro era ameaçadora.

—Ainda não acabei, continuou Margarida

com socego: se a sorte lhe fôr adversa, Alvaro, a minha consciencia impede-me de tornar a estender a mão ao homem que matou outro, que eu cheguei a suppôr meu marido, do qual nunca tive senão provas de amor e de respeito.

—Agradeço-lhe a consolação.

—Não é consolação: é verdade. Mas o meu coração ficará orgulhoso e satisfeito de que elle o tenha vencido.

—E se ambos ficarmos vivos? Não se lembrou d'essa hypothese?

—Não. Sou muito infeliz para que os remorsos não venham aproveitar a occasião de me perseguirem mais uma vez. Creia-me, Alvaro, vindo aqui obedeci a um sentimento de lealdade, nada mais.

Alvaro Guedes fixou-a investigadoramente:

—Não me pede que poupe a vida do seu amado? perguntou quasi insultante.

—Ninguem avilta aquelles que ama, respondeu ella com simplicidade e altivez.

—Mas se, movido pela sua sinceridade, eu o poupasse...

—Obedecia aos seus sentimentos com os quaes nada tenho. Mario sabe e póde defender-se e, faço-lhe justiça, Alvaro, só o homem de quem eu ia acceitar o nome acho digno de se bater com elle.

— Applaudes então o duello? perguntou Alvaro ironico e malevolente.

— Lamento-o. Não concorri para elle. Daria a vida para que se não realisasse. Não está no meu character dar um unico passo para o impedir.

— Julguei que tencionasse lançar-se heroicamente entre as espadas.

— Sou pouco amiga de dar espectaculos e não costumo intrometer-me em negocios que me não dizem respeito.

— Chama-se isso?...

— Ser senhora das minhas acções e estar habituada a responder por ellas. Como não vim aqui para esgrimir palavras, retiro-me.

E, voltando-lhe as costas, dirigiu-se altivamente para a porta.

Um olhar de desejo e de amor escapou-se dos olhos de Alvaro Guedes, e correndo a tomar-lhe o passo, disse com accento commovido:

— Ouça-me agora... perdôe-me as ironias com que a recebi... Soffro! Margarida era para mim mais do que a esposa escolhida... Não renuncio a si sem custo, e nenhum respeito humano, juro-o, me affasta da mulher amada. Desligo-a das suas promessas com vivo desgosto. E, quanto a Mario...

Margarida atalhou resolutamente:

— Não desejo ouvir mais. Adeus.

Alvaro Guedes acompanhou-a á porta, ajudou-a a subir para a carruagem e, quando ella desapareceu na curva da rua, correu a fechar-se no seu escriptorio.

*

*

*

Margarida, recebendo em Madrid o telegramma que lhe enviei, só o abriu no seu quarto. Dizia assim:

«Lisboa, 2 ás 9 m.

Ambos feridos.

Mauricio.»

Começou lançando á pressa a roupa para dentro da mala, n'um desejo ardente de voltar á capital. A criada do hotel entrou trazendo novo telegramma:

«Lisboa, 2, 3 t.

Mario grave. Tecla telegraphou que chegava. Guedes continua sem falla.

Mauricio.»

— Mais longe! mais longe! exclamou Margarida n'uma ancia louca de fuga.

E voltando-se para a criada estupefacta.

— Um automovel, já, para me levar a Paris ou talvez mais longe.

Partiu.

A velha ama, que a acompanhava, como sempre, persignava-se horrorisada, murmurando baixo orações.

O automovel seguia n'uma corrida vertiginosa, louca, e Margarida, quasi inconscientemente repetia por entre os dentes cerrados:

— Mais longe, mais longe!...

Epilogo

Mario recuperou a saude devido aos cuidados de Tecla. Alvaro Guedes teve de amputar o braço direito pelo terço superior. Tres annos depois casou com uma ingenua, loira e timida, em nada parecida com a sua primeira noiva. Eu, deslocado em casa dos meus amigos pela carta que Tecla me escrevera em hora de desespero, consegui um rendoso logar em Londres, onde habito ha tres annos. O acaso fez-me encontrar Margarida, alli de passagem.

Mario abandonou os negocios, desanimado pelos desgostos e falta de saude.

—E Margarida? Margarida? indaga curiosa a leitora.

—Viaja sempre. Quando lhe perguntei se tencionava voltar a Portugal, respondeu-me com um amargo e triste sorriso:

—Nunca mais.

—E a Celina de Veiros por quem começou esta historia e em quem o auctor não tornou a fallar?

—E' verdade! Celina é hoje a paixão de Mario, mas paixão platonica. E' uma mulher fria, ponderada e nada romantica.

E' um bem, porque Mario, que não póde passar na vida sem complicações sentimentaes, está livre de conseguir torna-la infeliz como a Margarida.

Celina deixa-se incensar, mas é inacessivel a outro amor que não seja o proprio.

Feliz criatura!

Julia



ANNIBAL, ainda convalescente da grave pneumonia que o prostrara tanto tempo no leito, descia ao jardim apoiado no braço de Julia e conversava animadamente com Eduardo, seu amigo de longos annos.

—Onde te queres sentar? perguntou-lhe ternamente sua mulher.

—A' sombra das tiliás, junto do caramanchel.

—Não será muito humido?

—Não, respondeu elle bruscamente.

A um acêno de Julia, dois criados collocaram uma preguiceira do lado exterior do caramanchel, uma mesa em frente d'ella, duas ou tres cadeiras de jardim e um monte de livros e jornaes, além de coberturas e almofadas. Julia

ajudou carinhosamente o marido a instalar-se e, puxando uma cadeira para junto d'elle, ia sentar-se, quando Annibal lhe disse com impaciencia:

— Deixa-nos sós.

Sem lhe retorquir uma palavra, ella afastou-se em direcção de casa.

— E's brusco com tua mulher, observou-lhe Eduardo em tom de censura.

Julia, quando ia a pôr o pé no primeiro degrau da escada, parou como ferida por ideia súbita e voltando sobre os seus passos, entrou no caramanchel sem ser vista. Annibal respondia ao amigo:

— Ella não é minha mulher.

— Não?

— Não. Tem prazer em que eu a deixe passar por isso, mas nunca quiz casar-me.

— Comtudo deixas que ella use o teu nome.

— Não ha n'isso inconveniente algum. Ella é uma senhora; sentir-se-ia vexada numa posição falsa. Assim...

— Causas-me, com essa noticia, o maior assombro.

— Nota, apressou-se a dizer Annibal, ella nunca conheceu outro homem...

— Mais uma razão. Sendo tão bôa, tão dedicada, tão terna, não comprehendo como...

— A dúvida não me veio por ella, mas por mim.

— Por ti?... Cada vez percebo menos.

— É no entanto é simplicissimo. Eu não tenho, pelo meu feitio physico e moral, a minima disposição para me casar...

— Contudo vives com esta senhora ha mais de dez annos!

— Ha treze. Parece uma prova em contrario, mas não é. Ella, n'este espaço de tempo, o que tem sido menos é minha amante.

— Então?

— Tem sido minha mãe, minha irmã, meu amigo, minha enfermeira, emfim tudo, menos minha amante. E como, ao fim de tres annos de vida commum, senti que a não podia amar, mas que me ligavam a ella todos estes varios parentescos, que acabo de citar, nomeei-a por uma participação ás pessoas amigas e conhecidas, impressa em papel da marca mais elegante que encontrei, minha mulher para todos os effeitos publicos.

— Então entre ti e ella...?

— Nada, ou quasi. Que queres? A novidade é que nos dá sensação. Dormimos juntos: quando a sua mão pousa na minha pelle não me accorda sensação alguma. E' a minha propria mão. Razão por que a não posso supportar e não posso passar sem ella.

—Pobre senhora! Ella deve pressentir isso...!

—Não. Convenci-a da minha impossibilidade. Ella crê que, por fatalidade, sou um velho precoce.

—E não se lamenta?

—Não. E' muito orgulhosa para isso.

—E tu então, lá por fóra?...

—Tenho várias amantes. E, cousa estranha, quanto menos estima tenho pela mulher, quanto mais depravada ella é, mais preso me sinto!

E, apesar de estarem sós, curvou-se ao ouvido de Eduardo e fallou-lhe baixo.

—E's um monstro! exclamou este córando, não sei se de nojo se de indignação.

—E tens animo, depois, de vir para junto d'esta pobre criatura?

—Quem não sabe...

—Emfim, não te direi o que penso de tudo isso... Tu sábe-lo demais...

—Fallemos de outro assumpto, visto que este te desagrada; mas, primeiro, deixa-me fazer-te um pedido

—Dize.

—Vens buscar-me amanhã... para dar um *passeio de saude?*

E sorria d'um modo estranho.

Eduardo córou e respondeu com voz rispida:

— Não me mistures na tua vida, Annibal. Eu respeito tua mulher — nota que depois da tua confissão continuo a chamar-lhe assim — e custa-me ver qual o preço por que desejas pagar-lhe o seu dedicado affecto.

E pondo-se de pé:

— Adeus.

— Vaes zangado commigo?

— Não. Estou habituado a estudar os homens. Não ha perversões que me espantem, mas, quando as encontro nos meus amigos, desgosto-me por elles e por mim.

— E's um puro! affirmou Annibal com um sorriso escarninho.

— Não. Sou um homem com todos os defeitos e qualidades inherentes ao sexo, mas que... emfim... Não fallemos mais nisso.

— Vens amanhã?

— Ver-te, sim. Buscar-te, não.

— Queres que me torne um anjo?

— E'-me indifferente. O que não quero é miſturar-me nos teus negocios... Adeus. Cada um governa-se pela sua consciencia. Fica-te com esta... Adeus.

Annibal desdobrou um jornal e tentou lêr.

A vista, ainda muito fraca, recusava-se ao exercicio e a cabeça perturbava-se-lhe. Tornou a pousar o jornal e agitou a campainha, colo-

cada sobre a mesa, ao alcance da mão. Com grande espanto seu, em vez de Julia, pressurosa e solícita, appareceu-lhe uma criada.

— A senhora? interrogou elle admirado.

— Recolheu-se ao quarto encommoada e deu ordem para que a não chamassem por motivo algum.

Annibal carregou o sobrólho e ordenou:

— Vá chamá-la da minha parte.

A criada hesitou, e depois voltou:

— A senhora disse que, se o senhor chamasse, lhe dissesse que ella não podia vir.

— Mas porquê? que tem ella?

— Não sei, senhor. Mas estava livida e fria que parecia morta.

Annibal ergueu-se com esforço e, vagarosamente, encaminhou-se para casa. Dirigiu-se ao quarto commum, abriu a porta e recuou afflicto encontrando a pobre rapariga, desmaiada no chão.

Chamou as criadas, prestaram-lhe soccorros e o porteiro foi enviado em procura do medico. No entanto, Julia, sentando-se na cama, onde a tinham mettido depois de a despir, agitava a cabeça desgrehada, soltando gargalhadas estridulas e phrases e gritos incoherentes.

Annibal tentou levar-lhe aos labios um copo de agua.

Julia, reconhecendo-o, saltou fóra do leito e recuou apavorada para um canto do aposento, apontando-o com dedo trémulo ás criadas:

—E' elle! é elle! levem-no, levem-no de aqui! Tenho-lhe horror! Levem-no, não o quero ver... não o quero ver...

E collara-se á parede, trémula, convulsa, batendo os dentes e arrancando punhados de cabellos, que depois saccudia das mãos com espanto e nojo.

Annibal, sem comprehender cousa alguma, julgando que Julia tinha endoidecido, retirou-se á sala contigua e esperou a vinda do medico com anciedade.

O doutor Cunha de Avila era um homem alto, grosso, de barba grisalha e oculos de ouro, atravez dos quaes brilhavam uns olhinhos verdes, prescrutadores e frios, que encommodavam geralmente os do seu interlocutor.

Annibal pô-lo em poucas palavras ao facto do que se passára. Elle entrou no quarto da doente, que, outra vez deitada no leito, cantava, n'uma toada melancolica para adormecer crianças:

Eu era mais pequenina
Do que uma rasteira flôr,
Quando ouvi que a minha sina
Seria morrer de amôr.

E chorava, correndo-lhe as lagrimas em fiados olhos dilatados e attónitos.

O medico aproximou-se e pousou-lhe a mão na testa. Escaldava. Depois, pegou-lhe nas mãos. Tinham o frio do cadaver. Fez um signal ás criadas para sahirem, e, ficando só com Julia, curvou-se para ella e perguntou-lhe paternalmente:

— Que tens, minha Julia?

Ao som d'aquella voz Julia estremeceu. Sentou-se na cama, olhou em volta de si, e vendo-se só, completamente só com o medico, lançou-lhe os braços em volta do pescoço e rompeu em soluços convulsivos.

— Então, minha filha, então?...

Quando Julia pôde vencer a commoção, contou ao medico tudo quanto ouvira de dentro do caramanchel. Terminando, ajuntou:

— Leva-me, leva-me, meu velho amigo. Não me deixes ficar aqui... Lembra-te que me viste nascer. Que eu o não veja, Raymundo, que eu nunca mais o veja... Tenho-lhe horror.

— Irás commigo, Julia, mas socega. E' preciso socegar para poder partir.

— Não, não. Eu não poderei ter socego aqui. Esta cama parece-me uma fogueira. Eu sinto-me arder aqui. Este quarto não tem ar para mim. Leva-me... leva-me.

— Levo.

Tocou a campainha, e á criada, que appareceu á porta, ordenou:

— Ajude a vestir a senhora.

Passando ao quarto contiguo, disse a Annibal:

— *Tua mulher* ouviu no caramanchel tudo quanto desabafaste com Eduardo. O que ella acaba de ter é um ataque hysterico provocado pelo golpe subito que soffreu. Tem-te horror. Não te quer ver. Eu levo-a... até que o seu espirito se acalme. Depois...

— Depois...?

— Será o que Deus quizer... Tu mesmo o disseste: ella não é tua mulher.

— Mas...

— Não respondo pela sua razão, se ficar aqui ou teimares em lhe apparecer.

— Mandas, Raymundo. Mas, que fatalidade!... Quem poderia suppôr!...

— Não te defendas. Eu não te accusei. Se quizeres, podes mandar buscar noticias amanhã.

— Não vens ver-me? perguntou Annibal com leve ressentimento.

— Depende do seu estado. Não lhe appareças, e que ella te não oiça a voz ao sahir. Provocar-lhe-hias uma nova crise.

Annibal deixou-se cahir desalentado sobre uma cadeira e escondeu o rosto nas mãos.

O medico tornou a entrar no quarto e encontrou Julia vestida e prompta.

— Vamos?

— Vamos.

— Não queres levar uma mala com alguma roupa?

— Nada que me lembre esta casa.

O medico offereceu-lhe o braço. Sahiram directamente para o corredor, desceram a escada e o doutor perguntou a Julia:

— Para onde queres ir?

— Para tua casa. N'estes primeiros dias, sinto que preciso de estar só e sem ninguem. A não seres tu, que já soffrestes uma decepção igual, quem me pode comprehender? Agora, quando tu exclamares n'aquelle tom amargo que tanto me fazia scismar: — Oh! as mulheres! eu pensarei do mesmo modo: — Oh! os homens!

— Que prova isso?

— Não sei.

— Que, lá e cá, más fadas ha.

— Sabes o que eu tenciono fazer?

— Sei, mas não quero ouvir. Temos tempo para pensar: descansa.

*

*

*

Eram oito horas da noite. Annibal com a barba cuidadosamente penteada e o cabelo, a que o Godefroy déra um córte elegante, perfumado e apartado ao meio, mettu-se n'uma sobrecasaca vinda directamente de Londres, poz um chapéu novo, o sobretudo, e, calçando as luvas, tomou o caminho da *Monaco*. Comprou alli charutos, pediu noticias de Julia pelo telephone e dirigiu-se para casa da criatura que, desde a vespera, anciava visitar.

Morava ella n'um primeiro andar da rua do Norte, a que se subia por uma escada immunda e ingreme.

Mal poz o pé no primeiro degrau, sentiu que em cima estalavam as gargalhadas e se tangiam guitarras acompanhadas por vozes roucas e avinhadas. Pensou em retroceder, mas aquelles sons e aquellas vozes eram uma forte instigação para os seus instinctos canalhas. Subiu e bateu. Era inutil: a porta estava aberta. Eis o que viu. Em volta d'uma mesa em desalinho, sobre a qual se viam restos de iguarias, estavam sentadas seis pessoas, trez mulheres e trez homens.

Os rostos descompostos e as posições indecorosas, escolhidas por alguns, diziam de sobra o seu estado. Bertha, com os cabellos negros em desalinho, o cigarro nos labios semi-cerrados, e as palpebras meio cahidas velando propositamente os olhos brilhantes de sensualidade, cantava:

Eu sou filha de Granada,
Terra das boas romãs,
Onde ha rapazes guapos
E raparigas louças.

— *Viva tu gracia!* exclamou, bebado a cahir, D. Diniz Olivares, um dos esturdios mais baixos de Lisboa.

E a Dolores repenicava na guitarra o fadinho do Hilario, toada em que a Bertha continuava cantando:

Na flôr da romeira ha graça
E côr de sangue tambem,
N'esta vida de desgraça
Nunca ninguem achou bem.

— Olha quem vem alli!

E, d'um salto, Bertha lançou-se ao pescoço de Annibal.

— Pelo que vejo não chego em boa hora. . .

— Magnifica, menino. O meu par é o Diniz que está a cahir de bebado. Mais trez copos de vinho e fica nos braços da morte... e eu nos teus.

Todos acolheram Annibal como um estimado companheiro de bambochatas.

— Vens só? perguntou-lhe desconfiado D. Diniz.

— Não. A Michós não tarda ahi.

E ajuntou:

— Um copo á minha ressurreição.

Bertha não se enganara: ao terceiro copo D. Diniz rebolara para baixo da mesa e, enquanto os outros se entregavam a scenas de devassidão, elle, sob o docel da mesa, fazia-lhes em voz arrastada e rouca um sermão de moral a que não faltavam citações latinas. Tinha estudado para padre e, dizia elle, que desde o seminario sentira sempre uma queda especial para a malandrice, o que o não impedia de prégar aos outros. E fazia-o conscienciosamente enquanto as luzes esmoreciam e os companheiros, entregues á loucura, quasi asfixiavam naquella atmosphera de fumo, petroleo e vinho.

Uma nausea!

*

*

*

Pelas seis horas da manhã, ao regressar a casa exausto e succumbido, Annibal sentia nojo de si mesmo e lembrava-se de Julia com saudade. Os fumos do *Champagne* enterneciam-no a ponto de chorar. Elle, que tanto resmungava pelo encommodo que sentia em dormir acompanhado, achava a cama fria; e, ao deitar-se n'ella, uma forte impressão de desamparo lhe redobrou o pranto. E aquelle homem, cinico e debochado, adormeceu como adormecem as crianças nos berços: com os punhos cerrados n'uma attitude infantil e as faces banhadas em lagrimas. Quando accordou, já o dia declinava. A sua saude, ainda mal equilibrada, alterara-se profundamente com os excessos commettidos na vespera.

— Que horas são?

— Quatro e meia, senhor.

— Abre as janellas. Veio alguém?

— O senhor Eduardo está na sala. E o senhor doutor veio, mas, como V. Ex.^a estava ainda recolhido, disse que não queria que o accordasse e retirou-se.

— Grande animal! Porque me não chamaste?
Disse alguma cousa da senhora?

— Que continuava bem, mas precisava de isolamento e socego.

— Diz ao senhor Eduardo que entre.

Eduardo de Mattos, tão elegante e futil quanto profundo e sabedor, era um homem loiro e pallido, de modos insinuantes e distinctos. Tinha, mesmo de roupão e chinellas, um aspecto naturalmente imponente que impunha um certo respeito, mesmo aos homens da sua idade que haviam frequentado com elle os bancos da escola. Só Annibal, pelo seu feitio revoltado e cinico, lhe fallava sem constrangimento, sem se preoccupar do que elle pensaria ou não do seu character e sem fazer caso algum das admoestações que por vezes elle lhe dirigia.

Talvez por isso mesmo Eduardo era amicissimo de Annibal sem o estimar. Um dia que alguém lhe estranhava esta estreita amizade, respondeu:

— Acontece-me com o espirito de Annibal o mesmo que em pequeno me acontecia com um quadro que ha no museu das Bellas-Artes representando as penas do purgatorio: horrorisa-me, mas não posso deixar de o analysar com interesse.

E era assim.

Entrando no quarto do amigo, perguntou-lhe:

— Então?

— Então, Julia ouviu hontem toda a nossa conversa e decidiu proceder tragicamente. Cheguei a convencer-me de que ella estava louca.

— Pobre senhora! E agora?

— Agora o caso é muito simples e está naturalmente indicado. Quando se cansar de estar fóra de casa, voltará. Eu estou na defensiva. Não ataco. Quando chegarem as scenas de recriminações, dir-lhe-hei que o que disse foi propositadamente para a castigar da sua indiscrição — tinha percebido que estava escutando — ou então que ella transtornou e eu não disse nada d'aquillo.

— Mas se ella ouviu?

— Que importa. Tu prendes-te com cousas! Que me faz a mim que ella tenha ouvido ou não? Nego ao infinito e prompto.

— Mas isso não lhe levará a convicção ao espirito.

— Eu tambem não pretendo convence-la.

— Comtudo...

— Olha, meu caro, n'isto de mulheres o que é preciso é que ellas façam o que se lhes manda, e vão para onde se quer: o resto, pouco ou nada importa.

— Não tiveste pena de a ver ir?

— Sim, não me foi indifferente, mas consolei-me com a certeza de a ver voltar. A mulher e o perdigueiro não resistem ao assobio. E eu assobio tão bem...

Vestiu-se, mas viu a completa impossibilidade physica de sahir a pé.

— Não comeces a fazer loucuras. Repara que o teu estado...

— Então, menino, não ha remedio senão aproveitar estas ferias conjugaes... Depois, tenho de obedecer ao regulamento e... tu bem vês... A liberdade encanta-me. Macario! gritou elle ao criado, corre a buscar-me uma carruagem.

— Onde vaes?

— Almoçar a qualquer parte... Fazes-me companhia?

— Dentro de duas horas sim, jantarei: por ora é cedo para mim.

— Pois esperarei por ti, porque comer só aborrece-me. E' uma das cousas em que Julia me faz falta.

A carruagem parou á porta. Desceram.

— Para onde, meu freguez?

— Para o Campo Grande.

E os dois amigos seguiram conversando em assumptos varios.

Como Julia, para quem o seu amor era a unica cousa interessante que o mundo encer-

rava, ficaria pasmada se os ouvisse! Ella, que na sua imaginação attribuia ainda ao amante qualidades e sentimentos que elle nunca tivera nem teria, e que, áquella hora, o julgava, senão arrependido, pelo menos confuso da maneira por que, durante tantos annos, se havia portado com ella!

Oiçamo-la dez dias depois.

No escriptorio de Raymundo Cunha de Avila, Julia, sentada junto da porta envidraçada que abria para o jardim, olhava atravez das persianas verdes, cuidadosamente cerradas, os cães do doutor que brincavam na relva.

Raymundo, sentado á sua secretaria, escrevia e de quando em quando olhava Julia sem interromper o trabalho.

Por fim, pousou a penna e arrastando um tamborete baixo para junto d'ella, sentou-se-lhe á beira, perguntando:

— Em que pensas, minha filha?

— Em nada. Gozo a derrocada das minhas illusões.

— Agora, que passaram tantos dias sobre o golpe recebido, persistes em não tornar a ver Annibal?

— Mais do que nunca: a sua vista é-me odiosa... Elle morreu para mim.

— Assim o julguei sempre. Mas pensaste...

que a tua permanencia aqui não é regular e te pode acarretar dissabores?

— Queres que me vá embora? perguntou Julia com indiferença.

— Não... pelo contrario. Tu conheces-me desde criança e habituaste-te a ver em mim um velho. Eu não o sou e, quando de menina te tornaste mulher, senti que o meu coração não estava morto pela desillusão soffrida e que tu podias faze-lo accordar. Resignei-me sem esforço ao papel de pai que me distribuiste. Algumas vezes me maguou a tua infantil sinceridade, mas a minha razão foi sempre clara: achei natural, e amei-te mais, e mais desinteressadamente quando, de motu-proprio, me contaste as tuas infelicidades. Eu não sou para o mundo o velho que sou para ti. Tenho mesmo a fama d'um homem que gosta de mulheres e, embora a tua presença me seja grata, entendo que devo dizer-te que a tua reputação pode padecer se continuares aqui. Mas se me acceitas como marido (com todas as formalidades legaes) não te pedirei senão a mesma leal e franca amizade, que até aqui me tens querido dar, a não ser que espontaneamente me concedas outro sentimento mais doce. Iremos para um sitio qualquer onde ninguem nos conheça, e poderemos ainda ser felizes, minha Julia.

Ella tomou-lhe commoivamente a mão e respondeu-lhe com sinceridade:

— Como és bom, Raymundô! Que nobre e grande coração o teu! Não hesitavas em dar-me o teu nome sabendo tudo! Obrigada, mas nunca accitaria esse sacrificio. Eu nunca em generosidade serei inferior a ninguem. O meu espirito é teu ha muito tempo. Habituei-me a fallar e a pensar contigo. Não foi uma infidelidade a Annibal, nem um roubo. Para que quereria elle o meu espirito se nunca o contentou nem lhe dispensou o miñimo affecto ou attenção? Mas a minha carne é d'elle... Eu sinto-o, ainda elle vem a distancia, e a sua mão não me causa o effeito que lhe causava a minha. Emfim, Annibal morreu para mim, mas tenho uma necessidade enorme de que elle o saiba. Preciso fazer-lh'o sentir. Ficarei contigo porque me sinto aqui bem. O que disser o mundo não me importa. Casar contigo é impossivel. Não poderei ser nunca para ti senão uma irmã: para o publico serei tua amante.

— Mas, minha filha, o teu desejo de te vingares de Annibal leva-te longe de mais...

— Eu não tenho nem filhos nem familia... A bem com a minha consciencia não me importa o mundo.

— Hoje vou a casa de Annibal...

— Não me falles n'elle. Dize-lhe que sou feliz e... que casarei brevemente.

— Elle não acreditará...

— Acredita tudo em que não haja logica: é o que diz com o seu character.

— Não queres nada de fóra?

— Não. Volta cedo. Custa-me a estar só! Ha ainda em mim uma forte impressão de desamparo apesar dos teus affectuosos cuidados. Para todos os lados que olho parece que vejo escripta em lettras de fogo a palavra Só! E o desespero que sinto não se descreve.

— Hade passar.

— Por certo.

O doutor sahiu e Julia, pegando n'um livro, tentou ler.

Mas a pouco e pouco o livro descahiu-lhe das mãos nos joelhos e, com o olhar perdido no vacuo, ficou immersa em amargas meditações. Via com rara nitidez o *util papel* que desempenhara na vida de Annibal, os seus defeitos, baseados todos no profundo egoismo que o distinguia e, olhando esses treze annos da sua vida, arrependia-se profundamente dos sacrificios que fizera. Um sentimento estranho começava a desabrochar no seu coração, uma sede inextinguivel que ella não conhecia, um desejo ardente e violento de vingança.

—E' preciso que elle soffra o mesmo que eu soffri... mas como?

E a sua mente engeháva-se em lhe encontrar supplicios Moraes que ultrapassassem o seu. Depois, convencida da inutilidade da procura, mordia os beiços com raiva até lhe fazer espirrar sangue, exclamando.

—Estúpida! Esqueço-me de que *aquillo* nem mesmo tem coração.

E n'esta phrase, arrancada ao soffrimento, Julia puzera na palavra *aquillo* todo o desprezo que n'um coração de mulher pode caber.

*

* * *

São passados trez annos sobre os acontecimentos que acabamos de narrar. E' domingo de Paschoa. Inauguram-se as toiradas na praça do Campo Pequeno. O dia está esplendido, a concorrência é numerosa e o enthusiasmo ruidoso. N'um camarote da sombra, Julia e o doutor, cada vez mais velho e alquebrado, assistem á toirada. Em baixo, do mesmo lado, entre a multidão clamorosa, Annibal e Eduardo passam o binoculo pelos camarotes.

Começaram as cortezias e, quando Eduardo ia a fazer uma observação ao amigo ácerca do lindo cavallo que montava o José Bento, Annibal, muito pallido e com uma expressão estranha no olhar, murmurou-lhe quasi ao ouvido:

— Eu saio... Ella está alli.

Seguindo a direcção apontada, Eduardo reparou em Julia. Estava tambem mais velha, mas conservava o mesmo ar orgulhoso que elle sempre lhe conhecera.

— Fica... pois com as tuas theorias...

— Não. Saio... e saio já. Não estou bom.

— Que sensaboria! Bem, vamos lá.

— Fica tu.

— Não, acompanho-te.

E sahiram, enquanto o publico, tendo ouvido o annuncio dado pelo clarim, fitava ancioso a porta do curro por onde sahiria o animal que ia ser lidado.

— Onde vamos? perguntou Eduardo a Annibal.

— Sei lá, homem... Onde quizeres.

E encaminharam-se silenciosamente para o Campo Grande.

Por fim Eduardo, vendo que o amigo nada dizia, perguntou-lhe:

— Julguei que o teu affecto por esta mulher estava esquecido ha muito.

— Esteve enquanto julguei que ella voltasse.

— Oh!...

— Tu depois partiste para Londres e ignoras o que se passou...

— Conta.

— Quando eu perdi as esperanças de a ver voltar, escrevi-lhe, humilhei-me, fiz tudo quanto a minha razão me dizia que poderia faze-la voltar para mim. Foi tudo inutil. Então, (como sabes, sou uma criatura de resoluções promptas) resolvi-me a contar a verdade a Bertha e a pedir-lhe conselho. As mulheres sempre têm, quer puras quer depravadas, uma certa afinidade entre si.

— Que disparate!

— Não era. Ella aconselhou-me que lhe dissesse que estava emendado e lhe tinha tomado a ella, Bertha, o maior nojo, porque, ajuntava a hespanhola, seria o unico meio de a fazer voltar para mim.

— É então?

— Ella nem mesmo me respondeu, e, como eu teimasse em lhe escrever e querer fallar-lhe, o doutor veiu a minha casa e disse-me:

— «Não teimes em querer fazer as pazes com Julia. E' inutil, acredita-me. O vicio tanto prende e une aquelles que o partilham como affasta os que lhe soffrem as consequencias e o vêem

com ciúme e nojo nos outros. As palavras que Julia te ouviu mostraram-lhe o que moralmente vales para ella. Quando uma mulher designa o homem que amou por *isto* ou *aquillo*, é inutil persegui-la». Procurei saber quem me substituiu no seu coração e não apurei nada. Dois annos depois, affirmaram-me que ella era amante... imagina tu de quem?

— Sei lá!

— Do Raymundo.

— Que insensatez!

— Pensei-o no primeiro momento, mas depois mil pequenos nada, que até então me haviam passado despercebidos, levaram-me á convicção de que me não enganaram.

— Estás doido!

— Não estou. Elle ama-a.

— E quando assim fosse? Nada prova que ella lhe corresponda... Francamente, julguei-te com mais tino.

— Desde então a minha ideia fixa é... matá-los.

— Mesmo que assim fosse, não tinhas direito de o fazer.

— Não tinha direito?!

— Não. Interroga a consciência.

A conversa prolongou-se e, quando a toirada terminou, algumas carruagens antes de regres-

sarem á cidade vieram dar volta ao Campo-Grande.

A que transportava Julia e o doutor era desse numero.

Quando subiam a rua occidental, Julia córou ao ver Annibal sentado num banco, e desviou naturalmente o olhar, dizendo a Raymundo num gracejo:

— *Minha alma*, está alli o *meu corpo*.

— Será sempre assim? Estarei eternamente condemnado ao papel de pae?

Sem lhe responder, Julia accrescentou:

— Vês aquelle rapaz alto e loiro que está com elle?

— Vejo.

— Pois bem, é quem eu devia ter amado para ser feliz. Tu, meu amigo, vieste muito cedo: elle chegou muito tarde.

— Desde que uma mulher admitte a possibilidade de amar um homem é porque já não ama quem suppunha amar.

— Dirás melhor é porque *despreza* quem suppunha amar.

— Quem despreza não ama.

— Perfeito engano. O amor não é incompativel nem com o odio! Liga-se, infelizmente, a todos os sentimentos contrarios.

— N'esse caso, volta para Annibal, respon-

deu-lhe o doutor com azedume: ainda podes ser feliz com elle.

Julia estendeu a mão ao doutor e disse-lhe com amizade:

— Como és ciumento, Raymundo! Quem te ouvisse havia de suppor que tudo o que se diz de nós é verdade.

— Mudemos de assumpto. Tens-me feito representar papeis bem tristes.

E no seu rosto, abatido e macerado, accentuou-se uma expressão de soffrimento.

Julia meditou um momento e murmurou-lhe ao ouvido:

— Tinhas uma grande alegria se eu casasse contigo?

O doutor estremeceu e, com voz commo-vida e olhar brilhante, respondeu-lhe:

— Procura outro thema para gracejo.

E com censura ajuntou:

— E' crueldade ferir o coração d'um velho.

— Não brincava, meu amigo. Casarei contigo sem padres nem participações.

— Amas-me? perguntou Cunha de Avilla com transporte.

Julia hesitou um momento e respondeu:

— O bastante para te fazer essa pequena concessão.

*

*

*

Annibal, sentado junto de Bertha, brincava-lhe com os aneis, desabafando n'aquelle corrompido coração a tortura com que passára a tarde. Elles comprehendiam-se tão bem!

— *Pobre chico!* exclamava de longe em longe a hespanhola, anediando-lhe os lindos cabellos castanhos.

Por fim Annibal, num impeto de duvida atroz, perguntou-lhe:

— Parece-te que ella seja amante do doutor?

— Não. Até hoje sei que não era. Tenho indagado pelos criados. Mas se te viu e desviou o olhar córando, como affirmas... não sei: talvez o seja esta noite.

— E porquê?... porquê?...

— Porque é mulher.

N'essa noite, Julia, examinando a sua consciencia, perguntava-se:

— Foi por amor? por gratidão? por animalidade? por vingança?

Não, não tinha sido por nada disto...

Então?

Contentou-se com esta razão que talvez não contente os leitores:

Vendo Annibal, sentiu que a carne d'elle chamava a sua, e, temendo não resistir a tão forte voz, preferiu cahir sem quebra do seu orgulho, entregando-se *ao espirito*.

Passado esse acto de loucura a que se seguiriam outros para o normalisar, olhou em volta e pareceu-lhe impossivel que a natureza se conservasse risonha e indifferente ao desespero que lhe ia na alma. Uma só cousa a consolava: a satisfação do doutor. Mas aconselhando dias depois uma sobrinha d'este casada ha pouco, dizia-lhe:

— Nunca escute as conversas de seu marido com os amigos: é o maior disparate que uma mulher pode fazer.

Ludovina



— **C**HORASTE? perguntou Raphael á mulher.

— Não.

— Comtudo tens os olhos vermelhos. . .

— E' que ri muito, muito. . .

— Porquê?

— Contaram-me uma historia engraçadissima. . .

— A respeito de quem?

— Não sei. . . mas gostava de saber. Imagina que um homem, (não me quizeram dizer o nome) que tem quarenta e dois annos, pouco mais ou menos a tua idade, metteu-se a seductor de costureiras. . .

— E então?

— Uma d'ellas, que tem graça e habilidade para o desenho, fez a caricatura d'elle extrema-

mente parecida, e diz que vae manda-la á mulher d'elle, pedindo-lhe que a livre da perseguição do marido. Suppõe a cara do pobre homem quando souber isto!

Raphael, muito pouco á vontade, perguntou:

— Quem te contou isso?

— A Ludovina — quem havia de ser? — esta manhã quando me veiu provar o roupão... Mas que tens tu?

— Nada, ... nada. Estou perfeitamente.

— Ella ficou até de me arranjar a caricatura para vêr.

— Acho de péssimo gosto que te interesses por essas intrigas de *atelier*, censurou elle vivamente contrariado.

N'este momento appareceu á porta um criado trazendo uma carta n'uma salva:

— Manda a menina Ludovina, disse elle.

Amelia vae a pegar na carta, mas o marido precipita-se e recebe-a primeiro.

— E' a caricatura! ... deixa vêr.

Elle abre, vê, e, tornando-se rubro:

— Isto não é decente d'uma senhora vêr!

E na sua consciencia dizia:

— Escapei de boa, heim? a minha caricatura! Que monstros são as mulheres! ... Ah! Ludovina, Ludovina... tu m'as pagarás.

Amelia insistia:

— Deixa-me vêr, anda. . .

— Affianço-te que não é decente. Parece incrível que essa criatura se atrevesse a mandar-te tal cousa. . .

— Mas em que consiste a indecencia?

— Em. . . em. . .

— Eu sei. Consiste em ti.

E, tirando da algibeira uma caricatura igual á que elle tinha na mão, mostrou-lh'a.

Espantado, vexado, sem saber que dizer, a figura de Raphael era impagavel.

Amelia pegou n'um lapis e tractou de reproduzir fielmente a curiosa attitude do marido. Feito isto, fechou o seu trabalho n'um sobrescripto e, chamando o criado, ordenou-lhe que levasse aquella resposta á menina Ludovina.

Raphael teve juizo durante algum tempo; mas, se alguma aventureira o tentava, perguntava-lhe primeiro n'um tom de receio:

— Sabe desenho?

Luiza



No chá das cinco, sentados á mesa mais em frente da porta, Lemos Tavares e Luiza Morley discutem arte com a incompetencia usual n'esta sociedade de *chics*, que vieram não se sabe como nem de onde, mas que, cheios de si proprios, se arvoram em elegantes, criticos, e juizes da moda:— um cumulo!

— Adquiriste algum quadro?

— Oh! não. Nada que preste este anno, a não ser Columbano... mas esse não vende... E indicando com o impertinente *lorgnon* uma senhora que entrava, declarou:

— Que chapéu! Já viste alguma coisa mais feia?

A senhora, assim analysada, córou, sentindo-se alvo de commentarios.

— E de versos? Que tens lido?

— Nada, meu amor. A arte entre nós, seja em que ramo fôr, está decadente.

— Oh! por aqui, Miguel d'Almeida?!

Esta admiração fez sorrir na mesa visinha Mendes Trigueiros, que assistia, quasi diariamente, ao espanto d'aquelle encontro *imprevisto*.

— Em que fallam V. Ex.^{as}?

— Na decadencia da arte, respondeu Luiza pomposamente. Já não temos artistas...

E, atravez do petulante *lorgnon*, fitou os rapazes que estacionavam defronte, na livraria Ferreira, poiso dos intellectuaes das 4 ás 5 1/2.

— Está pessimista hoje a nossa amiguinha. Acaba de me dizer que não lhe agradam os versos dos poetas actuaes.

— Da maioria, bem entendido, rectificou Luiza Morley. Faço comtudo uma excepção para o auctor do Cantico Andaluz. Oh! o Cantico Andaluz é um mimo, um encanto!

— Esta senhora tem opiniões assentes sobre tudo! admirou Miguel d'Almeida com convicção. Em pintura, em litteratura, em musica, em modas!... Até em politica sabe sempre julgar.

— O mérito não é meu, Miguel d'Almeida. Leio... leio muito, e fixo o que leio. Em pintura guiou-me pelo José de Figueiredo e não vou mal:

sobre litteratura conversei com Fileas Lebesgue e fiquei côm uma opinião feita; quanto á politica, leio os jornaes avançados, para poder formar uma opinião real das cousas; mas, como essa não é elegante, lamento o estado actual do paiz, que nunca se sentiu tão bem, e lamento não ser rica para ir para Mondariz cantar o hymno, pedindo ao Altissimo a Monarchia em Portugal ou a intervenção estrangeira. Convencida de que a Republica é a fórma de governo mais racional, faço em voz alta votos pelo exito da empreza do Couceiro e digo que a Monarchia *é uma cousa que se impõe*. Quanto a modas, é mais difficil e dispendioso.

—Pudera! affirmou Leonor. E' o nosso principal assumpto.

—O unico, minha querida, dize assim, que não faltas á verdade.

—Oh! perdão interrompeu Miguel d'Almeida. Esquecia-me, snr.^a D. Luiza, de lhe pedir o seu retrato.

—O meu retrato?... para quê?

—Para a *Chronica Musical*, um jornal novo de grande tiragem. E, como V. Ex.^a é uma das nossas mais distinctas cantoras, o Jayme Burgos, que é o redactor principal, pediu-me...

—Mas, meu Deus! para que se encarregou d'isso, Miguel d'Almeida? Não sabe que me

causa a maior magua que se occupem de mim?

Na mesa visinha, Mendes Trigueiros riu. E' que ainda não tinham passado trez dias sobre aquelle em que Miguel d'Almeida o procurára para lhe pedir que lhe dêsse no jornal a noticia da chegada a Lisboa d'esta modesta criatura.

A conversa continuou:

— Porém, senhora D. Luiza, eu não podia escusar-me a...

— Bem sei, bem sei. Está sempre prompto a encommodar-me por causa dos seus amigos.

— Porque não dás o retrato? perguntou Leonor acreditando na sinceridade da amiga.

Ella, fingindo-se perplexa:

— Mas eu agora nem tenho nenhum...

— Se me auctorisa a emprestar um dos que possuo?...

— Faça o que quizer... elles são seus... Lembre porém ao seu amigo que eu não gosto que se occupem de mim.

Depois d'um silencio de instantes:

— Dê-lhe todos os apontamentos a meu respeito, não vá elle dizer da minha voz qualquer cousa que eu não goste de lêr.

— Mas isso era inutil recommendar.

— N'esse ponto acho que tens razão, apoiou Leonor.

— Olhe, Miguel, tornou Luiza, dê-lhe aquelle retrato em que eu estou encostada á janella n'uma attitude scismadora.

— Esse?! Então não era melhor aquelle em que está cantando junto do piano?

Luiza n'um tom incisivo:

— Esse ou nenhum. E'-me indifferente... Bem sabe que não gosto que se occupem de mim.

Esther

I

ESTHER d'Arcos era uma mulher nova, intelligente, muito elegante, mas tão má quanto ignorante e sem escrúpulos. Vivia unicamente para o prazer, e, não tendo meios para sustentar a vida faustosa de que gostava, imaginou um, tão proficuo quanto ignobil: explorar os velhos.

Tinha artes de os apaixonar. Fingia virtude, pudor, remorsos de peccar nem que fôsse só por pensamentos, e tão bem, tão habilmente manobrava, que, dentro em pouco, tinha-os a seus pés, rendidos, loucos, offerecendo-lhe alma, vida, coração e bolsa.

— Meu Deus, que horror! Acceitar nada de

você!... exclamava ella magoada, chorando pelo insulto dos offerecimentos.

Depois deixava-se consolar, ameigar, até... onde lhe não repugnava. Mostrava desejos de protecção, de amparo: «vivia tão só desde que enviudara!... A vida era tão triste sem o forte apoio d'um braço de homem...» E, enfim, um dia, quando julgava ter mostrado bem a sua isenção e lealdade de affectos, apparecia-lhes em grande afflicção: — Para salvar uma amiga empenhara os seus brilhantes, ás escondidas da mãe, a velha e rispida baroneza de Riba Calva. Que diria ella agora que, já desconfiada, lhe pedira para a vêr com elles no baile que ia dar o tio Villarinho de Santa Eulalia!

De outra vez, era uma criatura que estava perdida e recorria á generosidade do seu coração: — Vontade não lhe faltava, mas estava tão sobrecarregada que, apesar de rica, (nunca confessava que o não era) a sua bolsa não era inexgotavel e soffria tanto, tanto de não poder auxiliar os que padecem!...

Era um nunca acabar de constantes necessidades e desejos que ella trahia naturalmente, sem bem se perceber como, e que elles remediavam com grande prazer, quasi agradecidos de encontrarem um meio de lhe demonstrarem que a sua dedicação não era uma palavra vã,

e suspiravam sempre de já lhe não poderem demonstrar, por outra fôrma *mais significativa*, o seu profundo amor. No entanto, esta mulher assim pervertida, amava, e com grande e sincera paixão, um jovem e pobre esculptor. E que sacrificios ella não fazia por elle!

Vendo-o altivo, desinteressado, nobre, sem lhe querer acceitar o minimo favor, engenhou-se em lhe dar o preciso para viver tão luxuosamente como ella, sem que o artista o pressentisse. Mandava pessoas das suas relações fazerem-lhe encomendas, pagava licções a muitos discipulos d'elle e até conseguiu que um dos seus velhos amantes, ao morrer, deixasse ao novo um legado de trinta contos!

O mais leve desejo d'elle era uma ordem para ella. E... comtudo, enganava-o. Jorge suppunha-a uma mulher seria, virtuosa, incomparavel, unica! Ella era uma criatura que se vendia. A's vezes censurava-se. Quando, n'um d'esses extases de violento amor, elle deixava transbordar os sentimentos e lhe dizia: «se os teus olhos se fitassem n'outro, eu enlouqueceria de dôr e ciume» o seu coração confrangia-se, sentia uma pena immensa de não ser só d'elle; mas com a commoda philosophia de todas as consciencias sem escrupulos, concluia:—«Mas, se assim não fôsse, teria Jorge a vida que tem?»

Não. Elle vive como um príncipe e sou eu que pago tudo sem que elle o saiba. ;Depois, amar-me-hia até á loucura se eu não offuscasse todas as outras pelo esplendor da minha elegancia?

Um restinho de coração, (porque dignidade ha muito que a não tinha) protestava contra aquellas razões: — «Tu bem sabes que elle preferia a pobreza e a honra.» A sua mente corrompida suggeria-lhe em resposta:

— «Sim, o orgulho no primeiro momento levava-o a isso, e... e depois? Quando se visse e me visse na miseria? N'ella não pôde haver sentimentos fortes, o egoismo revolta-se, e cada um pensa em si.

Jorge de Lima, enquanto se vira pobre e modesto, limitára-se a amar Esther com toda a sua alma; mas, quando a fortuna o bafejou, quando o velho que lhe incumbira uma Venus em tamanho natural, lhe deixou, ao morrer, trinta contos, para que pudesse proseguir os seus estudos com largueza e sem afflicções materiaes, julgou-se rico e celebre. Pareceu-lhe que podia, sem deslustre para os pergaminhos d'uma Riba Calva, pedi-la em casamento. A sua grande ambição era poder, á face do mundo, trazer Esther apoiada no seu braço, e chamar-lhe sua mulher. Nem por um instante supuzera nunca que os desejos da sua amante não fôsem os

seus. Por isso, quando uma tarde, ao separar-se d'ella, lhe propoz casamento, ficou surprehendido ao vêr que, em vez do jubilo que esperava, ella empallidecera, appoiara-se á espalda d'uma cadeira e murmurara com voz sumida:

— Não posso.

— Porquê? perguntou elle.

E era tal o seu espanto, que o cerebro não lhe permittiu a minima duvida ou suspeita, e parou assombrado na palavra que transmittira aos labios.

— Isso é longo de explicar, meu amigo. E agora, bem sabes... tenho os instantes contados. Amanhã...

— Mas porque não queres casar commigo? perguntou elle, sentindo n'alma um mar de amargura.

— Eu não te disse que não queria. Disse-te que não podia...

— Mas que obstaculos se podem oppôr?

— A perda da minha fortuna. No dia em que eu casar, passará para meus cunhados.

— Isso que importa? Eu já ganho o bastante para nós dois...

— Bem, discutiremos isso com mais vagar.

— Tu não me amas...

— Adoro-te!

— Se assim fôsse...

— E'. Não o duvides.

— Fazias-me a vontade.

— Faço... mais tarde.

— Quando?

— Quando o capital que empreguei n'um negocio de exportação de vinhos para a Noruega, me garantir um rendimento que não seja inferior ao que hoje tenho. Meu amor, sem commodidades e elegancias não comprehendo a vida. E não quero que te canses a trabalhar para mim, mais do que já fazes. Mas adeus. E' tarde. Minha mãe já deve estar inquieta. Vaes logo?

— Talvez, não sei. Tu, com a tua recusa, tiraste-me o animo para tudo.

— Criança! exclamou ella com meiguice estreitando-o ternamente nos braços.

— Pois tu não sentes que é o receio que o teu amor diminua com a posse legitima, que me faz hesitar?

— Juras-m'o?

— Cem vezes. Adeus.

— Adeus.

E um beijo longo, violento, ardente, sellou os seus labios com paixão.

*

*

*

Ficando só, Jorge de Lima, tentou trabalhar e pegou no escopro; mas n'um rapido gesto de repulsão, deixou-o cahir no taboleiro onde os necessarios instrumentos descansavam ao alcance da mão. Depois, aproximou-se da janella, abriu-a de par em par, e sorriu da sua tentativa de trabalho. Nem reparara que era quasi noite. Appoiou-se ao peitoril e reflectiu. A pouco e pouco, as sombras que baixavam sobre a terra pareciam envolver tambem o seu espirito, e uma tristeza infinita pintava-se-lhe no olhar negro e profundo, insondavel como um mysterio. O seu pensamento raciocinava assim:

— Quando a mulher escuta razões de interesse para se não ligar ao homem que diz amar, ou ainda o não ama bastante, ou já o não ama. Isto é evidente. Mas pôde ainda dar-se um caso peor: pôde amar outro. E se assim fôsse?

Passou em revista os homens que frequentavam a casa de Esther. Eram quasi todos insuspeitos pela sua idade. Todos amigos, todos excessiva e santamente paternaes. Havia, era

certo, alguns rapazes novos e galanteadores, mas eram tão respeitosos com Esther!...

Uma ideia subita sobresaltou-lhe o coração. E elle? Não era em publico tão cerimonioso, tão respeitador, tão estranho? Podia haver maior intimidade ou mais profundo affecto do que o seu? Não havia mysterio de carne que elles não tivessem profundado juntos, sentimento de coração que não tivessem discriminado. Mas d'essas analyses de alma ficara-lhe mais d'uma vez uma impressão desagradavel. Parecia-lhe que, de repente, se erguia um muro immenso ou uma distancia de leguas entre ambos. Fizera notar isso a Esther n'um tom de apprehensivo receio. Ella, porém, respondera-lhe rindo:

— Se tu me achasses uma photographia tua, aborrecer-me-hias. E' necessario sermos um pouco differentes para nos amarmos sempre.

E fingia ter posto uma pérfida malicia nas palavras em que expressara a sinceridade do seu sentir, sinceridade que tanto melindrara o amante. Tudo isso elle lembrava com um mixto de amargura e desconfiança. Resolveu observar, estudar, discriminar as suas menores palavras e gestos e, se chegasse á certeza de que o affecto de Esther por elle não era tão intenso como d'antes, partiria. Iria para Italia enlevar-se na contemplação das bellezas artisticas, ou antes

para a Argentina. Encararia a vida pelo lado pratico, porque é uma verdade incontestavel: o unico amigo com que podemos contar é aquelle que não nos desampara nunca:— o nosso proprio coração.

E, confrangido, exasperado, capaz de todas as loucuras, murmurou:

— Antes uma má certeza do que uma horri-
vel duvida.

Entrou no seu quarto, cuidou o vestuario e sahiu. Jorge de Lima não sabia, como a sua amante, dominar os sentimentos. No rosto, franco e leal, reflectia-se-lhe, como n'um espelho, o estado de alma. Assim, depois de ter jantado sósinho n'uma mesa de hotel que não costumava frequentar, desceu lentamente ao Aterro, foi a pé até Santos, e, alli, metteu-se n'um carro para a Estrella. Mal entrou estenderam-se para elle as mãos de dois frequentadores da casa da baroneza de Riba Calva. Eram o conde de Agreirinha e o conego Peixoto.

— Olá, meu caro esculptor!

— Então que é feito?

— Por onde tem andado? tornou o primeiro.

— Tenho estado em casa, empenhado em acabar um trabalho urgente.

— E que me diz você de politica, ó Lima?

— Pelo amor de Deus, senhor conego, não

me falle n'isso. E' a maior peste que eu conheço, porque, é preciso desenganarmo-nos, isto nunca foi politica, nem nós temos politicos. Politiqueiros sim, e da peor especie.

— Não me diga isso homem, exclamou exaltado o conde de Agreirinha batendo com a mão nas costas do banco fronteiro; o Alves de Oliveira é o homem da situação.

Posta a conversa n'este pé, já não parou senão ao chegarem ao seu destino. A' porta de casa da baroneza encontraram duas ou tres pessoas, que tambem entraram, e, como eram todos frequentadores dos serões da rua de S. Domingos, cumprimentaram-se cortezmente, e subiram a escada conversando.

Atravez do reposteiro meio erguido via-se Esther, esplendida e simplesmente vestida de velludo preto, com os dedos carregados de joias. Junto d'ella D. Luiz de Avintes murmurava-lhe phrases impregnadas de ternura. Quando Jorge e os seus companheiros entraram na sala, elle curvava-se gentilmente, n'uma mesura graciosa e beijava-lhe com requintada galanteria a mão pallida e longa.

O esculptor estremeceu.

Assistira cem vezes aos amaveis galanteios dos amigos da sua amante com o ar mais imperturbavel do mundo e sem nunca lhes medir

o alcance. Hoje, porém, a disposição em que estava, levava-o a não perder o minimo gesto, o minimo olhar. O que viu, o que aprendeu em toda a noite, causou-lhe o mais vivo tormento; e tomou tantas e taes proporções aos seus olhos, que o seu estado de espirito reflectia-se-lhe, mau grado seu, na physionomia e nos gestos.

Esther, habituada a ler-lhe na alma, affligia-se da tempestade que provocara com a promptidão da sua resposta. Censurava-se da sua falta de diplomacia, e temia as consequencias da irreflexão que tivera. Mostrava-se alegre e despreoccupada; mas d'esta vez, não conseguia representar bem. Havia no seu riso qualquer cousa de forçado: soava falso e echoava no coração de Jorge desagradavelmente. Os seus velhos amigos não pareceram nota-lo. Mas a mãe, que estudara na sua mocidade todas as emoções, que um fragil coração dado ao amôr pode sentir, fitou na filha um olhar penetrante e disse á sua cunhada Leonor, a mulher que, na roda elegante, mais informações podia dar sobre o temperamento dos homens da época passada:

—Vê se profundas o que se passa no coração de Esther. Inquieta-me.

Leonor, com o ar d'um medico a quem um olhar basta para fazer o diagnostico da doença,

pegou no cabo da luneta e, recostando-se na cadeira, assestou-a para a sobrinha. Mediu-a da cabeça aos pés, com o sorriso complacente de quem observa um phenomeno curioso mas conhecido. Depois, erguendo-se lentamente, deixou cahir a luneta, atravessou a sala com ar magestoso, e foi sentar-se no lugar que o velho conde de Agreirinha acabava de deixar.

— Que tens? perguntou-lhe ella.

Esther expoz apressadamente:

— Jorge propoz-me casamento. Respondi-lhe que não podia casar-me. Emfim, andei tão mal, que lhe bastará olha-lo para comprehender o alcance da *gafe* que commetti, e não sei como reparar.

— Meu Deus! Como és criança! Em quanto disseste, só vejo de grave o emprego d'uma expressão franceza de que não temos necessidade alguma: o resto não tem importancia... Quando as visitas sahirem vae ao meu quarto.

E, dirigindo-se ao piano aberto, tocou uma valsa de Strauss que tinha para ella estranhas recordações. O piano, sob os seus dedos, era um interprete de alma vibrante e apaixonada.

A maioria das visitas, rapazes do tempo da tia de Esther, para quem aquella valsa tinha mais ou menos recordações, algumas que a velha Leonor partilhava, esqueceram momenta-

neamente o triste presente, para elles quasi sem futuro, a favor do passado brilhante de amor e sensações. Leonor sorriu vaidosa e orgulhosamente vendo-os erguer das cadeiras e aproximarem-se tropegos e pressurosos do piano, segundo o grau mais ou menos forte das recordações evocadas.

— Lembra-se da ultima vez que dançou commigo essa valsa? perguntou-lhe com voz tremula o conde de Agreirinha.

— Creio que foi n'um baile da marquiza de Vianna.

E, nos labios de Leonor, accentuou-se uma expressão enigmatica.

— Que bailes! que festas aquellas!

— O peor era o triste tributo que todos tinhamos que pagar á vaidade da dona da casa. Lembram-se?

— Se nos lembra! Eu, na minha qualidade de membro da Egreja, estava isento d'isso. Não deixava comtudo de os lamentar a vocês. Eh! eh! eh! Estou a vêr a cara desolada do José Lencastre...

— Mas o que era? o que era? perguntou Esther fingindo interesse.

— A marquiza de Vianna, quando algum rapaz se esquecia de a tirar para dançar, apontava-o no seu registo para não o tornar a convidar.

—E não se imagina que horror era dançar com a marquiza de Vianna!

—Velha... tonta... feia... desequilibrada...

—Tudo isso é verdade. Mas tinha immenso espirito.

—Com aquella figura?!...

—Pois não.

—A critica, feita por ella, dos corações masculinos, é uma das mais interessantes que tenho ouvido em toda a minha vida. E você bem sabe como eu sou difficil!

—E o marquez?

—Era um lindo velhõ, e devia ter sido um rapaz gentilissimo.

—Quando o conheci era ainda um conversador ideal.

Tendo posto habilmente a conversa no campo das recordações e deixando cahir a proposito os nomes das mulheres que mais tinham impressionado os homens presentes, Leonor, como um general experimentado no campo de batalha, que tem nas mãos todos os fios que lhe hão-de dar a victoria, conduzia tão bem o ataque ao coração dos velhos que, em pouco tempo, todos esquecidos da sua preocupação habitual—Esther—riam ao passado com meiguice deixando voar rapidamente as horas.

A baroneza de Riba Calva sorvia pitadas,

admirando, como entendida, o habil manejo da cunhada. E, suspirando, pensava:

— Ah! mulheres! mulheres! quando o saber nos tornou fortes, já passou o tempo de aproveitarmos a nossa sciencia! Esta Leonor! que mulher! que mão de redea! póde governar a seis!... até a oito!

E de novo se pitadeava, gozando um espectáculo que para ella não tinha segredos.

Esther, não receiando galanteios dos velhos escutava-os attenta, calma e de sorriso nos labios. E Jorge, tendo recobrado de novo a sua serenidade, só tinha olhos para a amante.

Enlevado na sua contemplação, pareciam-lhe impossiveis as cousas monstruosas que lhe attribuiria e anciava estar só com ella para se lhe rojar aos pés, confessar-lhe tudo, e pedir-lhe humildemente perdão.

*

*

*

Tinham sahido todas as visitas da baroneza de Riba Calva. Ella propria se recolhera aos seus aposentos, depois de receber com altivez e apparente seccura as despedidas da filha, e ter cerrado

nas suas a mão da cunhada, lançando-lhe um ultimo olhar de intelligencia.

— Vamos para o meu toucador, disse a snr.^a D. Leonor á sobrinha.

E encaminharam-se para alli.

Esta senhora merece duas linhas de descripção.

Era velha, mas, pelos muitos cuidados que sempre tivera comsigo, conservava a pelle lisa e rosada, com restos ainda de frescor. O cabello, completamente envelhecido, parecia collocar-lhe sobre a fronte uma corôa de prata. A figura, bella e majestosa, impunha o respeito; e quem a visse, não poderia suppor que, sob aquelle aspecto de distincção e aristocratica austeridade, se escondia um coração de cortezã, vil e baixo, que não podia deixar de lamentar *já não poder*, mas que, ao contrario da maioria das mulheres que muito peccaram, era indulgente e benevola para as novas, folgando de lhes ouvir as confidencias e pondo sempre ao seu serviço a grande experiencia, sempre relembrada com prazer. Costumava dizer ás suas jovens amigas e consulentês:

— Não se deve nunca hesitar nos meios para conseguir os fins.

E sorrindo, comentava:

— Attingi sempre o alvo que me propuz.

Entrando no seu toucador, sentou-se n'uma

velha poltrona, sua confidente desde a adolescência, indicou á sobrinha uma cadeira proxima, e olhando-a atravez da elegante luneta, usada sem necessidade apesar dos annos, disse-lhe simplesmente:

— Falla.

Esther contou-lhe singelamente tudo o que se passara, e fê-lo sem córar, naturalmente, como se fosse a cousa mais vulgar do mundo.

A velha senhora sorria sempre com ar superior. Por fim, perguntou-lhe:

— E tu, se não fôsse essa miseravel questão de dinheiro, casavas com elle?

— Não hesitava um momento.

— E o ciume d'esses velhos a quem tens transtornado a cabeça? Não o temes?

— Não. Nunca lhes deixei provas. Trata-los-ia de insensatos se ousassem intrigar-me.

— Intrigar-te? Então tu julgas que elles são capazes só d'isso?

— Pois de que mais?

— De tudo. Crê-me, a idade não diminue a intensidade dos sentimentos; mas, desde que um homem deixa de estar para outro em igualdade de circumstancias, é capaz de o ferir pelas costas ou na sombra. O odio d'um velho é augmentado por toda a raiva da sua impotencia; e é mais, muito mais forte ainda do que

o seu amor, quando tem origem n'uma questão de ciúme.

—O conde de Agreirinha...

—E' o peor de todos! exclamou a tia Leonor como quem sabe demais.

E callou-se um momento para medir o alcance do que ia dizer:

—Olha, menina, dinheiro não é uma razão bastante forte para não casares com o teu escultor. Não levo para a cova os meus bens e não hesitaria em te fazer doação d'elles, reservando-me uma mezada, se não fossem razões muito superiores a essa. As mulheres do nosso temperamento não podem nunca amar muito tempo o mesmo homem, nem deixar de ter duas ou tres aventuras, em que entrettenham o espirito de intriga proprio do sexo. Ora quando estamos livres, alija-se o amante com uma facilidade extrema: um marido é mais, muito mais sério. Depois o teu amor pelo Jorge já está a declinar...

—A declinar, tia!...

—Sim, a declinar, visto que, ao seu importuno pedido, tu não hesitaste em oppor-lhe logo um *não posso*.

—Mas que devia, que podia eu fazer?

—Ganhar tempo. E' o que estava naturalmente indicado e, durante elle, proporcionar-lhe

meios de se apaixonar por outra, a quem generosamente te sacrificarias, quando o sacrificio se tornasse para ti uma satisfação. Tanto mais que o conde de Agreirinha, que tu pareces não temer, e que eu sei que é teu amante, é homem, apesar de velho, ou melhor por isso mesmo que o é, capaz de te matar e a elle.

— A tia está brincando! disse Esther empalidecendo.

— Não, menina, digo-te a verdade. Eu tive vinte e tres amantes. Podes vê-los, disse abrindo uma gaveta e estendendo-lhe um album. Fiz collecção. O conde foi o unico que me foi difficil manter a distancia sem escandalo: é um tigre!

— A tia foi amante do conde?!

— Fui... E estive para lhe morrer ás mãos. O ciume torna-o temivel. Ora, é forçoso confessar que a sua paixão por ti é muito mais intensa do que aquella que eu lhe inspirei. Não é uma questão de superioridade tua sobre mim,—oh, não! Antes pelo contrario, accrescentou precipitadamente a vaidosa velha—mas é o seu *ultimo amor*, e a força d'um ultimo sentimento só bem a comprehendem os que o sentiram já.

Suspirou, limpou uma lagrima furtiva e concluiu:

— Em poucas palavras, dir-te-hei os manda-

mentos a que toda a mulher deve obedecer em cousas de coração para viver alegremente. Se me juras segui-l'os, faço-te doação dos meus haveres. Ouve:

- 1.º Não tornar a casar.
- 2.º Não dares pela tua apparente conducta razão a que te attribuem um amante, embora tenhas quantos quizeres.
- 3.º Procederes segundo a minha opinião quando romperes com algum. Para evitar escandalos.
- 4.º Não dar nem acceitar cousa alguma a um homem.
- 5.º Não ter nunca o menor negocio ou communhão de interesses com os homens a quem te ligares. Não entra n'isto a menor ideia de dignidade tola. Não. Pódes crer-me. E' que os homens precisam e devem ser tratados como animaes de luxo, que trocamos por outros melhores ou mais raros, quando appareçam.

—Estou pasmada, tia Leonor! respondeu Esther folheando o album, e lendo á margem de alguns retratos notas mais ou menos espirituosas, mas quasi todas improprias de sahirem da mão d'uma senhora. Não a sabia tão engraçada, nem suppunha que...

— Que eu fôsse a decana das aristocratas galantes do meu tempo? Foi o que te não atreveste a concluir.

Esther acenou afirmativamente com a cabeça e a tia Leonor ajuntou com muita e descabida vaidade:

— Nobreza, Clero e Povo, tudo isso conheci. Encontrei nobres com almas de lacaios; plebeus, cuja altivez excedia a dos reis; padres com o espirito de atheus; enfim, aspectos brigando com os temperamentos, etc... um nunca acabar de surpresas. Fui muito leviana, fui. O que nunca tive foi este gosto pelas ruínas que observo em ti. Para mim uma criatura só merecia o nome de homem, quando em plena fôrça da vida. Nem antes, nem depois. No que respeita a manhãs e tardes da vida sou perfeitamente uma ingenua... e tinha curiosidade, confesso, de te fazer algumas perguntas bem indiscretas.

— Pois faça.

A conversa prolongou-se entre as duas até muito tarde. Quando, quasi de madrugada, Esther se retirou para o seu quarto, levava a cabeça tonta. Ouvira cousas que tinham encantado a sua imaginação de peccadora e, apesar da sua forte paixão pelo esculptor, estava tentada a proporcionar-lhe meios de se apaixonar

por outra, como a tia lhe suggerira. Rompendo com elle, seguiria o plano de vida que a velha lhe traçara.

A tia Leonor affirmara-lhe, ao reconduzi-la á porta do seu quarto:

— Na vida ha só dois caminhos: n'um, sacrificamos os outros; no outro, sacrificamo-nos a nós. Claro que o bom senso aponta-nos o primeiro. Emfim, pensa e escolhe, porque n'isto, como em tudo, eu entendo que nos devemos guiar pelo instincto.

Esther despiu-se á pressa, metteu-se na cama e não dormiu. O album da tia Leonor, o retrato do conde de Agreirinha e a nota suggestiva que o acompanhava, tudo lhe escandecia por tal fórma o cérebro, que não podia conciliar o somno.

Pensou em Maria Theresa de Antas, uma rapariguinha ingenua e timida, que tinha por Jorge de Lima uma grande paixão. Trahira os seus sentimentos contando-lh'os a ella, sua prima, que, ciosa do amante, evitou cautelosamente que d'ahi para o futuro se tornassem a encontrar. N'este momento resolveu alliar-se á priminha e seguir os conselhos da tia, tanto mais que podia desde logo usufruir a fortuna da velha.

Traçou rapidamente um plano; e, tendo-o

submetido á apreciação da tia Leonor antes do almoço, resolveu começar, n'esse mesmo dia, a executá-lo.

II

Maria Theresa, no seu jardim, compunha as trepadeiras que lhe emmolduravam a janella do quarto, quando o rodar d'uma carruagem a fez olhar para a cancella de ferro que separava o jardim da rua. Reprimiu a custo um movimento de contrariedade vendo a prima apear-se da linda victoria, de que habitualmente se servia nos dias de sol, e dizer-lhe amavel e sorridente:

— Abre, Theresinha.

A loira prima de Esther apressou-se a obedecer.

— Ora ainda bem que te encontro só. Lembra-te da confidencia que me fizeste ha tempos?

— Lembro, murmurou a rapariga baixando os olhos ruborisada.

— Nunca mais a esqueci e, desde então, systematicamente não voltei aqui. Eu sabia que elle tinha uma ligação antiga que precisava romper e, bem vê's... sem que o fizesse, não queria apoiar-te por um caminho onde havia tanto a recear... percebes-me?

— Eu não! mas...

— Tens razão. Esquecia-me de que és pouco menos do que parva. Ahi vem tua mãe. Tu vaes sahir commigo, ouviste? Pelo caminho explicar-te-hei tudo melhor.

E dirigindo-se á tia que se aproximava:

— O' minha querida tia! desculpe ter ficado aqui a dar á lingua com Theresinha em vez de ter corrido a abraça-la. — Mas sabe? — fallava-lhe justamente da tia. Perguntava-lhe se o doutor tem vindo e qual a sua opinião. Geralmente os doentes são sempre as pessoas mais mal informadas do seu estado. Então como se sente?

E beijava-a, ternissima.

— E's encantadora, Esther! Tão meiga, tão attenciosa, tão bôa! Não se póde deixar de gostar de ti.

— Mas não me respondeu...

— Estou melhor, minha filha, muito melhor. Não vês como já mexo o braço? Mas, dize-me, julguei que estavas zangada commosco. Não tens apparecido...

— Não tem sido por falta de vontade. Todos os dias me lembro, mas esta vida de Lisboa é assim...

— Vem para dentro. Não é bom estar parada ao sol.

— Sabe que lhe venho fazer um roubo?

— Se são flôres, vens em má occasião. O jardim está depennado: foram todas hontem para a festa dos Inglesinhos.

— E' uma flôr de outra especie. — Theresinha — que eu quero levar hoje commigo á exposição de cravos, e guardar até á noite. E, ou lh'a mando depois na minha carruagem, ou mando buscar os tios, quando chegarmos a casa, para lá irem jantar.

— Jantar, não. Bem sabes que o tio Paulo não gosta de comer fóra. Mas á noite, sim, iremos. Vamos a pé: faz-nos bem andar. Agora para a volta é que não te recuso o trem. Vae-te vestir, Theresinha. Olha, leva um vestido claro, menina. O dia está lindo!

E, seguindo com um ternissimo olhar a filha que se affastava, dizia a Esther:

— Olha que isto de deixar ir a pequena commigo, é uma prova de confiança que eu não dou a toda a gente.

— Sei. Por isso a vim cá buscar e... e tambem por outra cousa... porque não gosto nada de V. Ex.^ª

E abraçou e beijou a tia com grande effusão.

— Basta, menina, basta que me tiras a respiração!

— E' porque não gosto da tia.

— Has-de ser eternamente criança! Já não

tens idade para isso. Mas, dize... O que é a outra cousa? Fico com curiosidade.

—Mysterio que os seus olhos não podem profundar senão... ahi por meados do proximo mez.

A tia Joanna tinha, como toda a gente, as suas caturrices, e quem a quizesse pôr de bom humor, não precisava mais do que dar-lhe qualquer cousa. Tanto fazia que prestasse como não. O que a captivava era a lembrança. Tinha um caderninho em que, desde criança, escrevia as datas em que lhe offereciam cousas, e o seu maior prazer era, no dia 15 de abril, encher trez ou quatro paginas do caderno, com a lista das prendas recebidas.

Irmã da baroneza de Riba Calva, differia d'ella completamente. Era uma criatura boa, affavel, terna, que na sua casa, no marido e na filha, encerrava as suas ambições e affectos. *Fóra do lar não ha ventura.* N'estas palavras resumia o seu modo de ser e de sentir, e sempre por ellas guiara o seu proceder.

A irmã olhava-a desdenhosa e com superioridade ironica. Ella estudava-a sempre com susto não isento de espanto, e, sem a perceber, tinha por ella uma grande piedade.

Não havia intimidade entre ambas nem podia have-la: eram os dois pólos.

Theresinha voltou instantes depois, trajando um elegante vestido côr de grão com violetas roxas bordadas, e um lindo chapéu de violetas de Parma e folhas de hera. Trazia um guarda-sol igual ao vestido, e parecia, não uma rapariga solteira, mas uma recém-casada com o seu ar grave e vestuário cuidado em excesso para tão verdes annos. Despediram-se e subiram para a victoria. Abriram as sombrinhas, acenaram ternamente á snr.^a D. Joanna, e depois de Esther ter dado ao cocheiro uma ordem que a tia não pôde ouvir, partiram a trote largo.

Theresinha anciava porque sua prima a elucidasse, mas, ingenua e acanhada, não se atrevia a romper o silencio, esperando impacientemente que a prima o fizesse. Esta, por um sentimento innato de crueldade, resolveu-se a prolongar a anciedade da sua amiga emquanto isso não prejudicasse os seus proprios interesses.

Por fim, Theresa, pesando-lhe demais o silencio, perguntou com voz tremula e sem se atrever a fitar Esther:

— Então o que prometteste dizer-me, Esther?

— Tenho estado a pensar no modo por que me hei-de fazer comprehender de ti.

— E' então muito difficil?

— Ora, dize-me, que entendes tu por amante?

— Um homem ou mulher que gosta de

alguem do fundo de alma. Por exemplo, uma mãe amante entendo que é uma mulher extrema pelos filhos... não é isto?

— Sim, á palavra podem-se attribuir varias acepções, mas se ouvires dizer: o amante de Ignez... que entendes tu por isso?

— O homem que namora, que gosta de Ignez.

— Em rigor devia ser isso, mas é mais alguma cousa. Geralmente, é o homem que vive com uma mulher como se fôsse seu marido, e que não o é, nem o vem nunca a ser, na maioria dos casos.

— Ah! sim?...

E Theresinha baixava os olhos contrafeita, vexada, sem bem saber porquê.

— Pois bem. Jorge vivia d'esse modo com uma criatura pouca séria a quem não podia dar o seu nome...

— Não lhe podia dar o seu nome?!... e porque razão?

— Porque já tinha vivido do mesmo modo com muitos outros.

— Que horror! Então para que a quiz elle?

— São vulgares, mesmo nos homens mais sérios, estas verduras loucas, proprias dos poucos annos. A's vezes acompanham-nos durante toda a vida; mas o mais natural é pôrem-nas

de parte ao encarar a existencia pelo lado sério e pratico.

— E é esse o caso de Jorge?

— Assim o creio. Tinha uma d'essas ligações passageiras com uma hespanhola elegante e graciosa, que encontrou n'um café que ahi ha, chamado o *Chat Noir*. Ella cançou-se de o aturar e deixou-o.

— Coitado! Teve grande desgosto? perguntou Theresa com muita e sincera pena.

— Não. Aceitou o abandono com grande philosophia. Os homens são quasi sempre assim.

Fez-se um silencio. Depois Esther continuou:

— O seu coração está agora devoluto. E' o momento propicio para o chamar ao bom caminho. Deixa-me manobrar.

— Entrego-me nas tuas mãos, filha... Bem sabes que eu...

— Pois bem. Só te imponho uma condição.

— Dize.

— Jura-me pela vida de tua mãe que, mesmo depois de casada, nunca lhe dirás que me encarreguei de o levar a casar contigo...

Theresinha, solemne, estendeu a mão a Esther e disse-lhe com o coração nos labios:

— Juro-te pela vida de minha mãe, que, mesmo depois de casada, nunca lhe fallarei em

ti senão como d'uma parenta que se estima e nada mais.

— Comprehendes a razão que motiva o meu pedido? O papel de enredadeira de amores já não é proprio nem da minha idade nem da minha posição de viuva respeitavel e respeitada.

— Dizes bem. Eu não sei como deva agradecer-te, Esther... Quero-lhe tanto!

O sangue affluiiu ao rosto de Esther e pareceu-lhe que esta confidencia da prima lhe cravara um espinho no coração. Voltou naturalmente a cabeça para o lado opposto, para lhe occultar a que ponto estava perturbada.

— Que lindo dia que está! exclamou Theresinha, respirando a plenos pulmões, na tepidez do ar, a alegria immensa de viver.

A carruagem parou á porta do *atelier* de Jorge.

Esther saltou lestantemente em terra. Deu a mão á prima e murmurou-lhe ao ouvido:

— Não te mostres admirada nem recuses cousa alguma do que eu exigir.

Subiram a escada conversando, rindo, e falando sempre muito alto. Esther bateu com os nós dos dedos na porta da officina. Jorge veio abrir e ficou consternado ao ver que a sua amante não estava só.

— Viemos talvez incommoda-lo ?

— De modo algum, minhas senhoras. Dão-me muito gosto.

— Tentarei acreditar que é assim, por commodidade propria.

— Mas é, com toda a certeza... E V. Ex.^a, que pela primeira vez me honra com a sua visita, estranha, decerto, o feio desalinho de tudo isto.

— Mas não... pelo contrario...

E Theresinha ruborisava-se, sem bem saber o que dizia.

— Pois hoje não é uma visita de amizade nem de curiosidade artistica. E' uma encomenda de que me encarregaram para você e que eu me atrevi a acceitar, garantindo que serviria de empenho para que a dêsse em tempo proprio.

— Eu tenho tanto que fazer...

— Mas isto é muito urgente.

— Diga V. Ex.^a

— Olhe que tenho um grande empenho... veja o que me vae responder.

— Que cumprirei as suas ordens, minha senhora.

— E' um grupo pequeno, assim, pouco mais ou menos, (e mostrava-lhe o tamanho) representando a felicidade materna. Theresinha, erguendo

uma criança nos braços e embalando com o pé o berço em que repousa outra mais pequenina.

— Ah! esta senhora presta-se a *pousar*? E as crianças?

— Fica tudo ao meu cuidado.

— Mas eu hei-de reproduzir uma ideia estranha?! disse o artista n'um impeto de orgulho e contrariedade.

— Não me parece que uma ideia minha possa ser estranha para você; mas... se me engano...

— Por Deus, senhora D. Esther, V. Ex.^a melindra-se com tudo.

— Quando tenho razão.

— Mas n'este momento...

— Se quer que lhe perdôe, vá jantar hoje a minha casa.

— Hoje, é-me completamente impossível.

— Porquê? indagou Esther tornando-se séria.

— Porque tive um convite a que não posso faltar. Mas á noite, para lhe mostrar o empenho que ponho em acceder aos seus desejos, lá me tem.

— É quando quer cá os seus modelos?

— Depois de amanhã, das 11 ás 2.

— Será abusar por muito tempo da paciência de V. Ex.^a, minha senhora? perguntou Jorge de

Lima, dirigindo-se a Theresa e fitando-a com um olhar de simpathia.

— Oh! não, respondeu ella córando. Estimarei muito vir.

E, receiando ter feito uma affirmação que mostrasse os seus sentimentos, accrescentou:

— Eu nunca *pousei*, e tudo isto para mim tem o interesse da novidade.

Jorge estremeceu. A acuidade em que os seus nervos estavam desde a vespera, pois que, ao sahir de casa da baroneza, voltara ao estado que a musica e a arte de Leonor tinham acalmado, e tomara, se é possível, maior intensidade ao ver que a sua amante não vinha só, incommodou-se ao ouvir a expressão *interesse da novidade*. Seria isso que mudara o character da sua amante, o interesse de qualquer novidade sentimental?

Acompanhou-as á porta. Esther, despedindo-se, transmittira-lhe, n'um aperto de mão affectuoso, a pena que tinha de o não poder beijar. Esse desejo era forte n'ella, como tudo quanto lhe offerecia um obstaculo. Por isso o esculptor sentiu-se momentaneamente consolado e envolveu-a n'um olhar em que ia toda a sua alma. Esther sentiu-se perturbada e arrependeu-se de ter levado comsigo Theresinha. Entretendo com a prima uma conversa banal, pensava: «Creio

que não terei nunca a precisa fôrça de vontade para não escutar de todo o coração. E' estúpido!

E, como desforra dô calculo sobre o sentimento, ordenou ao cocheiro:

— Ao Ferrari.

Era n'esse tempo uma das mais elegantes pastelarias da moda.

A'quella hora o conde de Agreirinha vinha vê-la alli.

Jorge, quando Esther sahiu com a prima, atirou-se despeitado para cima d'uma cadeira, murmurando:

— Isto não pode continuar assim. Ou se continua, acabo por enlouquecer!

E pronunciando estas palavras, quebrava, nervosa e inconscientemente, nas mãos, uma artistica faca de papel.

*

*

*

O conde de Agreirinha, que toda a vida fôra um ciumento, tinha, desde que envelhecera, a arte de occultar o que lhe ia na alma. Nunca vira com bons olhos a intimidade do esculptor com a *pequena* Riba Calva, como elle, nos seus

soliloquios, chamava a Esther. E, no serão a que assistimos e a que elle não faltara, notou os varios estados por que passara a alma do esculptor. O ciume, attingindo rapidas proporções, fê-lo tomar prompta decisão.

A' sahida apoiou-se no braço do seu rival e disse-lhe n'um tom amigavel:

— Vou fazer-lhe um pedido, Lima. Vá jantar commigo amanhã.

— Amanhã?

E o esculptor ia tentar uma delicada recusa, quando o conde de Agreirinha ajuntou:

— Trata-se d'um favor a prestar a Esther e careço do seu concurso. Posso contar comsigo?

— Da melhor vontade.

— Olhe, accrescentou naturalmente o conde, se estiver com ella, não lhe diga nada ácerca d'esta combinação. Eu depois lhe explicarei porquê. Vá cedo... sim?

E despediu-se do artista com um ar benevolo e amigavel, que era tão falso quanto parecia sincero: — não é dizer pouco.

Jorge pensava, de quando em quando, no que lhe quereria o conde, mas estava longe de presumir aquillo de que se tractava. Quando entrou, pelas 6 horas da tarde do dia seguinte, em casa d'elle, o antigo diplomata, tendo-se remoçado, tanto quanto possivel, pelos cuidados

do toucador, veio ao encontro do seu convidado com o mais cordeal aspecto.

— Não sei como agradecer-lhe, meu caro Lima, a graciosa pontualidade com que accede ao meu convite.

— Era um dever, mas ainda mais uma satisfação.

— E' muito amavel. Como é cedo e tenho alguns amigos mais a jantar, aproveitarei expôr-lhe primeiro o assumpto para que lhe pedi a fineza de vir aqui. E não estranhe, visto que se trata da honra d'uma senhora, que eu lhe peça a sua palavra de que guardará o mais completo segredo ácerca de quanto lhe confiar.

Jorge estremeceu, julgando que Agreirinha lhe ia fallar da sua ligação com Esther, talvez por incumbencia da mãe d'esta, e deu commovido a palavra que tão urbanamente lhe pedia o seu interlocutor.

Então o conde recostou-se na cadeira, e, com um ar compungido, perguntou-lhe:

— Que idade julga o Lima que eu tenho?

— Não sei... V. Ex.^a está tão bem conservado!

— Sessenta e oito... N'esta idade, é natural pensar na morte, e confesso-lhe que a sua imagem me persegue por toda a parte, causando-me de dia para dia maior desanimo. Como sabe,

sou rico e não tenho herdeiros forçados. Ha uma meia duzia de annos, tive a leviandade de me apaixonar por uma senhora, tão nova que podia ser minha filha. Declarei-lhe este sentimento e, não sei bem como nem porquê, essa senhora, a quem eu não teria hesitado em dar o meu nome, tornou-se minha amante.

Jorge sentia a vista perturbada e uma angustia immensa confrangia-lhe o coração. Tinha a pallidez d'um cadaver.

O velho brincava naturalmente com a luneta e não o olhava, como se a confissão que estava fazendo lhe fôsse excessivamente penosa.

— Em todo o tempo da nossa ligação tem-me dado sempre as mais inequivocas provas de amor. Casar com ella seria cobrir a sua juventude com o ridiculo d'um casamento a que todos attribuiriam o interesse, quando ella tem a alma mais elevada e nobre que em toda a minha vida tenho conhecido. Pensei, pois, em fazer um testamento paternal e deixar-lhe toda a minha fortuna, como reconhecimento pela ventura sem nuvens de que encheu os meus ultimos dias. Nomear testamenteiro qualquer amigo da minha idade, é arriscar-me a que elle morra primeiro de que eu ou mesmo a que não tenha vida para cumprir inteiramente a sua missão. Depois, os velhos, geralmente, são indiscretos, e—o meu

amigo comprehende,— ser-me-ia extremamente penoso vê-los sorrir d'um sentimento que é toda a minha alma, embora eu seja o primeiro a reconhecer que briga com os meus cabellos brancos. Aqui, n'esta gaveta, (e abriu-a) estão estes maços de cartas e os seus retratos. Nem uns nem outros a compromettem: ella é muito prudente no que escreve... e eu sou tão velho! Queria pedir-lhe que me fizesse metter uns e outros no caixão.

Jorge fitava sem ver os tres maços de cartas, atados com lindas fitas de setim côr de rosa, e os retratos de Esther. Um suor frio inundava-lhe a fronte e difficilmente se dominava.

—Estou-o contristando com estas penosas ideias, improprias da sua juventude, meu caro amigo. Agora que o fiz depositario das minhas ultimas vontades, diga-me com franqueza: acha alguma cousa a censurar nas minhas disposições?

—Absolutamente nada, respondeu Jorge, não sem grande esforço.

—Como lhe fico grato por não ter sorrido dos meus sentimentos, e pela gravidade com que me escutou!

E dizia tudo isto n'um tom tão repassado de sentida commoção que a nobre alma de Jorge impressionou-se e lamentou-o... apesar de tudo.

Entraram varios amigos. O jantar foi uma tortura horrivel para o joven escultor que estava sob a impressão moral de que o mundo desabara em volta d'elle.

Foi o primeiro conviva a retirar-se sobre o pretexto d'uma entrevista.

Seguiu para casa cambaleando como se fôsse um bebado. Entrou na officina e, sem accender luz, ás apalpadelas, tirou da parede um punhal envenenado, que estava collocado n'um tropheui de armas gentilicas, e cravou-o até ao cabo no coração, murmurando:

— Perdoae-me, meu Deus! Não tenho fôrça de viver.

*

*

*

No dia seguinte, quando Esther e Theresa se encaminhavam para o estudo do escultor, viram á porta uma grande multidão.

Inquieta, sem pressentir porquê, Theresinha disse á prima:

— Que será?

— Não tardaremos muito em o saber, redarguiu Esther sorrindo.

Mas, chegando perto do grupo que interce-

ptava a porta, a filha da baroneza de Riba Calva soltou um grito dilacerante e cahiu desmaiada no chão. Theresa, comprimindo o coração com ambas as mãos, chorava impetuosamente, como choram as crianças.

A' noite, na sala da baroneza de Riba Calva, Esther, vestida de velludo preto, com uma blusa de rendas brancas, para evitar que o escuro lhe denunciasse a extrema pallidez do rosto, fazia, como de costume, as honras da casa, não se mostrando mais impressionada pela morte do esculptor do que era natural tratando-se d'um frequentador da sua casa.

O conde de Agreirinha, horrorizado pelo epílogo da vingança que conscientemente exercera, desabafava, cheio de remorsos, a sua confiança no complacente ouvido da tia Leonor.

Esta, que não se impressionara muito com a morte do pobre rapaz, sorria superiormente. Por fim exclamou:

— Como os homens mais intelligentes são estúpidos quando o ciúme os desvaira! Sabe o que ganhou com a morte do Jorge, meu caro amigo?

— ?

— Esther fará ao morto todos os sacrificios que recusou ao vivo. A Esther, que está vendo, já não tem nada da mulher fragil e leviana que

ainda hontem aqui estava a deixar-se amar pelos velhos. Esther deixou de ser hysterica e vae passar a ser estoica! O coração feminino é o symbolo da inconsequencia, Agreirinha. Você já está muito velho para aproveitar esta lição da vida, mas conte-a aos novos, conte-a aos novos. E' todo o proveito que póde tirar d'ella.

E soltou uma gargalhada onde soava a satisfação d'um coração de vibora.

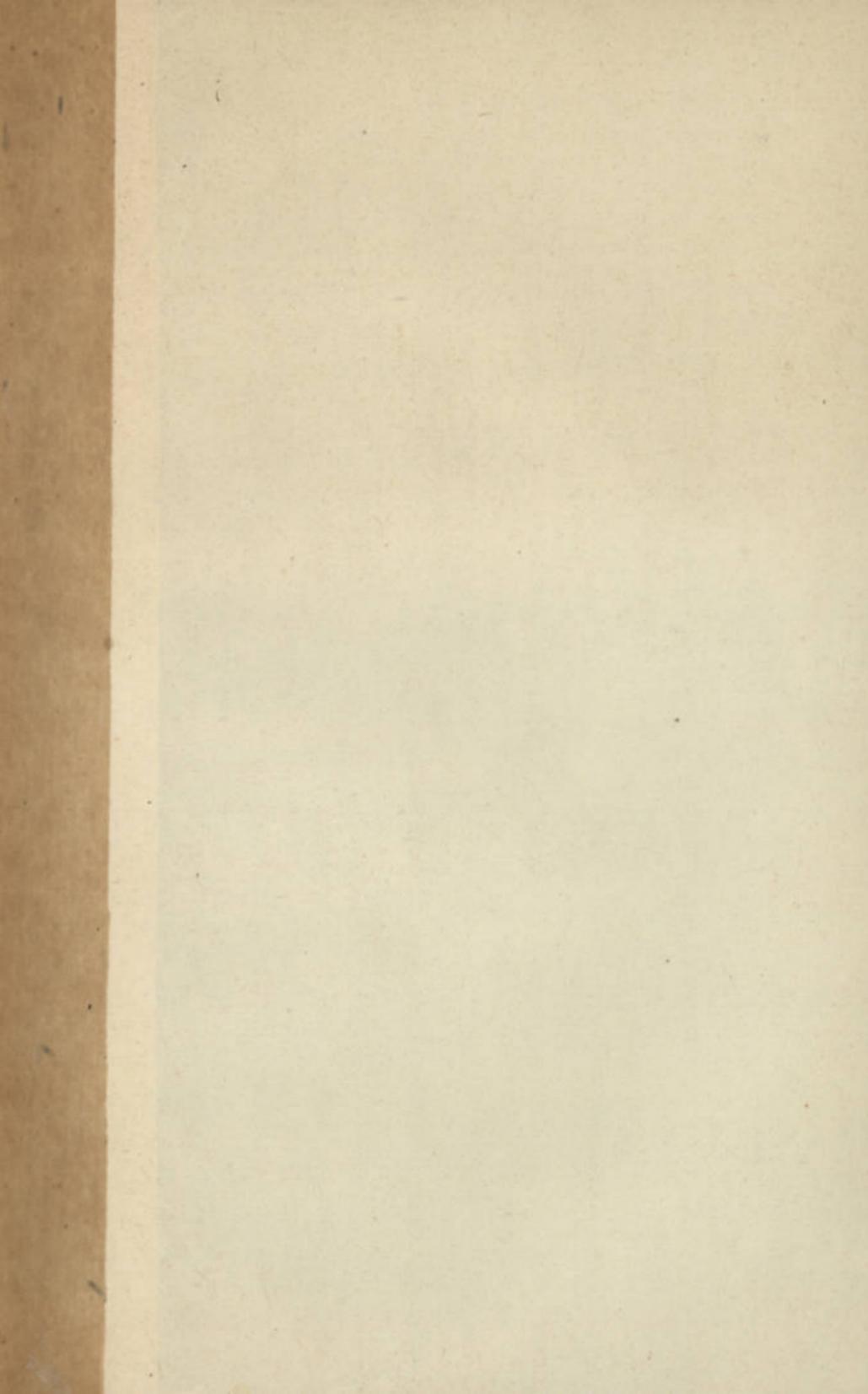
.....

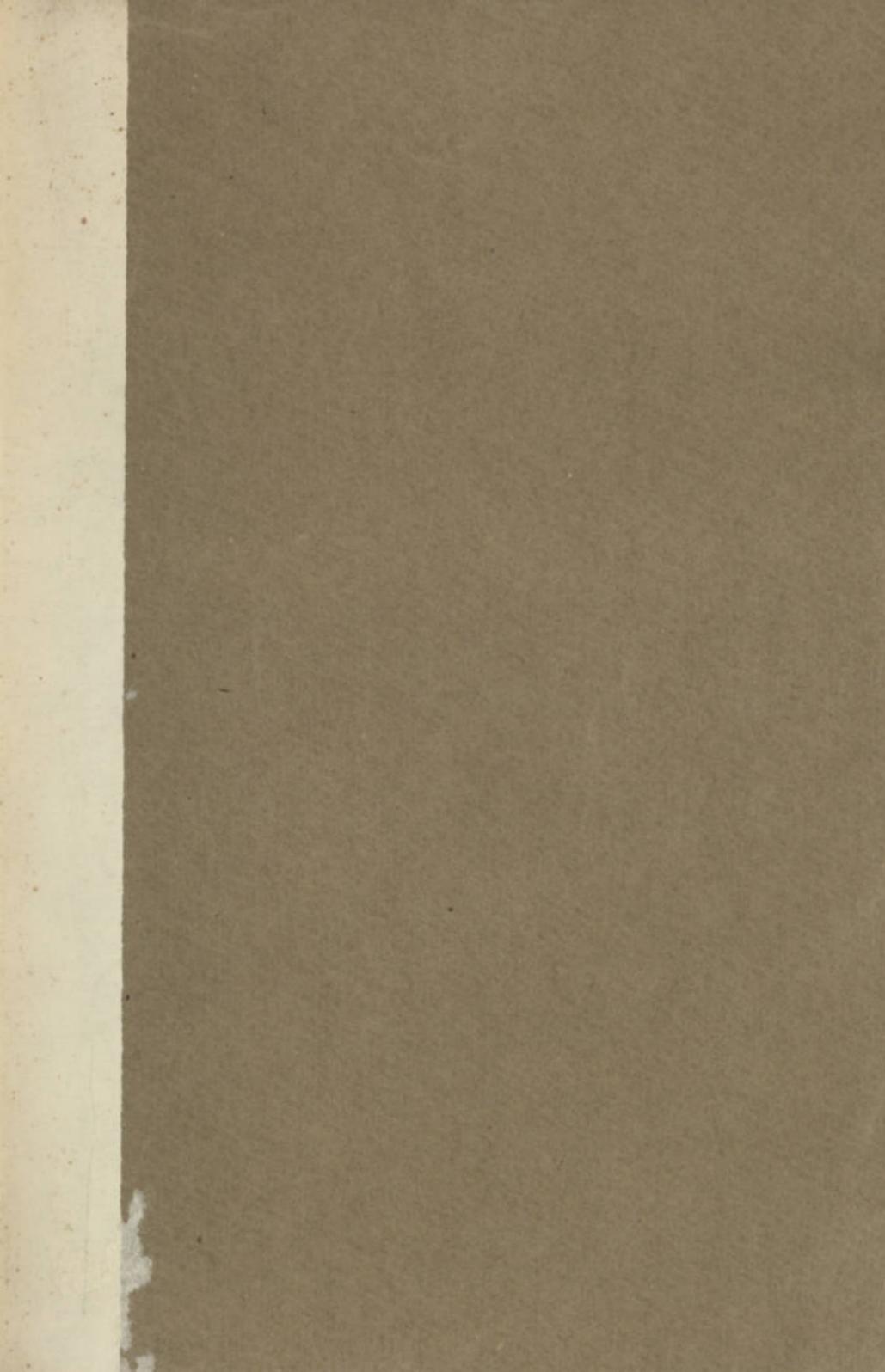
Passaram annos. Quando o conde de Agreirinha morreu, apesar das predições da tia Leonor se terem cumprido á risca, deixou a Esther toda a sua fortuna. Ella, com grande escandalo da mãe e da tia Leonor, repartiu tudo pelos pobres, menos a cadeira em que viera a saber que Jorge ouvira a confidencia do conde.

A tia, sceptica e furiosa, dizia despeitada:

— Não percebo para que ella quer guardar o poste do supplicio!

Se entrasse no quarto da sobrinha, veria que era n'elle que Esther se apoiava quando elevava a Deus as preces do seu arrependido coração.





14
